

ALGEMAS ABERTAS

Armando Fernandes de Oliveira

8ª edição - Março/1996 - 3.000 exemplares

Capa:

Rita Foelker (arte-final)

Cláudia Bertoncello (desenho)

Direitos autorais.

O Escritor Armando Fernandes de Oliveira aplica integralmente em obras assistenciais os direitos autorais de seus livros.

Edição e Distribuição:

EDITORA

Rua Madre Valéria, 903 - Caixa Postal 93

CEP 13360-000 - Capivari-SP

Fone/Fax: (0194) 91-3878

Endereço do autor:

Armando Fernandes de Oliveira

Rua Adalberto Maia, 190 - Ed. Paula - 3º Andar

Bº Taquaral - Fone: (0192) 42-0454

13090-070 - Campinas - SP

Oliveira, Armando Fernandes de

Algemas Abertas. Capivari, Gráfica e Editora

do Lar/ABC do Interior, 1ª Edição; Capivari, Editora

EME, 2ª Edição.

174 p.

1 - Espiritismo. Romance

CDD - 133

ÍNDICE

Prefácio

A guisa de apresentação

1 - Mansão "Azul Celeste"

2 - Expectativa otimista

3 - O retorno à veste física

4 - Murilo e Valéria

5 - O casamento

6 - O nascimento de Cristina

- 7 - A frustrada conquista
- 8 - Experiências gratificantes
- 9 - O inimigo do passado
- 10 - Resgates dolorosos
- 11 - Tratamentos desiguais
- 12 - Atendimento fraterno
- 13 - O palhaço Bombom
- 14 - De espinhos, sem dúvida
- 15 - O remédio das almas
- 16 - A queda providencial
- 17 - A ovelha perdida
- 18 - Curioso contraste
- 19 - Agora sou feliz!
- 20 - Prisão e fuga
- 21 - A visita de Cristina
- 22 - Lágrimas amargas
- 23 - Capturado novamente
- 24 - Diálogo proveitoso
- 25 - Cristina, é você?
- 26 - Início de redenção
- 27 - O sonho revelador
- 28 - Dique, o companheiro
- 29 - Tratamentos específicos
- 30 - Sofrimento superlativo
- 31 - Expição reparadora
- 32 - A morte é vida!
- 33 - O Evangelho no Lar
- 34 - Dirimindo dúvidas
- 35 - Reinaldo e Cíntia
- 36 - Oportunos esclarecimentos
- 37 - Servidor do Cristo!
- 38 - A liberdade, enfim
- 39 - Ao encontro da vida!
- 40 - Algemas abertas

DO MESMO AUTOR:

- CANDEIA ACESA - páginas espíritas;
- JORNADAS DE REDENÇÃO - romance;
- TERCEIRA REVELAÇÃO - temas doutrinários;
- CATIVOS DO PASSADO - romance;
- VIDAS EM CONFLITOS - romance;
- ALGEMAS ABERTAS - romance;
- PAIXÃO E VINGANÇA - ROMANCE.

Em parceria com outros autores:

- SEAREIROS DA ATUALIDADE (volume 1) - temas doutrinários;
- ESTAMOS UNIDOS - temas doutrinários.

PREFÁCIO.

O que seria do verde se todos gostassem do azul, diz o ditado popular. Isso também ocorre no que se refere às artes, aos esportes e às atividades culturais. E, como não poderia deixar de ser, também no que concerne à literatura. Há os que gostam de livros que tratam de prosa, de poema, de teatro, de conto, de ciência, de filosofia, de religião, de romance, etc. E há os que mudam; ontem liam romance, hoje lêem biografias e amanhã lerão filosofia. Pode ser por causa do amadurecimento, mas também porque desejam conhecer outras facetas da literatura.

No meu caso, no que se refere ao Espiritismo, comecei com os romances, passei para as mensagens e hoje dou preferência aos livros que tratam de ciência e filosofia, embora esporadicamente leio romances. E o que estou prefaciando é excelente, porque possui um maciço conteúdo doutrinário. Todo o desenrolar dos acontecimentos criados pelo autor, contém a mensagem explicativa da Doutrina Espírita, no seu tríplice aspecto.

No presente livro, temos o médium espírita Matias, o seareiro incansável, que está sempre à disposição dos que o procuram para transmitir orientação ou a palavra amiga; há o palhaço Bombom, que alegra as crianças e adultos, mas que chora as amarguras de seu pungente drama sem entreato, pois o seu problema é insolúvel; há a bondosa Matilde, que embora sofra por causa do angustiante problema familiar, ainda lhe restam paciência e compreensão para enxugar as lágrimas dos que se encontram em piores condições. Há o Reinaldo, belo moço, mas doidivanas, que acaba nas grades do xadrez, onde depois de alguns anos de amarguras recebe a visita daquela que o fará mudar de caminho, por se tratar de seu grande amor, trazendo também alegria à sua mãe, tão sofrida, por causa dos problemas de seu filho. Há, ainda, outros importantes personagens, que sofrem o guante de lancinantes dores, somente suportáveis, graças aos benfeitores que os assistem, embora não possam carregar as suas cruzes, pois seria violar as Leis Divinas, que preceituam que a semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória.

Realmente, não existem pessoas neste mundo, que não tenham algum problema, por simples que seja, porque estamos num mundo de provas e expiações, cujos habitantes, com raras exceções, ainda chafurdam nos vícios e se comprazem no mal, que resultam em atrozes sofrimentos.

O livro, portanto, é um manancial de ensinamentos, transmitidos pela vivência dos personagens da presente obra do consagrado romancista Armando Fernandes de Oliveira.

São quarenta capítulos de um bem engendrado romance, que irá emocionar os leitores, por mais insensíveis que sejam.

Antônio Fernandes Rodrigues

À GUIA DE APRESENTAÇÃO

O romance que o leitor tem nas mãos relata histórias da vida, facilmente flagráveis por nós a cada passo.

Se algo daquilo que consta das páginas desta obra assemelhar-se a fatos do seu viver, deverá ser levado em conta como fortuita coincidência. Não tivemos em mente consignar, no livro, episódios da vida de quem quer que seja.

Os personagens principais da história, em suas vidas atribuladas, nos dão exatamente a medida do comportamento que devemos adotar, a fim de seguirmos a estrada reta das ações nobres e edificantes. A Lei Divina é imutável, não comportando privilégios. Nada ocorre à revelia da Vontade de Deus; todas as coisas têm uma razão de ser.

Feliz daquele que vivencia as lições de amor, ensinadas pelo Cristo; além de sofrer menos, chega mais rapidamente à perfeição moral e espiritual, embora esta seja sempre relativa, jamais absoluta! Aquele que abandona o verdadeiro caminho, para dar preferência aos atalhos convidativos de ilusões passageiras, irá conhecer de perto a dor e a lágrima; isso porque deu maior atenção às coisas enganosas do mundo, entregando-se inclusive ao egoísmo e ao orgulho, que tantas vítimas têm causado ao longo dos milênios que se perderam na voragem do tempo.

Os que optaram pelos atalhos ilusórios estarão perdidos para sempre? Não! O caminho de volta lhes facultará a chegada à Casa do Pai. A parábola do filho pródigo nos esclarece suficientemente a respeito (Lucas 15:11 a 32). O que ocorreu com o filho pródigo está ocorrendo com todos nós, integrantes da Humanidade. Existem aqueles que estão abandonando a casa paterna; existem os arrependidos; existem os que já estão de volta, enfrentando sofrimentos e rudes sacrifícios; existem aqueles que já foram recebidos pelo Pai de Infinita Bondade: Deus. O exemplo dado por Jesus é claro e insofismável.

O presente romance contém histórias de vidas sofridas, pontilhadas de atos e coragem e determinação, cujos personagens conquistaram, no epílogo, a auréola dos vitoriosos.

Assim, o nosso escopo, ao narrar tais histórias, é o de que os exemplos de abnegação e renúncia, vividos, possam igualmente ser o esperado apoio nas horas amargas e difíceis de nossas jornadas, tão plenas de alternativas de sofrimentos e de alegrias. Tal situação tem como objetivo principal, aprimorar o nosso espírito ávido de progresso e libertação.

A mensagem que o livro contém é clara: Deus é Misericordioso, Sábio e justo sem quaisquer restrições.

Todos os conceitos que colidem com a perfeição e grandeza infinitas do Criador do Universo, só podem ser danosos à nossa compreensão e felicidade espirituais.

Que o Senhor da Vida nos conceda as dádivas da saúde e da paz, hoje e sempre.

Campinas, Inverno de 1988

O Autor

ALGEMAS ABERTAS

Armando Fernandes de Oliveira

Capítulo 1 - MANSÃO "AZULCELESTE".

Diante dos olhos curiosos de Áurea e Miguel, estava um prédio majestoso, edificado em plano mais elevado, dominando, portanto, toda a paisagem. Sua estrutura em azul celeste era simplesmente maravilhosa! Circundado por espaçosas janelas, no momento, quase todas abertas. Ao seu redor, como sentinelas vivas, árvores frondosas, belíssimas, reproduziam um verde até então desconhecido pelos dois visitantes. As árvores estavam plantadas a regular distância umas das outras. Entre elas, podia-se observar canteiros de flores de variados matizes, plenas de viço e beleza, emprestando ao ambiente um colorido singular. A brisa refrescante que soprava de leve, impregnava a atmosfera com os subtis perfumes das flores, jamais vistas na Terra. Em cima do prédio havia três torres octogonais, terminando em ponta, parecendo tocar a abóbada celeste.

Áurea teve a impressão de que as vibrações de mais alto, em favor daquela laboriosa comunidade, chegavam através das torres pontiagudas.

A movimentação de espíritos no local, era intensa, quase todos trazendo estampada no rosto uma expectativa de êxito para os ideais almejados. Áurea e Miguel foram caminhando em direção à porta de entrada do prédio, em cuja fachada, em letras brancas, salientes, podia-se ler o nome: Mansão "Azul Celeste".

Atingiram uma escada, trabalhada em material semelhante ao mármore, de uma brancura imaculada. Os degraus eram gostosos de se pisar, sem serem macios. No topo da escada, um pequeno patamar e, em seguida, uma robusta porta que impunha respeito. Estava entreaberta.

Logo à entrada deram os seus nomes ao atendente: um jovem sorridente e atencioso.

- Caminhem por este corredor --- disse ele -, ao final, à esquerda, há uma sala de espera; aguardem aí a vez. Em cima da porta do gabinete do irmão Saulo, há uma lâmpada verde, assim que ela acender-se, poderão entrar.

Agradeceram a informação e foram caminhando pelo espaçoso corredor, ladeado por muitas salas, nas quais havia intensas atividades. Chegaram à sala indicada, acomodando-se em fofas poltronas. O ambiente era acolhedor, pleno de calma que tocava as fibras mais íntimas das almas, reequilibrando-as e transmitindo-lhes uma confiança sem par em um futuro melhor, embasado em fraternidade. Ali, os pensamentos se harmonizavam em torno de ideais sublimados, à procura da sabedoria e do amor infinitos.

Após breve momento de espera, a lâmpada acendeu-se; era chegada a ocasião da entrevista com o irmão Saulo. Entraram. A sala, bastante ampla, estava ocupada com mesas tipo escolar; à frente uma escrivaninha, atrás dela, sentado, estava o irmão Saulo; na parede do fundo, às suas costas, portanto, um quadro destinado a apontamentos a giz. Era uma autêntica sala de aula, semelhante às conhecidas aqui na Terra. Ao lado direito da sua mesa, duas poltronas iguais às da sala de espera. Saulo, conquanto maduro na aparência, tinha movimentos desembaraçados e resolutos, como os dos jovens. Falava com extrema facilidade, fazendo-se entender com precisão.

- Sentem-se - falou, indicando as duas poltronas. - Então o irmão Miguel, quer retornar à carne, mais uma vez?

- Perfeitamente . . . isso se Deus permitir.

- Sabe que já estagiou na Terra, incontáveis vezes?

- Sei, sim. Como também sei que não fui nada feliz nessas oportunidades concedidas pela Misericórdia Divina.

Saulo sorriu compreensivelmente, perguntando a seguir;

- Agora dispõe de mais recursos e forças para vencer?
- Penso que sim. Estou conscientizado dos verdadeiros sentidos da vida.
- Nas oportunidades desfrutadas você não enfrentou graves dificuldades, daí o seu pouco aproveitamento. As experiências difíceis ensejam aprimoramento mais rápido. A dor é fundamental no refinamento dos seres humanos; assemelha-se a fogo depurador eliminando, a pouco e pouco, as mazelas morais que teimam em não nos abandonar. Conhece algo do seu passado?
- Conheço. Sei que pesam sobre mim grandes débitos seculares e que é chegado o momento de resgatá-los - adiantou Miguel, confiante.
- A sua nova jornada terrestre vai ser bem diferente das demais já desfrutadas. O amigo vai ser severamente provado, pagando inclusive as dívidas do pretérito.
- Você desconhecerá a maneira de como vai poder libertar-se delas. Normalmente os espíritos de certa compreensão, tomam conhecimento dos lances mais agudos da sua futura vida; no seu caso isso não vai ocorrer. Estivemos examinando detidamente os seus valores íntimos, daí julgarmos oportuno o seu desconhecimento . . . - por quê? - interrompeu-o Áurea, que até então apenas ouvia o diálogo.
- Receamos que o Miguel, face aos dolorosos episódios da sua futura jornada, inicie o processo reencarnatório um tanto temeroso do sucesso; isso diminuiria a sua expectativa de êxito; torná-lo-ia inseguro e frágil. Não podemos ignorar que o Miguel viveu as últimas experiências terrenas fáceis, agora impõe-se uma das mais ásperas rudes. O que não foi logrado em muitas vidas de relativa facilidade, terá que ser agora em uma vida marcada com amarguras e vicissitudes regeneradoras. Quando as criaturas humanas não têm no amor o seu sublime ideal, somente o tempo e a dor serão capazes de redimi-las definitivamente.
- Estou estreitamente ligada ao passado dele voltou a falar Áurea - daí o meu empenho em vê-lo vitorioso. O seu êxito também será meu.
- Aliás esse também é o meu desejo. Nos momentos mais agudos da jornada redentora do Miguel, você estará ao seu lado, encorajando-o na luta, com empenho e otimismo, para que se torne vencedor. O triunfo é dos que sabem perseverar com confiança nos Desígnios Divinos, apesar das asperezas da caminhada. Caso o Miguel esteja realmente interessado em retornar à esfera física, o seu reencarne se dará em breve. Contudo, a sua volta, Áurea, demandará mais tempo.
- Concordo plenamente. Estou confiante quanto aos resultados a alcançar. Conheço o caminho e de modo algum me afastarei dele - aduziu Áurea, feliz.
- O que importa é não mais reincidirem nos mesmos erros do passado; vencer as imperfeições íntimas e conquistar as virtudes cristãs, notadamente a humildade e a caridade - acrescentou Saulo.
- Estou convicta, graças a Deus, e disposta a seguir à risca essa norma de conduta - tornou Áurea.
- Esse também é o meu ideal. Sei que a minha libertação dos enganos e crimes do passado só dependem de mim. Aceito, pois, sem restrição essa nova oportunidade de reabilitação moral e espiritual - argumentou Miguel, otimista.
- Está bem. Parabéns pela acertada decisão! Saulo apertou um botão em sua mesa; daí a instantes adentrou a sala uma jovem simpática, vestida de branco.
- Conduza o irmão Miguel ao sector reencarnacionista, para as cabíveis providências - depois, dirigindo-se a Áurea: - Ainda nos veremos, mais tarde, por ocasião do seu regresso à forma física, para acertos finais. Até o próximo encontro.

Capítulo 2 - EXPECTATIVA OTIMISTA.

Os especialistas em reencarnações ocuparam-se de Miguel, por um largo espaço de tempo, durante o qual foram examinados detidamente todos os aspectos do seu regresso à Terra. Não existem dois processos reencarnacionistas iguais; semelhantes, sim. Foram levantados dados específicos de suas vidas pregressas, levando-se em conta os débitos assumidos e os possíveis créditos acumulados. Miguel sempre vivera existências relativamente fáceis, daí o seu pouco aproveitamento espiritual.

Ocorre que, em uma das encarnações mais antigas, Miguel, com a cumplicidade da esposa e de uma amiga, comprometera-se gravemente, em circunstâncias bastante trágicas. Ao tentarem tirar a vida de um adversário político, ocasionaram a morte de sua filha, garota de oito anos de idade. Agora avizinhava-se o momento do resgate. Todos os seres humanos que almejam libertar-se das amarras de enganos e crimes do passado e conquistar a legítima felicidade, precisam se compatibilizar com os ditames da Lei Divina; isso somente acontece com a quitação dos débitos anteriormente assumidos. A colheita é obrigatória e representa valiosas experiências a fortalecerem o ser a caminho de cometimentos nobres e dignos voltados ao bem-estar alheio.

Os Benfeitores espirituais dispensaram, a Miguel, carinho e atenções fraternais, esclarecendo-o sobre os percalços da jornada terrestre prestes a iniciar-se. Seus futuros pais, gente simples e boa, procurariam ampará-lo com amor, oferecendo-lhe os recursos indispensáveis à realização do seu ideal: sua redenção moral.

Miguel, que a princípio mostrara-se temeroso com a aproximação da sua volta à carne, agora revelava-se otimista, tendo em vista a expectativa de uma vitória sobre os fatos delituosos que marcaram uma das suas vidas pregressas. Os Mentores não adiantaram de como seriam expiados esses crimes, julgando propiciar a Miguel melhores condições íntimas para tornar-se vencedor sobre tais atos adversos à Lei de Deus.

Completara o curso sobre reencarnação, cuja finalidade era igualmente demonstrar aos alunos a importância do retorno à veste fisiológica, para aprendizados e resgates indispensáveis, até porque todos nós estamos, de alguma forma, comprometidos com as Leis que regem o Universo. Nessas oportunidades de estudo e avaliações, foi mostrado que a vida terrena é breve estágio, se comparada com a eternidade. O que é uma vida de sacrifícios e dores, quando se logra depois, na espiritualidade, estágios ditosos de labores enobrecidos?

Miguel, de quando em quando, dirigia-se a uma sala ampla, onde funcionava excelente biblioteca, mantendo-se entretido na leitura de bons livros, bebendo avidamente as águas puras do conhecimento que continham suas páginas de luz. A música ambiente tocava as almas, sensibilizando-as. Quanta beleza existe no caminho daqueles que conhecem a verdade e praticam o bem!

Irmão Augusto, o responsável maior pelo sector reencarnacionista, certa vez, aproximando-se de Miguel, dirigiu-lhe a palavra, nestes termos:

- Como é, mais confiante? O momento do seu retorno às porfias terrestres, aproxima-se. Já fui inteirado dos seus progressos e aproveitamento nas lições ministradas. Fico contente com isso!

- Estou determinado a aproveitar bem esse novo ensejo de reabilitação moral; não quero perder mais tempo - respondeu Miguel, confiante.

- Você será amparado por amigos espirituais, depois contará com o concurso de Áurea, que se juntará ao irmão, mais tarde, para cumprimento do que foi planejado.

É nas horas mais difíceis que o refinamento espiritual se torna mais fecundo e marcante. Seu regresso está próximo... Seja feliz! - finalizou Augusto, afastando-se.

As palavras do Mentor amigo calaram profundamente em seu coração, trazendo uma expectativa de vitória.

Era isso mesmo que Miguel ansiava: nova chance de reconciliação com o passado, a fim de conquistar condições de melhor progredir, crescer intimamente, valorizando a própria vida.

- Olá, Miguel, vejo-o um tanto preocupado! O quê aconteceu? - inquiriu-o um colega, igualmente interessado em retornar à paisagem terrestre.

- Nada de preocupação, essa fase está passando; apenas mentalizando as coisas boas que ocorreram durante a minha permanência neste departamento, onde fiz tantas amizades sinceras. Só de pensar em me afastar daqui, sinto, por antecipação, forte saudade. Com você, Álvaro, não ocorre o mesmo?

- Realmente. Comigo se dá o mesmo fenômeno.

A minha hora de voltar também está chegando. Eu sei dos percalços da minha futura jornada; mas sei igualmente do empenho de vários irmãos interessados na minha regeneração. Isso me dá forças e coragem. Serei acompanhado, de perto, por esse grupo de irmãos admiráveis, incansáveis no labor sublime de ajudar aos mais fracos e vacilantes. É, Miguel, a coisa não vai ser fácil, não! Contudo, confio na vitória sobre as imperfeições morais que ainda vicejam no meu íntimo. Sem luta, nada se consegue nas experiências regeneradoras. A vitória é dos que perseveram sem temores.

Enquanto os dois conversavam fraternalmente, trocando pontos de vista, podia-se ver grupos de entidades dialogando animadamente, abordando as próprias frustrações acumuladas ao longo de vidas sucessivas, como também das conquistas auferidas nas porfias terrenas, e quais as provas e expiações que enfrentariam, conseqüentemente. Podia-se flagrar a alegria e a esperança existentes em todos os semblantes, apesar das vicissitudes porvindouras.

Miguel sentia-se perfeitamente integrado àquela comunidade, onde a fraternidade era uma constante. A Mansão "Azul Celeste" era verdadeiramente um pouso de amor cristão, onde todos os integrantes, não obstante a própria fragilidade, sentiam-se fortes para enfrentar e vencer as duras porfias do porvir. Como Deus é soberanamente Misericordioso e Justo!

Se por um lado, os seres, fazendo uso da liberdade que o Pai Celestial lhes concedeu, comprometeram-se seriamente, por outro lado, a Providência Divina, proporciona incontáveis recapitulações de experiências malogradas, no sentido de vê-los redimidos e felizes, para tanto contam com o tempo e a dor, fatores decisivos na renovação íntima.

Cada criatura vive experiências específicas, até porque os compromissos com a Lei Maior jamais são iguais. Tanto os comprometimentos quanto as aquisições nobres, diferem sensivelmente, dando a cada indivíduo uma situação ímpar diante das vidas sucessivas. Assim, todos os retornos à carne merecem cuidados adequados de amigos espirituais dedicados e laboriosos, incansáveis no seu elevado mister de conduzir os seres à paisagem das formas, para as imprescindíveis repetições de comportamentos malogrados.

Quando os espíritos já dispõem de algum merecimento e estão realmente interessados em realizar labor digno em prol da coletividade a que vão pertencer, notadamente aos seres mais carentes, então tornam-se alvo de atenções e cuidados especiais, com vistas aos seus propósitos elevados. Como possíveis trabalhadores da seara do Cristo, não dispensam organizações físicas ideais ao mister que escolheram. Emmanuel, guia espiritual do médium Chico Xavier, disse:

-- "Deus ajuda o homem através do próprio homem " .

Capítulo 3 - O RETORNO À VESTE FÍSICA.

O regresso dos espíritos à paisagem terrestre, para recapitulações indispensáveis de insucessos verificados no passado, sempre foram alvo de detida análise por parte de Mentores sábios e bondosos, visando o aproveitamento nas experiências e êxito nas metas ansiosamente almejadas. Quanto maior o débito a saldar, maior igualmente a avaliação da situação e das circunstâncias a serem vividas na futura etapa evolutiva.

Cada criatura apresenta-se com necessidades e compromissos específicos, cujas matrizes estão em vidas pretéritas, pontilhadas de atos de desamor, colocando os seres em posições ímpares na escalada redentora. Ninguém é igual a ninguém. No íntimo de cada indivíduo há uma gama de valores, cuja somatória distingue uns dos outros, atribuindo méritos e deméritos que variam de zero ao infinito.

As reencarnações, por isso, absorvem o tempo de entidades de escol, especialistas do assunto. Os pormenores de cada vida são levantados, no sentido de programar com acerto e justiça a futura experiência carnal de resgate dos crimes praticados e erradicação das mazelas espirituais que ainda dominam os sentimentos humanos.

Paralelamente, apresentar-se-ão oportunidades de servir ao próximo, em atos de desprendimento e amor cristão.

Assim, o retorno de Miguel à veste física havia sido detidamente analisado, no sentido de que ele pudesse lograr êxito na nova jornada de aprimoramento moral. Os especialistas da Mansão Azul Celeste", como em todos os casos que exigem reparações redentoras, procuraram dominar todos os ângulos do processo reencarnatório, a fim de que Miguel obtivesse, na programada experiência, a vitória sobre os crimes a expiar.

Os pais já haviam sido previamente escolhidos, eram espíritos vinculados ao pretérito de Miguel. Amigos de épocas distantes, que seriam convocados a prestar valioso amparo para que ele pudesse sair vencedor da grande porfia. Levaria vida de minguados recursos, apesar dos trabalhos exaustivos executados. Conheceria, portanto, necessidades de variadas gamas, como fator de burilamento interior. As existências anteriores, como já vimos, haviam sido marcadas por facilidades inimagináveis; esta, portanto, não seria igual, até porque Miguel alimentava desejos de progresso, o que só seria viável com os resgates dos crimes antigos, que ainda enegreciam a sua consciência.

Leandro e Ofélia, casados há pouco mais de ano aguardavam ansiosamente a chegada de um filho, que viesse coroar de júbilos o seu lar. Ele era pedreiro, apesar da profissão, residia em casa alugada, confirmando o adágio popular: "Em casa de ferreiro, espeto de pau". Os recursos financeiros auferidos davam para viver; a esposa, compreensiva e boa, o ajudava com o ganho na confecção de pequenas costuras, encomendadas por vizinhas e amigas. Não obstante as dificuldades, que não eram poucas,

eram felizes, um completando o outro; nada de desânimo e ambição; viviam intensamente a expectativa da chegada de um filho, mensageiro de sadias alegrias.

No dia em que os especialistas em reencarnação, da Mansão "Azul Celeste" julgaram oportuno, o evento ansiosamente aguardado pelos cônjuges e por Miguel, decidiram efetuar a concepção. De madrugada, uma equipe de Servidores do Cristo, levando Miguel, conscientizado do fato, dirigiram-se ao lar do casal, a fim de procederem ao início do sublime labor que culminaria, mais tarde, com o renascimento de Miguel no cenário terreno, para novas e proveitosas experiências de regeneração moral.

Assim, tão logo a oportunidade permitiu, os especialistas intervieram, propiciando ao espermatozóide selecionado, condições de melhor atingir o ovário feminino e acasalar-se com o óvulo, fecundando-o. Era o princípio da vida! Curiosa a corrida encetada pelos espermatozóides que nadavam no esperma, semelhantes a cardume de peixes, agindo rapidamente em busca do seu elevado destino: a vida. O escolhido pelos Mentores ganhou acentuado vigor e com determinação singular venceu a corrida, encontrando-se com o óvulo feminino, fundindo-se a ele, completando-o, era o início da gestação! Incontinenti Miguel foi ligado ao óvulo, por tênues filamentos perispirituais que, a partir daquele instante, iriam comandar decisivamente todo o processo reencarnatório iniciante.

O perispírito é o modelador do vaso físico, imprimindo-lhe as condições indispensáveis ao espírito, na sua existência futura. No corpo irão ficar as marcas dos compromissos antigos, como matrizes de resgates porvindouros, a serem enfrentados e, igualmente, anotações imperceptíveis de conquistas logradas ao longo de jornadas pretéritas. Assim, tanto o bem quanto o mal realizados irão produzir efeitos na escalada evolutiva do ser a caminho de esferas de luz.

Os laboriosos Seareiros da Mansão visitaram Ofélia durante todo o período de gestação, procurando sempre facilitar o processo reencarnatório, eliminando toda e qualquer possibilidade de insucesso. Miguel procurou manter-se dócil e obediente às determinações superiores.

A medida que o tempo ia passando, as suas percepções iam apagando-se aos poucos, gradativamente, dando a impressão de que um lençol de esquecimento amortalhava, paulatinamente, as suas recordações, até o esquecimento total.

A gestação não apresentou qualquer indício de anormalidade. O médico responsável pelo pré-natal, revelava-se confiante; tanto a futura mamãe quanto o bebê não apresentavam qualquer sintoma preocupante.

Ao final de nove meses, Ofélia deu à luz a um forte e lindo menino, que encantou a todos, cativando os pais, que o aguardavam como um mensageiro de todas as boas-novas imagináveis. O reizinho daquele lar havia chegado, era necessário atendê-lo com carinho e amor desmedidos; de regresso ao lar, depois de ter permanecido dois dias na Maternidade, Ofélia levava, agora, nos braços amoráveis, o seu maior tesouro.

- Ofélia, você já tem um nome para o nosso filho?

- perguntou-lhe o esposo, afetuosamente.

- Ainda não. Pode ser: Carlos, Caio, Murilo, são nomes que eu gosto. O que você acha?

- Dos três nomes mencionados, eu gosto mais de Murilo - respondeu o marido.

- Então está escolhido, a não ser que você, meu bem, tenha preferência por outro nome – acrescentou carinhosamente a esposa, olhando-o com ternura.

- Murilo é um nome bonito, sugere um ser forte e decidido, determinado para as conquistas da vida. Será Murilo. Um pequeno nome para um grande homem, se Deus quiser

Assim, Miguel retornou ao cenário terreno, agora como Murilo. Vida nova, sem as lembranças do passado que tanto dificultariam a sua nova etapa de redenção. O esquecimento é absolutamente necessário, para que se possa lograr vitória sobre os problemas oriundos do pretérito. A programação de resgates e conquistas, pré-estabelecida na espiritualidade, cumprir-se-ia ao longo da seqüência dos anos, para júbilo de todos os implicados nas ações danosas, gêneses de dores e frustrações reparadoras.

A Justiça Divina é feita de Misericórdia, proporcionando, às criaturas humanas, condições ideais para vencer os lances difíceis originários de um passado longínquo.

O sucesso, contudo, sempre depende do comportamento de cada pessoa à frente das situações inerentes ao respectivo comprometimento com as Leis de Amor. O esquecimento é fator decisivo no êxito almejado pelos seres ávidos de evolução e conquistas enobrecidas.

Capítulo 4 - MURILO E VALÉRIA.

Aos cônjuges cabem sérias responsabilidades, no que tange à direção do lar e, principalmente, na educação dos filhos. Deus outorgou-lhes à tutela, espíritos necessitados de progresso moral e espiritual. As mais das vezes, são seres comprometidos com a Lei Divina, que buscam novas oportunidades de regeneração, sem o que jamais serão verdadeiramente felizes. Felicidade indestrutível, porque fundamenta-se na sabedoria adquirida e na prática do bem, desinteressado e incondicional.

Quantas preocupações e trabalhos os filhos acarretam! Isso decorre, naturalmente, das tendências e hábitos que apresentam, quase sempre contrários à sadia moral.

É mais fácil recapitular atos reprováveis, que trazem em si, originários de outras vidas, do que aprenderem normas de conduta corretas e dignas. Tudo que é errado a criança aprende com facilidade; o que é certo demanda tempo, requer atividades exaustivas por parte dos pais que sempre tem em mente o melhor para a sua prole.

Na questão de n.o 208, de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec aborda o tema em pauta, dirimindo possíveis dúvidas. A resposta do Espírito de Verdade foi objetiva, tornando claro o assunto ao ressaltar a responsabilidade dos pais.

- "Nenhuma influência exercem os espíritos dos pais sobre o filho depois do nascimento deste?"

- "Ao contrário: bem grande influência exercem".

Conforme já dissemos, os espíritos têm que contribuir para o progresso uns dos outros. Pois bem, os espíritos dos pais têm por missão desenvolver os dos filhos pela educação. Constitui-lhes isso uma tarefa. Tornar-se-ão culpados, se vierem a falir no seu desempenho". (O grifo é nosso).

A fase infantil é de capital valor na vigilância e orientação aos filhos, no sentido de identificar suas anomalias de caráter e ajudá-los a combatê-las, com vistas às aquisições futuras. O coração dos menores representa um trato de terra que precisa ser cultivado com muito carinho e amor, a fim de que se torne fértil e produtivo. A própria Natureza nos oferece excelente exemplo: se não cuidarmos devidamente da terra, o que ela fatalmente

produzirá? Só erva daninha, Nada mais, Contudo, lavrando-se o solo, adubando-o adequadamente, plantando boas sementes, o que teremos? Bons frutos, obviamente!

Se não dispensarmos boa educação ao nosso filho, no seu íntimo irão germinar pensamentos condenáveis e imperfeições morais, cujas conseqüências serão tristes e dolorosas, na forma de resgates amargos, indispensáveis ao seu reequilíbrio moral.

As entidades espirituais, maléficas, ardilosas e perspicazes, procurarão, igualmente, realizar seus danosos intentos, interferindo no sentido de que o seu adversário do passado não conquiste vitória sobre as mazelas que ainda medram em seu coração. Por que Deus permite tal situação? Porque é exatamente nos lares que se reúnem, quase sempre, desafetos de outras épocas, para os indispensáveis reparos e reconciliações.

A responsabilidade dos pais é muito grande, porque seus descendentes precisam de apoio, a fim de atingirem as metas previamente estabelecidas no plano espiritual, visando o fiel cumprimento da jornada de redenção encetada.

Murilo nascera em um lar onde os recursos de que precisava, para bem cumprir o seu mister, seriam assimilados como fatores decisivos às suas realizações. Os genitores o adoravam; embora fossem criaturas um tanto iletradas, tinham sentimentos elevados, voltados ao bem-estar alheio. O garoto crescia rapidamente, seu caráter foi sendo forjado no caminho do bem e da virtude. Coursou, como os meninos da sua posição social, escola pública; porém devido à sua aplicação nos estudos, aprendia todas as matérias com relativa facilidade, completando o 2º Grau sem repetir um ano sequer.

O aproveitamento do filho era motivo de satisfação por parte dos pais. Além de Murilo, o casal tinha agora mais duas meninas, que igualmente seguiam as pegadas do primogênito, tanto no comportamento exemplar quanto no aproveitamento escolar. O Murilo, que gostava demais de teatro, Assim que terminou o 2º Grau, ingressou em um grupo teatral, que tinha à frente, como responsável maior, um excelente artista em artes cênicas. O jovem, agora, com vinte anos de idade, estava maravilhado com o seu trabalho. Já nas primeiras apresentações, conquistou um lugar de destaque no grupo, pelas magníficas interpretações, tanto em papéis cômicos quanto em apresentações dramáticas. O ganho com tais atividades artísticas cobria perfeitamente as suas despesas pessoais, não dependendo dos pais, nesse aspecto.

Representava com naturalidade e desenvoltura, vivendo, autenticamente, os personagens das peças, entregues a ele pelo diretor do grupo. Murilo destacava-se em todas as apresentações, indo além das expectativas dos companheiros. Era, sem dúvida, o centro das atenções do público, motivo do sucesso crescente dos espetáculos teatrais.

Nessa atividade Murilo teve durante cinco anos, os mais felizes da sua vida; dedicava-se, de coração, à arte de interpretar; vivendo, a cada passo, personagens diferentes, de sentimentos antagônicos : às vezes bons, outras vezes perversos. Vivía, igualmente, situações hilariantes, entremeadas com episódios de grande e inusitada dramaticidade. Essas alternativas davam a Murilo uma motivação até então desconhecida, gratificando-o sobremaneira. Sentia-se imensamente feliz!

Quem mais apreciava o jovem ator era o público feminino. Murilo era um bonito rapaz: porte atlético, perfeito galã. As moças estavam sinceramente enamoradas pelo ator, e disso não faziam reserva. Não regateavam aplausos a cada apresentação do jovem e futuroso artista.

Entre as fãs estava Valéria, moça de vinte anos, que não perdia nenhum espetáculo, encantada que estava com a beleza máscula de Murilo. Um dia, pessoalmente, foi até o seu camarim para conhecê-lo; Murilo não se surpreendeu, pois fatos idênticos ocorriam com

certa frequência, em virtude do seu porte físico e também pelos dotes artísticos que revelava a cada espetáculo de que participava, sempre demonstrando versatilidade incomum.

- Dá licença? . . .

- Perfeitamente! . . .

- Vim conhecê-lo, de perto. Sou Valéria; não perco nenhuma das suas apresentações - adiantou a moça, sorrindo.

- Muito prazer. Gosto demais de conhecer e conversar com as minhas fãs; tenho inclusive me orientado bastante pelo que elas me dizem. Estar na platéia é bem diferente do que estar no palco - Murilo estava encantado com a beleza da jovem. Valéria era fisicamente perfeita, linda e inteligente, estatura mediana; dessas pessoas que cativam a todos que têm o prazer de conhecê-las.

- Eu acho você um rapaz muito bonito; estou sinceramente arrebatada por isso; além, naturalmente, de ter qualidades artísticas inegáveis.

Murilo sorriu. A conversa entre os dois alongou-se por mais de uma hora, quando então despediram-se, prometendo voltar a se reencontrarem brevemente.

Capítulo 5 - O CASAMENTO.

A partir do encontro dos jovens no camarim, outros ocorreram, amiúde. Murilo e Valéria estavam verdadeiramente apaixonados. Entre os dois existia uma força maior, unindo-os. Somente estavam felizes, quando juntos. Distantes, parecia que algo estava faltando, que seria indispensável completar. Os dois formavam um par perfeito; admirado por todos. Tanto os pais de Murilo ficaram contentes, quanto os de Valéria faziam gosto na união dos jovens.

Nesta altura dos acontecimentos, Murilo empregou-se em um estabelecimento bancário, porque precisava pensar no casamento, daí a necessidade de emprego fixo e rendoso. Em breve tempo, em virtude das suas aptidões, ganhou uma posição de destaque no Banco, logrando boa remuneração, o que já lhe possibilitaria casar, concretizando, assim, seu grande ideal.

Certa vez, em que passeavam, de mãos dadas, no jardim central da cidade, a conversa decorreu nestes termos:

- Valéria, você não se cansa de repetir que aproximou-se de mim, porque sou um rapaz bonito.

- É verdade, Murilo. Desde menina que eu sonho em me casar com um moço bonito. Assim, no momento em que eu o vi, pensei: esse rapaz vai ser meu marido; ele é bonito! - informou a moça, sorrindo.

- Isso me deixa encabulado. Caso você não me considerasse bonito, não teria me procurado? - adiantou o jovem, com uma ponta de tristeza na voz.

- Sem querer magoá-lo; mas é isso mesmo. Eu gosto de você, porque é bonito. não vejo nada de mal nisso!

- Valéria, você não leva em conta as qualidades morais das pessoas? - inquiriu Murilo, com ternura.

- Levo em conta, sim. Contudo, para meu esposo, eu sempre almejei um homem que fosse bonito, antes de tudo. Não sei explicar o que ocorre comigo, mas esse sempre foi o meu ideal de jovem: a beleza em primeiro lugar, as qualidades, depois.

- O correto seria o contrário: primeiro as qualidades, depois a beleza. Há um adágio popular que diz: "Beleza não põe mesa". Quatro palavras que dizem muito, têm um significado bastante profundo. Você não acha?

- Concordo, sim. Todavia, você deve convir que o nosso namoro, de modo algum, corre risco de um rompimento, até porque você é bonito e tem qualidades morais que o distinguem como excelente pessoa - ponderou Valéria, olhando-o bem no fundo dos olhos, como a querer descobrir uma pontinha de tristeza escondida.

Murilo, por uns instantes, permaneceu pensativo: que conversa esquisita! Estranha! Sem saber o porquê, causara-lhe sensações de medo e amargura. O que estaria acontecendo?

Após pequeno intervalo para reflexão, retomando a palavra, considerou:

- Não parece, mas a conversa que tivemos, mexeu intimamente comigo; eu não vejo razão para isso! Por que, por um momento, eu me senti inseguro? Deu-me a impressão de um diálogo premonitório!

- Premonitório? Não entendo. O que você quer dizer?

- São fatos pressentidos com antecedência, assim como uma intuição daquilo que vai ocorrer no futuro.

- O conhecimento antecipado do que vai acontecer?

- Exato. Incontáveis vezes isso já ocorreu comigo, notadamente através de sonhos...

- De sonhos? - interrompeu-o Valéria - como assim?

- Sonhamos com certos fatos e, depois, eles tornam-se realidade - explicou o jovem, encabulado.

- Engraçado! Isso já aconteceu também comigo, principalmente nas ocasiões em que eu estava bastante preocupada com determinados lances da minha vida. Os sonhos não eram bem claros, nítidos, deixando-me curiosa e, em muitos casos, até amedrontada; porém os seus enfoques acabaram acontecendo, posteriormente.

- É isso aí: sonhos premonitórios. Certa vez eu conversei com um amigo, a respeito, e ele me esclareceu que quando dormimos, o nosso espírito não fica inativo isto é, participa de atividades no mundo espiritual, em decorrência da sua parcial desligação do corpo somático, em repouso. Nessas oportunidades, os Benfeitores espirituais que acompanham a nossa vida, julgando conveniente certas revelações do porvir, visando o nosso preparo íntimo, ou então como advertência, nos proporcionam tais revelações - argumentou Murilo.

- O conhecimento antecipado dos fatos que me foram revelados através de sonhos, constituíram advertências, isso porque tais revelações, após concretizadas não foram realmente boas; sempre desagradáveis - ponderou Valéria, pensativa.

O espírito jamais repousa; enquanto o corpo dorme, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros espíritos. Questão de n. 401 de O Livro dos Espíritos.

Os jovens que se revelavam alegres e festivos, agora mantinham semblantes sérios, denotando uma nuvem de preocupação, mas por que, só o tempo daria as respostas adequadas resolvendo as pendências suscitadas com o diálogo.

- Valéria, você me acha bonito e cheio de qualidades morais; eu acho você linda e igualmente virtuosa, daí eu vou adiantar uma premonição.

- Fale sem rodeios.

- Sabe o que vai acontecer?

- Não; não sei.

- O nosso casamento! Você duvida?

- Para nossa felicidade - respondeu Valéria, beijando-o namorado. - Quando estou em sua companhia eu me sinto segura, feliz. Tenho a certeza de que seremos muito ditosos vivendo juntos para sempre até que a morte nos separe . . .

O que é isso, Valéria - interrompeu-a Murilo, apertando-a nos braços, não permitindo o seu afastamento.

A vida do jovem casal era assim: cheia de encantamentos, promessas, juras. Com a seqüência dos meses a afinidade entre os dois, crescia paulatinamente. Assim, a vontade de unirem-se, para todo o sempre, era quase que irresistível.

Murilo, para tanto, trabalhava com afinco e interesse no Banco, objetivando melhores salários, a fim de poder concretizar seu casamento, sem dúvidas e temores; almejava dar a Valéria uma vida digna e folgada, sem preocupações de ordem financeira.

Após decorrido um ano, o dia ansiosamente aguardado chegou! Que felicidade! . . . Pela manhã o casamento no civil; à tarde, no religioso. Os jovens eram de família católica, mais por tradição que por convicção.

A festa na residência da noiva, retratava bem a alegria que dominava os dois corações que uniram-se num só ideal.

Entretanto, o destino que os aguardava seria pródigo em episódios amargos. Os crimes cometidos em vidas pregressas, exigiam reparações dolorosas, como refinamento moral indispensável a conquistas de valores eternos.

Aproximava-se a hora da colheita de sementeiras passadas.

Capítulo 6 - O NASCIMENTO DE CRISTINA.

Áurea, desde o casamento de Murilo e Valéria, internara-se na Mansão "Azul Celeste", a fim de submeter-se a novos aprendizados e avaliações, com vistas ao seu retorno à veste física, para recapitulação e libertação de comprometer-se antigos.

Apesar de ser uma criatura um tanto esclarecida, ainda não havia resgatado um crime dos mais graves, que enodoava a sua consciência, cometido em passado longínquo, quando, então, de comum acordo com Murilo, na época seu marido. Eles, com a cumplicidade de Onofre (reencarnado como Valéria), amigo do casal, urdiram uma trama odienta, cuja finalidade era eliminar um inimigo político, para tanto incendiaram-lhe a residência. Ocorre que a maior vítima não foi o político que suportou as queimaduras, vivendo ainda muitos anos, mas sua filha, garota de oito anos de idade, que morreu carbonizada. Agora, reuniam-se novamente os implicados no delito, para ressarcir-lo, conforme aval da Espiritualidade maior. O resgate, embora coletivo, envolvendo aos três, também teria implicações individuais, isto é, sofrimentos específicos compatíveis com o grau de participação de cada um dos responsáveis pelo ato criminoso.

O regresso de Áurea ao cenário terrestre, foi examinado, inclusive, pelo irmão Saulo, que almejava ardentemente vê-la vitoriosa. A expiação era imprescindível fundamental na conquista de valores de sabedoria e amor.

O espírito, quando atinge certos níveis de amadurecimento, procura avidamente tarefas nobres, no sentido de progredir mais rapidamente, libertando-se das feiras de vidas sucessivas, repetitivas e dolorosas.

O estudo e o trabalho nobilitantes são fatores primordiais na ascensão espiritual do ser a caminho da luz.

Áurea estava perfeitamente inteirada dessa real necessidade e para tanto empenhar-se-ia com todas as suas forças; estava bem preparada para a difícil e amarga porfia.

Concluídas as avaliações e o programa a ser obedecido na Terra, indispensáveis ao seu regresso à paisagem física, foi recebida novamente pelo irmão Saulo, no seu gabinete de trabalho, que dirigiu-lhe a palavra nestes termos:

- Áurea, estou contente com o seu progresso; avizinha-se o instante do seu retorno às pelejas fisiológicas.

A sua permanência na carne será breve; contudo, altamente significativa, colocando-a em condições íntimas, ideais, de poder servir melhor aos seus semelhantes, principalmente ao Murilo, que permanecerá largo espaço de tempo no vaso físico, em ásperas expiações.

- Confio plenamente em Jesus e nos amigos espirituais que acompanharão os meus passos, apoiando-me, mormente, nos instantes de pungentes aflições - acrescentou Áurea.

- Os envoltivos e circunstâncias de vida na Terra, exercem notável influência sobre os encarnados.

Quantas almas partiram daqui otimistas, compenetradas das provas e das expiações a vencer, cheias de esperanças na expectativa de vitória; depois, como deixaram-se levar por conquistas puramente materiais, retornaram, mais tarde, frustradas e vencidas, e, às vezes, o que é pior, mais comprometidas com as Leis que regem a Vida.

Não quero, de modo algum, desanimá-la, enfraquecê-la; pelo contrário, o meu objetivo é esclarecê-la com relação aos percalços na carne, quando as percepções fisiológicas tornam-se mais intensas e fortes, quase insuperáveis. A solução é orar e vigiar para não cair em tentação.

- Realmente, querido irmão, eu mesma já me senti assim, várias vezes; conheço bem de perto tais frustrações e a necessidade de recomeçar falidas jornadas de redenção moral. Todavia, tenho certeza de que desta vez tudo será bem diferente, porque não estagiarei na veste física por muitos anos. A minha finalidade primordial na experiência em pauta, é resgatar um delito dos mais graves, que tem prejudicado a minha ascensão espiritual e a do Murilo; tudo farei para solver esse débito e auxiliar o meu companheiro a lograr o mesmo êxito.

Saulo limitou-se a sorrir; confiava em Áurea, não obstante os ásperos obstáculos a superar. Ela encontrava-se preparada e consciente das dificuldades próprias da jornada. Além do mais, desejava libertar-se de crime bem antigo, que tanto a marcara intimamente, limitando-lhe a evolução moral.

- Áurea, tudo que estiver ao meu alcance fazer, será feito; isso. Obviamente, sem desrespeitar a lei do merecimento, é claro! - finalizou Saulo.

- Eu entendo a sua posição e agradeço o seu interesse em querer nos ajudar: a mim e ao Murilo - respondeu Áurea, sensibilizada, quase às lágrimas.

Entrementes, vamos encontrar Murilo e Valéria na sala de estar, bastante preocupados. Casados há mais de dez meses e a esposa não engravidava. O filho, ansiosamente aguardado, seria, sem dúvida, o embaixador da felicidade. O enxovalzinho do bebê, bem como o bercinho e os pertences necessários, já haviam sido providenciados.

A seqüência dos meses motivava intensa expectativa.

Assim, resolveram procurar um médico ginecologista, para os exames indispensáveis. Murilo, igualmente, consultou um especialista, a fim de saber se poderia ser

pai, ou seja, se com ele tudo estava bem. Ambos os facultativos consultados, chegaram à conclusão de que os jovens estavam perfeitamente bem e saudáveis. Era apenas questão de tempo. Nada de preocupações.

Citadas declarações, partindo de profissionais competentes, deixaram os cônjuges esperançosos e à espera da tão desejada concepção e posterior visita da "cegonha". O renascimento dos espíritos na Terra, sempre recebem o aval da Espiritualidade maior, sem o que o evento não se concretiza. Nada ocorre à revelia da Lei Divina, que tudo prevê e provê sabiamente, no sentido de auxiliar a redenção da Humanidade.

As reencarnações, tantas quantas necessárias, têm como objetivo, não só o resgate de delitos cometidos em outras vidas, como igualmente o aprimoramento progressivo da Humanidade. Sem isso, como entender a Justiça Divina? - Questões de número 16' e 69, de O Livro dos Espíritos.

Após dois meses, Valéria, certa manhã, levantando-se do leito, ao preparar-se para o café matinal, disse ao marido:

- Meu bem, está acontecendo algo comigo, há vários dias; porém não consigo atinar com o que seja.

- Você está doente? - interrogou-a o marido, manifestando preocupação.

- Não! Pelo contrário, eu me sinto bem; não sei dizer o que é, mas estou contente sem motivo. É curioso, não?

Murilo olhou-a significativamente, depois de breve instante, adiantou:

- Você está pensando no que eu estou?

- Estou . . . Será?!

- Aguardemos alguns dias; na próxima semana visitaremos o médico, para dirimir a dúvida.

Quando foram ao médico, este, após alguns exames, foi categórico:

- A Valéria vai ser mãe! Parabéns!

Decorridos cerca de nove meses, nasceu uma linda menina, que, desde os primeiros dias de vida, encantou a todos. Os pais não cabiam em si de contentes, tendo recebido o nome: Cristina. Áurea voltara, para cumprimento da Lei Divina.

Os comparsas do passado estavam novamente juntos na arena terrestre, para as indispensáveis expiações, com a quitação plena dos débitos assumidos no pretérito distante.

Capítulo 7 - A FRUSTRADA CONQUISTA.

Jurandir, próspero comerciante, era proprietário de uma casa de campo, situada nas proximidades da cidade onde residia; nesse local, passava todos os fins de semana, juntamente com sua família, esposa e um casal de filhos. Leonor, sua dedicada companheira e os garotos:

Diogo, de sete anos, e Rita, de cinco.

A propriedade era cuidada por um caseiro, homem rude, introvertido, um tanto esquisito. Jurandir, apesar disso, confiava no seu empregado, que se revelava cumpridor dos seus deveres. Custódio, o seu nome, levava uma vida solitária, longe de tudo e de todos. Jurandir jamais pensara em se desfazer dele, não obstante o seu jeito reservado: cara fechada, criatura de poucos amigos.

O dono da chácara nunca teve motivos para sequer repreendê-lo. Todos os serviços eram executados com perfeição e a tempo. A terra era cultivada, propiciando boas colheitas, tanto de cereais quanto de frutas, embora a área não fosse grande. As aves e os animais domésticos, igualmente, mereciam, de Custódio, cuidados especiais, produzindo a contento.

O serviçal morava nas dependências destinadas a empregados, ao lado da casa dos patrões. Nos fins de semana, Leonor precisava cuidar dos afazeres domésticos, o que lhe ocupava todo o tempo, impossibilitando-a de desfrutar da companhia do marido e dos filhos, que procuravam fugir dos hábitos da cidade, gozando as delícias e belezas do campo.

- Jurandir, sabe de uma coisa? precisamos contratar uma empregada para os encargos da casa, do contrário a minha vida não muda em nada; deixo de trabalhar na cidade para trabalhar no campo, ocupando-me dos mesmos afazeres. Não levo vantagem alguma - ponderou Leonor, com carradas de razão.

- Realmente, querida, não havia pensado nisso.

Contratemos, então, uma mulher para executar os serviços caseiros, para que você possa, juntamente conosco, fruir de momentos agradáveis aqui na chácara, fugindo à cansativa rotina de todos os dias - acrescentou o marido.

Naquele mesmo dia, contrataram Madalena, senhora de quarenta anos, presumivelmente, que vivia de favor em casa de parentes. A sua situação era incômoda, considerava-se um "peso" para a família, o que lhe causava constante aborrecimento. Assim, a mudança de vida proposta por Leonor, trouxera-lhe grande alegria. Agora, sim, iria comer do "suor" do seu rosto, não pesando a ninguém as suas despesas.

O seu mister era cuidar da casa, deixando tudo em ordem para a chegada da patroa nos fins de semana e feriados. Madalena era fiel cumpridora dos seus deveres; não dando margem a qualquer motivo de recriminações por parte de Leonor. O marido jamais interferira nos seus serviços, deixando a critério da esposa a orientação da serviçal, que ocupava as dependências destinadas a empregadas domésticas, situadas próximo à cozinha e a área de serviço da casa.

Os patrões revelavam-se satisfeitos com a contratação feita, pensando, inclusive, com o tempo, levá-la para a cidade, pois empregadas de confiança escasseavam no mercado. Seria um prêmio à dedicação de Madalena.

Custódio olhava de longe Madalena, com cupidez; sempre sério, introvertido, alimentando pensamentos reprováveis e sentimentos doentios, libidinosos.

Os pensamentos humanos são matrizes de conquistas elevadas e também de sórdidos atos aviltantes e condenáveis. Quando se libera pensamentos nobres, nós nos afinamos com o bem, atraímos para junto de nós energias de vida, superiores e sublimes, que nos ajudam a superar os óbices da vida, tornando-nos vitoriosos e felizes.

Por outro lado, quando damos acesso a mentalizações doentias, fundamentadas em egoísmo, orgulho, sensualidade descontrolada, aí então são as manifestações do mundo espiritual inferior que nos envolvem, prejudicando-nos mais e mais, enredando-nos em teias de sofrimentos e angústias, inesperadas e incontidas. Sejamos inteligentes escolhendo as melhores companhias.

Cada um de nós é artífice do seu próprio destino.

Custódio atraía, para junto de si, entidades malélicas e odientas, que procuravam igualmente atender aos seus nojentos desejos. Os homens tornam-se infelizes ao deixarem-se levar por sentimentos mesquinhos e aviltantes, oferecendo campo propício a tais

entidades perversas e ignorantes, que inescrupulosas assenhoreiam-se de suas incautas vítimas, dando origem a torpezas de variadas espécies.

São infelizes os que se deixam envolver por esse tipo de vibrações daninhas e enfermias.

Certa vez, em que os patrões estavam na cidade, Custódio, dando vazão aos seus instintos selvagens, adentrou a casa, procurando violentar Madalena, não conseguindo lograr o seu intento, porque a serviçal que também era forte, apanhou rápido uma tesoura e ameaçou-o de morte, caso levasse adiante o seu projeto criminoso.

- Tá certo! . . . As coisas não vão ficar assim. Eu voltarei, me aguarde - ameaçou o cafajeste, afastando-se vermelho de raiva.

Madalena, incontinenti, apanhou todos os seus pertences e foi para a casa dos parentes, inteirando-os do sucedido, posteriormente afastou-se, tomando destino ignorado.

No final da semana, Leonor, não encontrando Madalena, foi até a residência da família que um dia acolhera a empregada, sendo inteirada dos motivos graves que a levaram a tomar tal atitude. Assim que Jurandir tomou conhecimento do fato, chamou Custódio à sua presença sentenciando:

- Já sei de tudo! Você portou-se como um canalha. Pensei que você fosse pessoa merecedora de minha inteira confiança. Estou decepcionado! Aqui está o seu salário, pode juntar as suas coisas e partir quanto antes.

- O senhor terá o seu troco. Eu me vingarei, pode escrever - replicou, afastando-se revoltado, alimentando pensamentos vingativos.

- Leonor, ele já se foi . . . graças a Deus! Já avaliou a nossa responsabilidade, se o animal conseguisse o seu nojento propósito? - desabafou Jurandir, abraçando a esposa.

- Agora precisamos ter cuidados redobrados, pois a gente sabe tratar-se de indivíduo perigoso, dado a represálias - tornou a consorte, pensativa.

- Não tenha medo. "Cão que ladra não morde" diz a sabedoria popular. Confio na minha intuição; desse nós estamos livres - concluiu o marido.

Custódio, saindo dali, enraivecido, começou a projetar vingança. Como não tinha para onde ir, passou a perambular sem destino. Vivia embriagado, dormia ao relento.

Alimentava-se pouco, vivendo da caridade pública, de vez que o dinheiro que recebera de Jurandir, já havia terminado. De quando em quando desaparecia, por uns tempos, indo para outras regiões, depois voltava sempre em condições físicas e mentais piores. Seu pensamento estava cristalizado na vingança.

- Ele vai me pagar, e bem caro! Ora se vai! As coisas não vão ficar como estão . . . O que ele me fez tem troco. . . Ah! se tem! . . . Acabou com a minha vida, também vou acabar com a dele - pensava. Da sua boca gotejava uma baba viscosa, nojenta. Seus olhos injetados de sangue, brilhavam estranhamente.

Capítulo 8 - EXPERIÊNCIAS GRATIFICANTES.

Sucediam-se os anos. Cristina crescia em ambiente dos mais promissores, ensejando realizações enobrecidas no futuro. Menina dócil e compreensiva, sempre dera alegrias aos pais que, generosamente, lhe dedicavam amor e carinho incomparáveis. Agora, contando com oito anos de idade, manifestava, às vezes, atitudes de adulto, opinando com acerto sobre os mais diversificados problemas da vida. Bem verdade que não chegava a ser uma

criança prodígio, isso não! Todavia, possuía uma inteligência ímpar! Sabia encontrar soluções adequadas a casos intrincados. Os pais a adoravam, e os avós, então?

Nem se diga!

Os meses foram passando céleres no relógio do tempo; nada de especial a registrar, tudo normal. Cristina, cada vez mais aplicada e inteligente, dando provas disso nos estudos, pois obtinha sempre as melhores notas, para júbilo dos genitores. Os professores a estimavam profundamente, de vez que, em inúmeras ocasiões, ela os ajudara no esclarecimento de coleguinhas que não conseguiam dominar as matérias, devido a limitações de entendimento. Era uma menina ativa que sabia aproveitar bem as oportunidades de aprendizado, comuns a sua preciosa vida.

Murilo era amigo de Jurandir, desde longa data, quando encontravam-se batiam demorados papos, matando, assim, velhas saudades. Os acontecimentos que marcaram suas vidas de jovens eram lembrados com entusiasmo, trazendo à tela mental de ambos, episódios passados, que muito os alegravam, pois deram aos seus dias um colorido especial, fruto de experiências gratificantes.

Nesta altura, Murilo encontrava-se com Jurandir, no centro da cidade e o convida para um cafezinho.

- Aceito. Aliás, chega em hora certa, até porque já estou com fome e o almoço ainda demora um bocadinho - respondeu Jurandir, com um largo sorriso.

- Pois é, a gente não se fala há tanto tempo, precisamos conversar, pôr, inclusive, as novidades em dia, o amigo concorda?

- Sem dúvida! . . . Contudo, não será hoje. Estou assoberbado de trabalho. Você sabe que a vida está difícil, quanto mais se ganha, mais se gasta. O dinheiro não dá para nada, desaparece como por encanto - considerou Jurandir.

- E o tempo, então? Como voa! Até parece que eu me casei ontem mesmo; no entanto, já faz dez anos. Na próxima semana estarei iniciando mais um período de férias e, lamentavelmente, não tenho nenhum programa feito. A Valéria pensa em viajar, mas como fazer, sem dinheiro?

- Se você quiser eu posso apresentar uma sugestão, não é um grande lugar para se ficar, porém dá perfeitamente para se fugir aos hábitos comuns, gozando uns dias diferentes...

- Fale sem preâmbulos, homem! Como?

- Eu tenho uma chácara, distante da cidade, cerca de dez quilômetros, onde passo os fins de semana e feriados, com a esposa e os filhos; eles adoram a chácara. No próximo fim de semana não poderei gozar tal regalia. Assim, caso o amigo aceite eu lhe darei as chaves.

Vocês poderão permanecer lá tranquilamente por uns dez dias - esclareceu Jurandir.

- Por mim, aceito! Vou conversar com a Valéria, a respeito; tenho a certeza que ela vai concordar, e a Cristina, então? Estou convicto que ficará feliz! As crianças da cidade, geralmente, adoram a vida do campo, no convívio com a Natureza e com os animais.

Nesse mesmo dia, Murilo inteirou Valéria sobre o oferecimento do amigo, em ceder a chácara para eles fruírem uns dias diferentes, por ocasião das férias. A esposa aquiesceu prontamente, mostrando-se mais contente do que seria justo esperar. Assim, Murilo procurou o amigo, a fim de receber as chaves e o endereço. Após cinco dias, estavam acomodados na propriedade de Jurandir. Os alimentos necessários foram levados da cidade. Cristina adorou a vida no campo; as férias do pai casaram com as férias escolares. Era um prêmio à sua dedicação aos estudos.

A casa da chácara era simples e acolhedora, bem cuidada, atestando o bom gosto dos proprietários; dotada de luz elétrica. No pomar encontravam-se árvores frutíferas de variadas espécies, todas selecionadas com critério, produzindo frutos saborosos.

Enquanto Murilo, normalmente, deleitava-se na leitura de bons livros, e a esposa ocupava-se com labores domésticos, Cristina cuidava da alimentação das aves e dos pequenos animais. Os pintinhos e os patinhos, desde logo, mereceram a sua preferência. Eles a conheciam pela sua generosidade, aproximavam-se em bando, contentes, fazendo festa! A menina os acolhia com amor, distribuindo migalhas de pão e quirera de milho. Um patinho, certa vez, apresentou-se enfermo, Cristina, com atenção e carinho, colocou-o em uma caixa de papelão, durante um dia, dispensando-lhe cuidados especiais, no dia seguinte já estava refeito; colocado em liberdade, juntou-se aos irmãozinhos, em número de doze.

Na varanda da casa havia um grande aquário, onde viviam dezenas de peixinhos vermelhos. Cristina ficava horas a fio, sentada diante do aquário, encantada com os peixinhos, alimentando-os, conforme recomendação recebida do "tio Jura", era assim que ela o tratava carinhosamente.

- "Cristina, não dê aos peixinhos mais de uma medida desta de ração; uma quantidade maior irá prejudicar a qualidade da água, pondo em risco a vida dos peixes. Dê somente ração".

Essas pequenas atividades enchiam o tempo da menina, que revelava-se feliz. Outras vezes passava longas horas brincando com as crianças da redondeza, filhos de colonos, que a visitavam, interessados inclusive em obter certos favores. Tratava-se de gente pobre, quase sem recursos. Murilo e Valéria fizeram amizade com o povo daquela região, oferecendo-se, fraternalmente, para solucionar possíveis necessidades e contratemplos.

Nas visitas dos garotos a Cristina, o que ocorria com regular freqüência, vinha o cãozinho Boneco, pretinho, pretinho. Boneco era assim chamado, porque não saía do colo das meninas. Assim que Boneco via Cristina, punha-se a lhe fazer festa. A menina, igualmente, gostava do cachorrinho, ou melhor: estava fascinada por ele, pela sua obediência, sujeitando-se à vontade de todos. Boneco não tinha dono, aparecera por aquela redondeza trazido por alguém que, na certa, desfizera-se do animal, pelo trabalho que este lhe causava.

Tais acontecimentos enfeitavam a vida de Cristina, que descobria, a cada momento, novos encantos de viver.

Assim, o tempo, que jamais pára, foi transcorrendo sem preocupações e problemas. Entretanto, avizinhavam-se momentos cruciantes de dores amargas e agudas, indispensáveis à reparação de delitos perpetrados em outras vidas. Aliás, era exatamente para cumprir esses resgates dolorosos, que os três estavam mais uma vez reunidos. O período de dores e lágrimas seria dos mais difíceis, exigindo de todos, renúncia e abnegação ímpares.

Outro fator primordial, que não pode ser esquecido, para obter-se sucesso sobre o sofrimento e sacrifícios a serem enfrentados, é, indiscutivelmente, a fé nos Desígnios Divinos.

Capítulo 9 - O INIMIGO DO PASSADO.

Matilde era viúva há uma dezena de anos, recebia mensalmente uma pequena pensão do INPS, insuficiente para cobrir as suas despesas, apesar de pequenas. Assim, a fim de saldar os seus compromissos, trabalhava de faxineira, alguns dias por semana. Seu filho Reinaldo, sempre fora rebelde aos seus conselhos, preferindo o diálogo com os "amiguinhos" incoseqüentes e perniciosos, que só causavam malefícios, motivo de constante preocupação para o seu coração sensível. Matilde, como todas as mães, somente queria o progresso e bem-estar do filho.

Reinaldo já havia completado dezoito anos de idade.

Face à insistência da genitora, Reinaldo foi, algumas vezes, falar com o médium Matias e tomar passes magnéticos. Aliás, Matilde freqüentava com regularidade a casa do médium, velho simpático, de uma bondade e compreensão a toda prova. Em uma das visitas de Matilde, o irmão Matias, procurando esclarecê-la com relação ao filho, dirige-lhe a palavra nestes termos:

- Tenho visto com freqüência um espírito vingativo, a regular distância do seu filho, mas atento a tudo que acontece com o moço. Eu disse vingativo, porque ele apresenta-se bastante escuro, fisionomia dura, punhos cerrados. Parece-me que aguarda ensejo propício para vingar-se de situações dolorosas criadas pelo Reinaldo em outras vidas, a seu dano. Não fiz referências a esse fato, antes, porque a irmã não estava preparada para ouvir tal revelação.

- Vingar-se de quê? O Reinaldo não tem inimigos!

- Matilde, é como eu lhe adiantei: trata-se de um adversário de outras vidas. Nós já vivemos incontáveis existências aqui na Terra, assim como viveremos outras tantas ou muito mais ainda. Nas encarnações passadas, dando vazão ao orgulho e ao egoísmo, fizemos muitos inimigos. Agora, desfrutando de nova oportunidade, somos forçados a enfrentar lutas redentoras. Os adversários de outras jornadas terrenas, que ainda estão no espaço, aproveitam-se da ocasião para fazer justiça com as próprias mãos. Esse é o caso do Reinaldo.

- Mas Deus sendo Sabedoria e Amor sem limites, como é que permite tais vinganças? - inquiriu Matilde, com veemência.

- Realmente! Deus é Sabedoria e Amor infinitos; contudo, também é Justiça inigualável. Convém levarmos em conta, antes de mais nada, que as vítimas de hoje foram os algozes de ontem. A reaproximação dos litigantes de outras vidas, objetiva a reconciliação de todos, pois ninguém atinge a perfeição, embora sempre relativa, caso não se liberte definitivamente dos compromissos assumidos diante das eternas e imutáveis Leis Divinas.

- Meu Deus! . . . Como fazer, então, para que o espírito obsessivo seja afastado?

- Somente há um remédio infalível: a terapêutica do amor e do perdão sinceros. O esclarecimento do Reinaldo e do irmão que se julga prejudicado, terá a força de afastá-lo regenerado e feliz para sempre.

- O Rei, infelizmente, não se submete a qualquer tipo de disciplina. Julga-se livre e auto-suficiente para resolver os seus problemas, apesar de só contar com dezoito anos de idade.

- Matilde, diz o adágio popular: "De pequenino se torce o pepino". Tudo fica mais fácil quando a criança tem pouca idade. São mais dóceis e obedientes, porém à medida que os anos passam, a tarefa de educá-los vai tornando-se mais difícil. Emmanuel, guia espiritual do médium Chico Xavier, no livro O Consolador, questão de n.º 109, esclarece que a idade mais apropriada para educar-se as crianças, vai de 0 a 7 anos de idade. Nessa

faixa etária o espírito ainda não está perfeitamente integrado ao vaso físico; daí a docilidade e obediência que os menores revelam. Todavia, vencida essa etapa, quando o espírito assenhoreia-se integralmente da veste fisiológica, o comportamento tende a mudar. As experiências vividas no passado começam a alterar imperceptivelmente os hábitos do menor, que passa a ter opinião própria, não aceitando, muitas vezes, até o aconselhamento dos genitores, revelando-se rebelde.

Após a conversa com o médium, por sinal bastante proveitosa, Matilde regressou à sua casa, preocupadíssima com a sorte de Reinaldo. Como proceder para ajudá-lo, impedindo o assédio da entidade ignorante e vingativa?

Realmente, Rei, quando menino, gostava de furtar frutas, pequenos objetos, brinquedos; tudo que lhe caísse às mãos, partilhando experiências com "amiguinhos" irresponsáveis do seu grupo. A título de divertirem-se, iam, aos poucos, adquirindo o vício de roubar. Os conselhos maternos eram repelidos com energia. Rei não aceitava orientação de quem quer que fosse.

Aliás, era esse exatamente o desejo do espírito obsessivo: fazer com que Reinaldo, um dia, fosse preso e condenado a permanecer longos anos no presídio. Em existência passada, Rei também tinha o vício de roubar. Em uma dessas ocasiões fora preso e denunciara o comparsa à polícia, o que fez com que o inimigo de hoje, amargasse muitos anos de prisão.

A dívida era antiga. O algoz o espreitava de longe, pacientemente. De quando em quando avizinhava-se do moço, a fim de poder submetê-lo à sua vontade aviltante, incentivando-o à prática do roubo.

Curiosamente, Reinaldo que não atendia os conselhos de ninguém, aceitava com alegria os alvites inferiores que lhe eram ditados pelo desafeto das sombras. Assim, pouco a pouco, entregava-se à influência nefasta do inimigo invisível.

Quantos processos obsessivos têm início desse modo, sutilmente e, depois, tornam-se insuportáveis e de difícil diagnóstico e tratamento. Incontáveis vezes os adversários do pretérito, passam a conviver com as suas vítimas, desde os primeiros anos de idade, infiltrando-se sutilmente na vida do menor, mudando-lhe os hábitos devagarinho, sem que ninguém perceba. Assim, ao longo dos anos, vão dominando progressivamente a vontade da sua vítima; quando os pais descobrem que está ocorrendo algo de anormal com o filho, as coisas já estão difíceis de serem solucionadas. É comum a gente ouvir certas frases como estas:

- Não sei porquê! De uns dias para cá, esse garoto virou um capeta, ninguém pode com a vida dele. Só sabe aprontar!

Por que o filho não é mais aquele? Por quê agora não atende mais ninguém? É fácil diagnosticar: os pais jamais estiveram atentos com relação ao seu comportamento, como seria indispensável. Quantas vezes disseram :

- Ah! É uma criança, depois aprende. É cedo para ensinar, não devemos forçá-lo, para não criar traumas, que seria bem pior. Por enquanto é cedo, com o tempo tudo se ajeita.

Realmente, com o tempo tudo muda; se não fizerem algo agora, as coisas mudam, sim, para pior.

A verdade é que as crianças estão capacitadas a aprender desde os primeiros dias de vida; as lições é que precisam ser dosadas, conforme a idade do menor, sem deixar de lado a terapêutica do amor e da energia, em proporções corretas para cada época.

Os pais que se omitirem com relação à educação dos seus filhos, serão responsabilizados diante da Lei Divina.

Capítulo 10 - RESGATES DOLOROSOS.

Custódio alimentava sentimentos de ódio, prometendo cumprir a promessa de acabar com a vida de Jurandir e da sua família; somente assim sentir-se-ia vingado pelo fato de ter sido despedido pelo ex-patrão. Em tempo algum ocorria a esse espírito, pobre de virtudes e rico de imperfeições morais, que fora mandado embora da propriedade, devido ter tentado estuprar Madalena, empregada contratada por Leonor, para executar labores domésticos na casa da chácara.

Custódio, portanto, havia merecido a atitude drástica tomada por Jurandir, despedindo-o. Somente ele, Custódio, era responsável por tudo que havia acontecido em seu total prejuízo. A partir do momento em que deixou a chácara, passou a alimentar pensamentos sombrios de represália contra os antigos patrões. Afastava-se da região, perambulando pelas estradas, permanecendo distante muitos dias, depois voltava, sempre alcoolizado, remoendo pensamentos vingativos. A idéia de concretizar o crime em tempo algum deixou de povoar a sua mente doentia.

Com o passar dos anos atraía para junto de si entidades perversas e ignorantes, que mantinham igualmente sentimentos de revolta e ódio. Citadas entidades, além de divertirem-se à sua custa, também aumentavam o seu desequilíbrio, colocando-o sempre como vítima inocente e que precisaria, para sua tranqüilidade íntima, levar a termo a prometida vingança. Tais espíritos ainda sugeriam de que maneira deveria levar avante a sua vontade, concretizando-a para dano do seu algoz.

Cada criatura liga-se, consciente ou inconscientemente, a entidades espirituais boas ou más, através da natureza dos seus pensamentos e sentimentos. Jesus nos advertiu que deveríamos vigiar e orar, para não cairmos em tentações (Marcos 14:38). Não foi por acaso que o Divino Amigo nos orientou nesse sentido. O Espírito de Verdade, respondendo à questão de n.º 459, de O Livro dos Espíritos, levantada por Allan Kardec, afirmou que os espíritos interferem nos nossos pensamentos e atos, muito mais do que imaginamos. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que nos dirigem.

Nesta altura, Custódio, que havia permanecido meses distante, perambulando por outras paragens, remoendo pensamentos enfermeiros de ódio e vingança, retornou à região, mais uma vez, disposto a pôr termo no seu nefasto projeto. Vinha acompanhado de entidades sombrias, que o abraçavam incentivando-o a executar seus planos criminosos. Alojou-se a um canto de um bar, permanecendo ali, grande parte do dia, alimentando-se pouco e bebendo bastante. Quando o relógio do bar anunciava vinte e duas horas, levantou-se e foi em direção a um terreno baldio, abaixando-se para apanhar um vasilhame plástico, contendo gasolina. Em seguida afastou-se, cambaleando, pelo excesso de bebida ingerida; por volta da meia noite, veio de volta!

O silêncio era absoluto; Custódio, com extrema dificuldade, foi em direção à chácara; remexendo em um dos bolsos, encontrou uma chave, dada a ele por Jurandir, quando seu empregado. Abriu a porta da casa e entrou, sorrateiramente, deslizando na sombra. Ele conhecia bem o interior da moradia, sabia em que quarto Jurandir dormia. Derramou gasolina em todos os lugares, principalmente nas cortinas e estofados, móveis e

roupas; ato continuo ateou fogo. Incontinenti, o interior da casa ficou totalmente tomado pelas chamas, excepto o quarto de Jurandir. Custódio não se atreveu a entrar no dormitório, com receio de ser surpreendido pelo ex-patrão.

Murilo acordou sufocado pela fumaça espessa que entrava no quarto. A primeira providência foi acudir Cristina, que ocupava o quarto contíguo. O aposento estava totalmente dominado pelas chamas. Murilo corajosamente entrou, de olhos fechados para proteger suas vistas, foi até a cama onde a filha dormia, procurou-a, enlouquecido, constatando sua morte. Saiu correndo, desesperado, em direção ao fundo da casa, sempre entre as chamas, fugindo para o interior da chácara, quase fora de si, gritando:

- Meu Deus! . . . Meu Deus! . . . Cristina! . . . Cristina! . . .

Correndo sempre distanciou-se da propriedade, quando ouviu uma enorme explosão. O fogo havia queimado a mangueirinha plástica do butijão; o gás, conseqüentemente, começou a jorrar com força, ocorrendo a explosão, que destruiu grande parte da casa.

Valéria acordou com a explosão, notando a ausência do marido, abriu a janela que dava para o pátio da casa, evadindo-se nas sombras da noite, apavorada, sem poder atinar com o que fazia nem com o que teria acontecido naquele inferno de chamas.

Além de Cristina, Custódio também perdera a vida; embriagado não tivera forças para fugir a tempo. Caíra na armadilha que criara para matar seu antigo patrão. Nesta altura, os espíritos obsessores divertiam-se com o desfecho, procurando, inclusive, raptar Custódio (espírito), com a intenção de levá-lo, a todo custo, para zonas trevosas, de dores inenarráveis. Custódio era fisicamente parecido com Murilo e não tinha documentos pessoais. A polícia acionada a respeito, chegara à conclusão óbvia: tratava-se de Murilo, até porque ninguém sabia da presença do criminoso naquela paisagem rural, desconhecendo, inclusive as suas ignóbeis intenções.

Valéria, sem saber como agir, desorientada e infeliz, aproveitando o oferecimento fraterno de um motorista, retornou de carro ao seu lar, sendo posteriormente informada pela polícia, da morte de Cristina e do seu marido, ambos carbonizados e irreconhecíveis. O laudo policial fora claro, sem deixar margem a qualquer dúvida: Murilo e a filha foram as vítimas fatais do incêndio. Iriam investigar as causas do fogo; no momento, porém, nada poderiam adiantar sobre a origem do sinistro.

À tarde desse dia, foi feito o sepultamento dos dois em jazido da família. Quantas lágrimas foram vertidas, tanto por parentes, quanto por amigos. Murilo era por demais conhecido e estimado na região, por seu comportamento correto, sempre interessado em ajudar o próximo; fosse quem fosse encontrava nele um amigo disposto a partilhar das dores alheias. Cristina, igualmente, era admirada por todos, mercê das suas excelentes qualidades; era exemplo vivo para as garotas da sua idade. Além de tudo, a forma de morte que tiveram, sensibilizara as pessoas que de alguma forma já estiveram ligadas aos dois, por laços de família ou sincera amizade.

A Lei de Causa e Efeito cumprira-se. Aliás, foi para isso que os dois retornaram ao cenário terrestre. Cristina havia quitado grande dívida assumida em outras vidas; enquanto Murilo ainda precisava viver para liquidar de vez antigas pendências, libertando-se de obstáculos que o impediam de progredir moralmente, capacitando-o a realizar atos enobrecidos.

Valéria, igualmente, pagara o seu tributo de dores.

A Lei Divina, que é feita de Sabedoria e Justiça, jamais deixa de conceder misericórdia aos seres desditosos, envolvidos em lances aflitivos de expiações indispensáveis.

Há alegrias, hoje, que serão tristezas, amanhã; assim como, há tristezas, hoje, que serão alegrias, amanhã.

Aguardemos, pois, os episódios finais das vidas dos protagonistas desta história, para comprovação das afirmativas em trato.

Capítulo 11 - TRATAMENTOS DESIGUAIS.

Após a explosão o incêndio tomou proporções assustadoras. As chamas devoraram tudo com rapidez, reduzindo a casa a simples escombros. Agora, só restava um montão de ruínas fumegantes, atestando o tamanho e a gravidade do acontecimento que marcara, com sinete em brasa, almas sensíveis cativas de vidas pretéritas.

Assim que Cristina desencarnara, foi recolhida por braços amoráveis e levada com todo carinho a uma instituição socorrista de refazimento espiritual. Os seareiros que a atenderam, de pronto, estavam vestidos como enfermeiros, e a transportaram adormecida, dispensando-lhe atenções especiais, compatíveis com a sua situação no momento.

A instituição estava localizada no cimo de uma montanha; tudo ali era de uma beleza sem par. Notava-se, nas suas imediações, uma movimentação bastante intensa, dada a natureza dos seus labores. Criaturas iam e vinham, todas compenetradas dos seus misteres. Entidades em alta eram levadas por amigos e parentes a outros locais, a fim de iniciarem aprendizados específicos. Outros espíritos eram internados para o indispensável tratamento, como no caso de Cristina. No interior do prédio, onde o asseio e a ordem eram a tônica indiscutível, havia incontáveis salas, todas bem iluminadas, destinadas a atividades enobrecidas.

Cristina foi transportada a uma dessas salas e acomodada em cama confortável, coberta com lençol de tecido tênue e acariciante como pétalas de rosa. Logo, em seguida, surgiram dois médicos, a fim de inteirarem-se perfeitamente do ocorrido. Após breve exame, conversaram entre si:

- Tudo bem com a nossa irmãzinha; brevemente estará trabalhando em favor do próximo - adiantou um deles.
- Concordo com o seu parecer - disse o outro - o quadro clínico não apresenta nada de anormal que possa exigir tratamento mais demorado e altamente específico.
- Realmente, ela foi feliz na quitação do débito moral que pesava sobre a sua vida, impossibilitando-lhe a realização de cometimentos elevados - tornou o primeiro.
- A sua fisionomia é a dos justos, está tranqüila; dorme serenamente. Trata-se de criatura merecedora da nossa maior atenção e cuidado.
- O mister dela, depois de atendida, não será nada fácil junto ao seu companheiro, nosso irmão Murilo, que ainda encontra-se preso à veste física.

Cristina permaneceu internada na Instituição socorrista, cerca de dois meses, segundo o calendário da Terra. Ao receber alta, foi levada para uma escola, onde recebeu, durante determinado período, o aprendizado indispensável para poder bem cumprir a sua missão junto a Murilo.

Quando os dois ainda estavam no espaço, antes da última encarnação, houve uma promessa de Cristina, no sentido de auxiliar a Murilo nas ásperas porfias da sua vida em curso. Assim, Cristina estava na iminência de começar a cumprir o prometido, no que seria, inclusive, assistida por Benfeitores amigos. A fim de que os lances mais agudos, de dores e lágrimas, não redundassem em fracasso. A dura experiência do companheiro precisaria ser vencida com êxito, libertando os dois das teias de comprometimentos dolorosos assumidos em vidas pregressas.

No mesmo instante em que Cristina era socorrida por entidades benévolas, após o desencarne, Custódio também recebia a visita de seres imateriais que vieram à sua procura. Espíritos hediondos, sarcásticos, aproximaram-se e o arrebataram à força, levando-o para local tenebroso, de "choro e ranger de dentes".

Espíritos vinculados ao seu passado de crimes e desatinos de toda ordem, levaram-no; alguns desses seres trevosos, que formavam a comitiva, foram atraídos por Custódio, através dos vícios que possuía, tais como: fumo, álcool, tóxicos (hábito adquirido nos últimos meses de vida na matéria); além, naturalmente, dos pensamentos doentios de ódio e vingança que nutria contra o seu ex-patrão. Tudo isso fez com que o cortejo de entidades sofredoras aumentasse consideravelmente, arrebatando-o violentamente e desaparecendo na escuridão compacta e sinistra, levando-o para locais de tormentos inauditos.

Na atmosfera terrestre existem instituições de refazimento espiritual, escolas de aprendizados redentores locais de entretenimentos sadios, onde o merecido júbilo é uma constante em todas as fisionomias. Existem, igualmente, zonas de sofrimentos superlativos e revoltas que vão além do que podemos imaginar. Líderes carrascos comandam multidões de criaturas amarguradas e infelizes.

Cada ser ao desencarnar-se segue o caminho que escolheu, juntando-se aos afins. Aqui na Terra a população é heterogênea, existem pessoas de todas as índoles e condições morais. Pobres e ricos, perfeitos e imperfeitos, sadios e doentes, virtuosos e transgressores da Lei Divina, vivendo ombro a ombro, intercalados na mesma coletividade.

No plano imaterial, ou seja, na psicofera terrestre, na condição de espíritos errantes, ainda sujeitos a novas encarnações de aprimoramento moral e aquisição de valores eternos, existe uma multidão de seres, agrupados conforme suas tendências e merecimento. Cada qual com os seus pares, reunidos pelos mesmos pensamentos e sentimentos.

Assim, podemos facilmente identificar grupos de viciados, de maledicentes, de malvados e vingativos, etc.

Por outro lado, podemos notar igualmente Espíritos laboriosos empenhados em ajudar a Humanidade a redimir-se. Os critérios de merecimento e de sintonia são observados com rigor e equidade. Nada escapa à perfeita Lei Divina, feita de Misericórdia e Justiça.

Os seres arrebanhados às zonas mais densas, de dores incalculáveis, onde o crime é uma constante incontestável, somente reabilitar-se-ão quando se empenharem na própria melhoria íntima. Após exaustivas e dolorosas permanências nesses locais trevosos, ambientes de lágrimas e gargalhadas sarcásticas, em lutas acirradas, ocorrerá pequenos vislumbres inesperados de felicidade, à semelhança de remédio utilizado no combate a dores lancinantes, que marcam intensamente aqueles seres desditosos.

Todos os seres humanos dispõem de livre arbítrio, ou seja, têm liberdade para fazer o que bem entenderem; contudo, cada um receberá conforme a natureza dos seus atos. A própria Natureza nos oferece lições das mais esclarecedoras e irrecusáveis. Quem semeia espinhos, de modo algum colherá flores. A boa semente produzindo o bom fruto, assim como da má semente nascerão sempre maus frutos. E da Lei divina!

Tanto Cristina quanto Custódio foram recepcionados na chegada ao plano espiritual; no entanto, houve acentuada diferença de atendimento, em razão do merecimento específico de cada um deles. A morte não confere, a quem quer que seja, situações privilegiadas. Ela é apenas a porta para uma vida diferente. Após o abandono do vaso físico, o indivíduo continua desfrutando das próprias experiências, felizes ou infelizes. A natureza não dá saltos. A vida continua, independente da nossa vontade.

Cristina, em breve, estará trabalhando em favor do bem-estar alheio, e, conseqüentemente, em benefício de si mesma. Custódio, lamentavelmente, curtirá momentos de intensas dores, digladiando-se com seres odientos e perversos, alimentados por vinganças seculares. Coitados daqueles que, consciente ou inconscientemente, aliam-se a tais entidades sombrias, de sentimentos aviltantes.

Cada um de nós é livre para escolher o próprio destino.

Capítulo 12 - ATENDIMENTO FRATERNAL.

Murilo, descalço e de pijama, ensandecido, correu vários quilômetros, até que, sem forças para prosseguir, sofrendo dores lancinantes, principalmente no rosto e nas mãos, não suportando mais, caiu, perdendo os sentidos.

Socorrido por uma mulher e pelo seu filho, foi levado para uma casa humilde, onde ficou alojado em um cômodo dos fundos da moradia. Atendido fraternalmente por Matilde, que vivia ali com seu filho Reinaldo.

Assim que Murilo voltou a si, agradeceu o apoio cristão que recebera, solicitando, inclusive, que nada dissessem a ninguém, por questões de família. Gostaria, igualmente, de permanecer ali até recuperar-se das queimaduras. Matilde, mulher boa e compreensiva, entendera as solicitações do ferido. Com panos alvos e macios, umedecidos em água limpa e fluidificada (ela era espírita), foi tratando dos ferimentos, com carinho extremado.

A regeneração dos tecidos levou muito tempo, até porque Matilde não dispunha de remédios adequados ao tratamento das queimaduras. Assim, somente ao final do primeiro mês é que Murilo apresentava-se curado e em condições de poder seguir o seu destino.

Murilo prometeu pagar o trabalho e a dedicação que lhe foram dispensados, porém Matilde negou-se, terminantemente, receber qualquer tipo de remuneração. Sentia-se gratificada com o resultado obtido, acrescentando:

- Foi Jesus que o curou; eu nada fiz, apenas cumpri com o meu dever de cristã. Entendi e pus em prática a lição da parábola do bom samaritano s Lucas 10:33 a 35).

- Eu conheço a parábola; é uma das mais bonitas e edificantes da Boa Nova do Cristo, porque enfoca a caridade como a maior virtude, acima dos rótulos religiosos que nada valem sem a vivência dos ensinamentos de amor.

- Você é espírita? - perguntou Matilde.

- Não. Não sou espírita. Gosto apenas de ler o Novo Testamento. Sempre encontrei, em suas páginas, as soluções para os meus problemas e conforto para o meu coração - aduziu Murilo.

- Eu sou espírita desde mocinha; tinha sérias perturbações que somente o Espiritismo resolveu. Hoje, eu procuro fazer o mesmo com as pessoas que precisam e que cruzam o meu caminho. Tenho, inclusive, algumas obras espíritas sempre à mão, para as minhas costumeiras leituras e reflexões.

- Os livros são nossos mestres, não cobram nada e ensinam bastante...
- Principalmente os livros espíritas - interrompeu-o Matilde, com convicção. - Eu o noto muito sofrido.

Você precisa ler O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec. Trata-se de excelente obra que tanto esclarece quanto consola o nosso coração, tornando-nos fortes contra os percalços da vida. Com o tempo você vai precisar de uma plástica no rosto, a fim de se livrar das seqüelas deixadas pelas queimaduras. Já pensou nisso?

- Agradeço o seu interesse em me ajudar. Contudo, com relação à plástica, não sei, não. Isso vai depender de recursos financeiros que não possuo. Não tenho nada, nada mesmo! Até a esperança que morava no meu coração, já partiu para rumo ignorado - tornou Murilo, revelando na voz a amargura que dominava o seu coração sensível.

- Murilo, tudo que acontece, que marca demais a nossa vida, tem uma razão de ser. Eu também tenho sérios problemas que procuro solucionar com a terapêutica da paciência e do amor; alguns são fáceis, outros demandam tempo, boa vontade e empenho. Reinaldo, por exemplo, está vivendo uma fase das mais difíceis, apesar dos meus esforços em orientá-lo, ele não me dá atenção, aceitando sempre os aconselhamentos perniciosos dos "amiguinhos" inseqüentes e irresponsáveis, dominados por hábitos ociosos, nutrindo pensamentos condenáveis.

Os freqüentes diálogos de Matilde com Murilo, faziam-lhe um grande bem, revigorando-lhe as energias mentais, tornando-o mais paciente, compreensivo, resignado.

Matilde enfrentava experiência difícil, no que tange à manutenção do lar; os recursos financeiros eram minguados. Apesar dessa situação, cuidava com muito zelo dos afazeres domésticos, executando-os a tempo e a contento.

A preocupação maior era o seu filho, acompanhava com extremada vigilância o comportamento de Reinaldo que sempre revelava-se arredio às suas bondosas palavras.

O que tem sido de muito valor a Matilde é a confiança que tem em Deus e Jesus, fontes de dádivas infinitas de amor. Matilde sabe que, após uma existência de rudes reparações, sempre surgirá a aurora de um novo dia, trazendo ensejos enobrecidos de enriquecimento íntimo dos seres humanos, na esteira infinita do tempo.

Tal convicção é, indubitavelmente, o grande sustentáculo da preciosa vida de Matilde. Ama o seu filho e o seu lar, embora pobre; luta, como ninguém, a fim de levar adiante o seu fardo de provas e reparações ásperas.

Seu filho, rebelde às suas bondosas e sábias palavras, tem sido o motivo de suas constantes inquietações.

Desde pequeno, sempre revelara interesse pelas coisas alheias, furtando laranjas, lápis, algumas moedas brinquedos dos amiguinhos. Matilde, que acompanhava de perto os seus passos, o advertia constantemente, fazendo-o entender que ninguém deve se apropriar indevidamente de objetos que não lhe pertencem. Sempre aparecia com novidades em casa, o que trazia à mãe sérias e freqüentes preocupações a respeito do seu futuro. Considerado, por todos que o conheciam, como garoto de invulgar inteligência.

Matilde já fora rica em outras vidas e não soubera administrar os bens que possuía em proveito da coletividade carente; pelo contrário, envolvera seu filho, na ocasião, em negócios desonestos. Agora vive uma existência plena de necessidades; trabalha exaustivamente e tem como finalidade maior, trazer o seu filho para o caminho do bem. Reinaldo é a reencarnação do filho do passado, desencaminhado por ela mesma, pela sua ambição desmedida. Nada ocorre à revelia da Sábida e Justa Lei Divina.

Ninguém conquista a perfeição vivendo uma existência apenas: do berço ao túmulo. A reencarnação abre caminho para a perfeição, embora esta seja apenas relativa. A evolução é infinita. É, exatamente, através das vidas sucessivas que os espíritos atingem esferas de purificação e bem-aventuranças indescritíveis.

Quando Jesus disse: "É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, que um rico se salvar" (Mateus 19:24), não quis, evidentemente, afirmar que os ricos estariam perdidos, espiritualmente, para sempre. A lição em foco apenas ressalta que a prova da riqueza é uma das mais difíceis, mas não impossível de ser superada com êxito.

A riqueza enseja orgulho e egoísmo, as duas mazelas piores que ainda medram no coração humano. O orgulho é contrário à humildade; o egoísmo é a antítese da caridade, as duas maiores virtudes, delas derivam todas as demais qualidades morais.

Matilde, sempre que se sentia fragilizada pelas vicissitudes da vida, procurava aconselhar-se com o bondoso Matias, espírita e médium vidente que, além de orientar as pessoas necessitadas de atendimento espiritual, igualmente aplicava passes magnéticos. Após as reiteradas visitas, voltava para sua casa, revigorada e confiante na Vontade de Deus.

Capítulo 13 - O PALHAÇO BOMBOM.

Jurandir, ao ser inteirado da tragédia que destruíra o lar de Valéria, procurou-a para conversarem a respeito e confortá-la na dura expiação. Valéria estava bastante traumatizada com o sucedido, também não era para menos, perder o marido e a filha, de repente, e de maneira tão trágica. Jurandir revelou-se compreensivo e fraterno ao colocar-se à disposição para quaisquer eventualidades.

Valéria lamentou os prejuízos materiais que ele tivera, pois da propriedade sobrara bem pouco. O incêndio, em pouco tempo, consumira quase tudo, restando só escombros.

Agradecida por tudo, Jurandir. - disse Valéria

- Não dispenso a sua amizade e, se necessário, recorrerei, sem dúvida, ao seu valioso apoio.

- Estarei sempre à sua disposição, lembre-se disso - respondeu, sublinhando as palavras.

Entrementes, Murilo, cada vez que olhava-se no espelho lembrava-se do diálogo que mantivera com Valéria, quando namorados:

- . . . Eu gosto de você, porque é bonito. . . "

- . . . Você não leva em conta as qualidades morais das pessoas?"

- "Perfeitamente! Contudo, para meu esposo eu sempre almejei ter um homem que fosse bonito, antes de tudo . . . "

Diante dessa amarga realidade, ele com o rosto terrivelmente marcado e Valéria desejando ter ao seu lado um companheiro que fosse bonito, resolveu deixar o tempo passar, até porque havia sido dado como morto.

Por outro lado, a polícia não havia chegado a uma conclusão acerca das causas do incêndio, tendo em vista que pouca coisa escapara das labaredas famélicas.

Murilo, com o transcurso dos meses, resolveu procurar um meio de vida para poder sobreviver; não poderia, evidentemente, permanecer por mais tempo na casa de Matilde, apesar dela mostrar-se compreensiva e fraterna. Todavia, o quê fazer? Não poderia aparecer

diante dos parentes e amigos, pois consideravam-no morto. Além do mais, o seu aspecto, por certo, causaria compaixão. Isso nunca! Agora, trazia, no rosto, seqüelas da tragédia que destruíra seu lar, roubando-lhe, inclusive, o bem mais precioso de sua vida: Cristina!

Murilo, dominado pela amargura, continuava procurando emprego, porém sem sucesso, quando ocorreu um fato que alterou completamente a sua vida. Na periferia da cidade montaram um pequeno Circo, desses que correm o interior do Estado, a fim de poder sobreviver à carestia dominante.

Murilo procurou falar com o senhor Arquimedes, dono do Circo "Tricolor"; este o recebeu muito bem, abraçando-o, inclusive.

- Pois não; o que o amigo deseja?

- Estou sem emprego; como vocês estão chegando, quem sabe se não há uma ocupação para mim? Faça qualquer coisa; preciso de dinheiro para me manter adiantou Murilo, esperançoso.

- Qual foi o seu último emprego?

- Trabalhava em um Banco. As condições que determinaram a minha saída, eu lhe contarei oportunamente - respondeu Murilo, humildemente.

- Você precisa ter alguma aptidão, do contrário como empregá-lo? Fica difícil. Não é falta de boa vontade, o amigo compreende, é que precisamos de mão de obra especializada; trabalhadores braçais já possuímos um número mais do que suficiente. Além, naturalmente, daqueles que foram contratados e, posteriormente, serão dispensados, tão logo o Circo esteja em condições de funcionamento - informou Arquimedes. - Caso o amigo saiba fazer algo que o qualifique, teremos prazer em contratá-lo.

Murilo ouviu com atenção as justificativas do dono do Circo, ao final, agradeceu e afastou-se, pensativo e frustrado.

Na estréia do Circo, ocorreu um fato bastante triste: a trapezista Arine, jovem lindíssima, caiu do trapézio, fraturando as duas pernas. A moça trabalhava no Circo, contrariando a vontade dos pais, que de modo algum conformavam-se com a profissão adotada pela filha. Face ao acidente, Arine resolveu deixar a carreira artística de vez, o que deixou seus genitores felizes, apesar do sucedido.

O palhaço Sabugo, que estava loucamente apaixonado pela jovem, não obstante os seus quarenta anos de idade e não ser correspondido, resolveu igualmente abandonar o Circo, voltando para o norte do país, onde residia toda à sua família; procedendo assim, pensava esquecer Arine, que era o maior sonho da sua vida. Se pudesse desposá-la, isso o faria o homem mais feliz do mundo!

Entretanto, o destino não quis; resignou-se e retornou para junto dos familiares, deixando a função de palhaço. Tão logo Murilo soube da ocorrência, voltou à presença do senhor Arquimedes, pleiteando o lugar, de vez que, quando solteiro, integrara um grupo teatral, representando, tanto comédias quanto peças dramáticas, sempre a contento do público.

O dono do Circo, face a essas informações e premido pela necessidade, contratou-o, por um período experimental de noventa dias; caso correspondesse à expectativa, então o seu contrato seria renovado por dois anos, assim sucessivamente.

- Como será o seu nome artístico?

- Bombom; quero ser a alegria das crianças respondeu, confiante.

Como palhaço, Murilo foi um sucesso! Jamais tiveram um artista tão completo nessa atividade circense. Em todos os espetáculos, Bombom era aplaudido com entusiasmo pelo público que costumeiramente superlotava as dependências do Circo.

Os preparados que usava para maquiagem seu rosto, serviam, inclusive, para corrigir as marcas deixadas pelo fogo e encobriam a sua verdadeira identidade, dando-lhe, assim, mais liberdade para apresentar-se, sem receio de ser reconhecido por parentes e pessoas amigas que porventura comparecessem aos espetáculos circenses.

Bombom maquiava-se com prodigalidade, usando produtos adequados, a fim de aparecer em cena, devidamente produzido: rosto pintado de branco; nariz e boca vermelhos, exageradamente grandes, definidos com lápis crayon; vestimenta bem folgada, tipo macacão, vermelha com bolas brancas; cinto preto, largo, com enorme fivela; sapatos bem maiores que os pés, dificultando e dando graça ao andar; luvas brancas; em uma das mãos trazia sempre um cãozinho de pano, amarrado a uma corda; na outra mão uma bengala também branca, grossa e curta. Na cabeça um chapéuzinho azul, charmoso. Esquecemos de dizer algo sobre a gravata: borboleta, vermelha, razoavelmente grande, no colarinho folgado. Bombom era o centro de todas as atenções.

Além das brincadeiras e piadinhas, o palhaço entrava no picadeiro dando cambalhotas, que a menina adorava. O desejo de Bombom era fazer rir todas as pessoas, principalmente as crianças, às quais amava. Todavia, o seu coração chorava copiosamente a perda dos seus entes queridos. As meninas presentes aos espetáculos, faziam-no lembrar de Cristina, a amada filha, do seu coração sofrido. Quantas vezes não teve de esforçar-se ao máximo para não chorar no picadeiro.

Ah! Destino cruel; ter que fazer o povo rir, quando sua alma estava mergulhada em pranto, ensopada em lágrimas pungentes, resultado da tragédia inominável que enlutara sua vida.

Capítulo 14 - DE ESPINHOS, SEM DÚVIDA.

As vidas humanas, incontáveis vezes, estão plenas de situações bastante diversificadas entre si. Alternativas de boas-novas contrastando com situações dolorosas, exigindo sacrifícios sem conta, fatores de aprimoramento moral, de seres seriamente comprometidos com a Lei Maior. Feliz daquele que sabe avaliar a sua real situação, mantendo-se equilibrado, tanto nas horas de dor quanto nos momentos de júbilos.

O sofrimento humano assemelha-se a nuvens pesadas que vêm e que passam, nem sempre precipitando-se na forma de chuvas torrenciais, que levam tudo de roldão, deixando um saldo de dores e lágrimas dolorosas.

Murilo era um homem feliz, vivia com a esposa a quem amava e com a adorada filha. No horizonte da vida de sua família não havia qualquer sinal de iminente tempestade; no entanto, bastou apenas um momento para que tudo que foi logrado com esforço e boa vontade, ruir-se fragorosamente, ficando reduzido a escombros. Não só a família em si, mas principalmente os seus sentimentos sofreram um sério abalo emocional. As feridas causadas em sua alma eram profundas, de difícil cicatrização.

Murilo, de modo algum, vislumbrava a possibilidade de reorganizar a família, levando-se em conta a sua real situação, e as ulcerações íntimas abertas no seu peito, com a partida prematura de Cristina, de maneira traumatizante.

A sua esposa, tendo em vista as seqüelas existentes no seu rosto, de forma alguma gostaria de revê-lo. Casara-se com Murilo porque ele era um rapaz bonito, mais de uma vez

ela referira-se a esse detalhe, para ele sem significação; porém para Valéria representava fator decisivo na sua felicidade.

Agora, com o rosto estigmatizado pelo fogo, não se sentia com coragem suficiente para retornar ao convívio da esposa. Perambulava por ermos caminhos, fugindo do bulício da cidade para não ser reconhecido ou, então, visto com piedade por parte dos transeuntes. A vida de Murilo, outrora tão feliz, estava reduzida a cinzas... cinzas escaldantes.

Vivia, comumente, instantes de intensa aflição, sem saber aonde ir ou o que fazer. Quantas vezes perguntara a si mesmo: - O que será da minha vida daqui para o futuro? Só Deus mesmo para pôr termo ao meu sofrimento. Tenho andado como um bicho, a fim de não ser visto por pessoas que poderão me reconhecer. Isso é vida?!

Certa vez em que ousara fazer um passeio pelos arredores da cidade, detendo-se em um pequeno jardim, teve a oportunidade de ouvir um diálogo a seu respeito, entre uma senhora e uma jovencinha. A garota, após olhar detidamente para o rosto de Bombom, dirigindo-se à mãe, disse:

- Mãe, que homem feio!
- Não diga isso, ninguém é feio.
- Por que, mamãe?
- Porque todos nós somos filhos de Deus.
- Não entendo!

- Porque Deus é Bom, Justo e Sábio. Assim, todos nós somos bonitos de alguma forma. A beleza, minha filha, expressa-se de diversificados aspectos. Há pessoas lindas por dentro e feias por fora; outras, feias por dentro e lindas por fora. Entendeu?

- Eu ainda não sei ver a feiúra ou a beleza de dentro das pessoas - lamentou a garota.

- A beleza de dentro revela-se quando a pessoa é boa e compreensiva, paciente e tolerante, laboriosa e fraterna . . .

- Mamãe - interrompeu-a a mocinha - você é linda por fora e por dentro. Acertei?

- Não sei, minha filha; tomara que sim. A feiúra expressa-se através dos vícios e mazelas morais. Esse homem que acabamos de ver, pelo seu aspecto sofrido, deve ser bonito por dentro. A dor aprimora as criaturas.

- Você acha, mamãe?

- Essa a impressão que eu tive ao olhar o seu rosto, mais precisamente os seus olhos. Vi estampado no seu olhar o desespero e a dor. Minha filha, precisamos respeitar o sofrimento alheio, ninguém conhece o seu dia de amanhã. Todos nós devemos enfrentar uma determinada cota de amarguras e sacrifícios nesta vida, como elementos purificadores, sem o que não sairemos do marco inicial da esteira infinita do progresso. Quem não tem problema, já é um problema.

- Coitado! A beleza de dentro, mamãe, não é todos que a enxergam. Há necessidade de uma análise mais profunda.

- Perfeitamente, minha filha.

A seguir mudaram de assunto, logo após seguiram o seu caminho, afastando-se do local. Murilo que, até então, permanecia meio-escondido atrás de uma árvore, não se contendo, foi à casa de Matilde, seu "ombro amigo" e precisava falar com alguém, desabafar.

- O que aconteceu? Você não está passando bem? - inquiriu a amiga, assim que pôs os olhos sobre o companheiro. - Entre.

A seguir, sem mais demora, Murilo colocou Matilde a par do fato. Ouvira palavras duras que fizeram as feridas do seu coração sangrar dolorosamente.

- O que você queria que acontecesse? É assim mesmo! Que diferença faz em nos classificar como bonitos ou feios? O que importa considerar são as ponderações acertadas da senhora, orientando a filha; a beleza interior é que tem valor. Não perturbe-se por tão pouco - argumentou Matilde.

- Estou bastante fragilizado; é por isso que tudo que ocorre ao meu redor acaba me machucando, causando confusão na minha cabeça.

- Murilo, nós fomos criados por Deus, simples e ignorantes, ou seja, sem desejos exorbitantes e ilusórios; pelo contrário, éramos felizes com os recursos e condições de vida, próprios, não tínhamos ambições, pois ignorávamos todas as coisas, até as mais comezinhas. Contudo, Deus nos concedeu todos os valores íntimos indispensáveis à conquista da nossa evolução, doando-nos, inclusive, todo tempo necessário, através das vidas sucessivas.

A felicidade verdadeira e definitiva, depende do desenvolvimento dos valores divinos recebidos, ainda em estado latente, o que será feito pelo conhecimento da verdade e prática da Lei do Amor. Ocorre que, fazendo uso indevido da liberdade, saímos do caminho recto para os atalhos sinuosos da vida, comprometendo-nos com o orgulho e com o egoísmo. Assim, tivemos chances de plantar flores, porém preferimos semear espinhos. Agora eu pergunto: - De que natureza será a nossa colheita?

- De espinhos, sem dúvida.

- É o que está acontecendo com você e comigo, também. Ou você pensa que eu não tenho responsabilidades com os desvios morais que vem praticando o meu filho Reinaldo? Eu o desencaminhei no passado, agora preciso trazê-lo de volta ao caminho da virtude. A paciência e a resignação serão o meu apoio, aconteça o que acontecer. Confio plenamente na Providência Divina!

- Matilde, querida irmã, como foi bom ter vindo aqui. Suas palavras balsamizaram as feridas do meu peito.

Obrigado. Que Deus a abençoe pelas suas palavras repassadas de bondade e luz. Até uma nova oportunidade.

- Não esqueça: Deus é Justiça feita de Misericórdia. Até um novo encontro.

Capítulo 15 - O REMÉDIO DAS ALMAS.

Murilo, sempre que dispunha de tempo, visitava Matilde, sua benfeitora. Ele morava no Circo, em um pequeno alojamento, juntamente com mais dois companheiros: Feliciano e Vicente; estes executavam qualquer tarefa, exceção feita à parte artística; não tinham tais pendores.

Certa manhã, vamos encontrar Murilo na casa de Matilde, conversando, demoradamente.

- Quanto tempo faz que você está radicado ao Circo?

- Um ano. Já estou perfeitamente integrado aos espetáculos circences. Graças a Deus encontrei o meu caminho - respondeu Murilo, pensativo.

Matilde olhou-o fixamente por alguns momentos, depois, retomando a palavra, perguntou:

- Você gosta do que faz?
- Gosto, sim. Contudo, entre o que eu faço e o que sinto, vai uma grande diferença.
- Caro amigo, a vida continua! Já pensou em procurar a esposa? Quem sabe se essa não seria a melhor solução?
- Não, não é! Por razões íntimas eu não devo procurá-la, até porque receio muito a sua reação. Ela me julga morto, além disso sou um homem mutilado.
- Mutilado?! . . . O que é isso! Procure esquecer esse episódio doloroso de sua vida. O passado é o passado. Seja resignado. Enquanto o amigo não adquire o livro O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, leve o meu emprestado, pelo tempo que quiser - a seguir, Matilde entregou a Murilo um livro um tanto amarelecido pelos anos de uso.
- Muito obrigado pela sua generosidade. Irei ler suas páginas com tanta fé, que as suas lições serão o remédio providencial para a minha alma sofrida - duas lágrimas, teimosamente, rolaram pelo seu rosto, denunciando a emoção do momento, forte, porém salutar.
- Não se emocione; ainda vão acontecer muitas coisas boas na sua vida; tenha certeza disso! - falou Matilde, confortando-o.
- Após breve silêncio, Murilo perguntou:
- E o Reinaldo? Já faz dias que eu não o vejo!
- Está dormindo, chegou bem tarde, ontem. Ele é a minha preocupação maior. Quando garoto, muitas vezes eu o levei para conversar com o bondoso Matias; agora, porém, nem quer que mencione o nome desse benfeitor do povo. Não sei, não; o futuro do Rei é preocupante. Não quer estudar nem trabalhar; vive na companhia de amigos viciados e de cabeças vazias.
- Com o tempo ele muda; afinal, a vida é a grande mestra de todos nós - tornou Bombom.
- Realmente; porém eu não quero que ele complique-se primeiro, com algo grave, para aprender a lição, depois. Diz a sabedoria popular: "É melhor prevenir, que remediar".
- Matilde era o apoio imprescindível na vida de Murilo, amenizando as amarguras do seu viver. Com a sua preciosa orientação, os legítimos valores iam, aos poucos, sendo incorporados à sua personalidade, robustecendo a sua vontade de viver e ser feliz. Quem pensa em termos de felicidade somente na existência que desfruta, quase sempre acaba decepcionando-se. Quantas pessoas levam vida de sofrimentos a partir do berço até o túmulo! São inúmeros esses casos, facilmente flagrados no seio da Humanidade, cujas aflições são mais de natureza moral do que materiais.
- Ocorre que a vida humana não tem início no berço, tampouco terminará no túmulo. Assim como já tivemos incontáveis passagens pela Terra, teremos outras tantas ou muito mais ainda. A reencarnação ou vidas sucessivas é a única lei que nos revela a grandeza de Deus na sua plenitude, ou seja, infinitamente Misericordioso, Sábio e justo.
- Matilde, mais por intuição, que por convicção própria, sabia que Murilo tinha poucas chances de lograr a felicidade na presente vida. Todavia, sabia igualmente por experiência própria, adquirida ao longo de seqüentes janeiros, e, baseada ainda nas leituras de obras espíritas, que ele, somente depois de concluída a presente jornada de dores, teria ensejo de conquistar a felicidade, até então sequer imaginada.
- Nesta altura, Reinaldo saía do quarto, indo em direção ao banheiro. Ao passar pela sala, cumprimentou Murilo e a genitora.
- Bom dia, Murilo. Como vai, mamãe? Ontem eu cheguei um pouco tarde; a senhora já estava dormindo - justificou-se.

- Na hora em que você chegou, eu estava fazendo as costumeiras orações. Meu filho, nós não podemos olvidar de Deus, através da prece e do trabalho digno. Essas as nossas necessidades maiores.

- Quando orar, mamãe, não se esqueça de mim - respondeu, afastando-se, com um risinho irônico nos lábios.

- É sempre assim; não dá valor ao que eu falo, não sabe que está pisando no terreno movediço dos vícios; os "amiguinhos" estão pondo-o a perder. Infelizmente, somente irá dar conta da verdade, quando estiver com a vida complicada, aí eu sofrerei junto, porque sou mãe.

- Hoje eu sei, que todas as pessoas, de alguma forma, têm algo a resgatar, devido a dívidas antigas, bem como aprimorar-se intelectual, moral e espiritualmente, com vistas à nossa sublime destinação: seres perfeitos ponderou Murilo.

- Você está aprendendo depressa; muito bem! - parabenizou-o Matilde.

- O sofrimento é o grande mestre das nossas almas carentes. As experiências dolorosas que estou vivendo têm trazido compreensão ao meu espírito, e as nossas conversas, paralelamente, são portadoras de consolo ao meu coração - desabafou Bombom, quase chorando.

- Ao lado da dor, Deus põe sempre o remédio adequado; afinal, a Sua Justiça está acompanhada da Misericórdia minimizando as reparações dolorosas de todos os seres humanos que aceitam resignadamente o sofrimento como caminho de redenção - tornou Matilde.

- Concordo plenamente, porque eu avalio que isso é verdade! As horas de amarguras da minha vida, não são poucas; no entanto, depois, eu sinto um refrigério indescritível balsamizar meu coração, alentando-me para as lutas porvindouras, que serão duras e difíceis, certamente.

- O amigo tem feito um progresso elogiável; vem enfrentando as vicissitudes com resignação. Quando se sofre resignado, sofre-se menos; quando se sofre revoltado, sofre-se mais. Não é a dor que aumentou, apenas revelamo-nos despreparados para poder suportá-la com coragem e otimismo, confiantes na Providência Divina. De acordo?

- Sem dúvida. Todavia, em certos momentos, eu ainda vacilo muito, fruto do pouco conhecimento que desfruto- Apesar de tudo, confio na Bondade Divina. Já tomei muito do seu precioso tempo. Estou de saída, assim que puder eu voltarei. Obrigado pelo apoio fraterno.

- Que Jesus nos abençoe a todos. Até breve!

Capítulo 16 - A QUEDA PROVIDENCIAL.

No lar, conforme vimos em apontamentos anteriores, Reinaldo revelava-se rebelde, irritadiço e até revoltado. Somente na companhia dos amigos mostrava-se cordato e acessível, isso devido a afinidade de propósitos existente entre todos os companheiros; dando a impressão de que tinha duas personalidades.

Não era observado pelos amigos, corrigido, repreendido; pelo contrário, seus atos sempre foram apoiados sem restrição e aplaudidos em inúmeras ocasiões.

- Estes, sim, são meus verdadeiros amigos ponderava, algumas vezes, mentalmente.

Sua mãe, sempre dócil e boa, orava freqüentemente, rogando a Jesus ampará-lo e esclarecê-lo, para que nada de mal pudesse ocorrer ao seu querido filho.

A existência humana é valiosa oportunidade de redenção concedida por Deus, mercê da sua Misericórdia infinita, com a finalidade de nos proporcionar renovados ensejos de refinamento espiritual. Cada um de nós, de certo modo, assemelha-se ao filho pródigo da parábola evangélica (Lucas 5:11 a 32).

Afastamo-nos da casa de nosso Pai Celestial, a fim de melhor desfrutar as riquezas e os gozos do mundo; porém, depois de gastarmos recursos financeiros e energias físicas; depois de empobrecidos e enfermos, arrependidos pelas atitudes tomadas, encetamos a viagem de volta à casa paterna, cheios de esperanças e confiantes na bondade e compreensão de nosso Pai. A dor redime as almas comprometidas, fazendo com que as imperfeições morais sejam alijadas definitivamente do íntimo dos seres humanos.

O caminho de volta está pleno de dores e lágrimas acerbadas, mas vale a pena perseverar no seu percurso, tendo em vista que após o sofrimento bem suportado, virá o lenitivo e a cura. Depois das noites trevosas, plenas de incertezas, surgirá a alvorada de um novo dia, portador de renovados labores de reabilitação. A semeadura é livre, porém a colheita é obrigatória.

Reinaldo, infelizmente, estava seriamente envolvido em pensamentos sombrios, que lhe eram ditados pelo inimigo oculto. Contudo, diga-se de passagem, havia perfeita sintonia com as suas mentalizações doentias, fruto de experiências desastrosas de outras vidas. Quando a vítima oferece campo íntimo favorável, os obsessores agem livremente, com mais objetividade, a ponto de dominarem a vontade vacilante de suas vítimas, tornando-as autênticas marionetes.

As metas do adversário invisível eram perfeitamente viáveis. Reinaldo deixava-se levar com relativa facilidade. A vida de aventuras e perigo fascinava-o; exercia sobre ele uma atração irresistível, incentivando-o ao roubo. A preparação e a concretização dos assaltos, excitavam-no, exercendo forte domínio sobre a sua mente invigilante e ambiciosa.

Os golpes sucediam-se, ininterruptamente. Matilde o aconselhava, amiúde, pois conhecia o caminho errado que Reinaldo teimava em palmilhar; caminho que o levaria sem dúvida, a conhecer dias penosos no futuro.

Certa vez, Rei e os seus amigos resolveram assaltar uma residência situada em bairro nobre da cidade.

Quando já estavam no interior da propriedade, foram surpreendidos por dois cães-de-guarda que investiram ferozmente contra o grupo. Rápidos escalaram o muro e, ao pular, Rei torceu um dos pés, o que o imobilizou cerca de dez dias no leito. Sua mãe, como sempre, mostrou-se dedicadíssima, aplicando compressas quentes e pomadas adequadas ao tratamento da entorse.

Curioso! Distante dos companheiros e preso ao leito, Rei revelava-se outro jovem, dócil e compreensivo. Inúmeras vezes dialogava com a genitora, colocando-se ao seu lado nos argumentos ponderados sobre a vida.

Realmente, longe das conversações perniciosas dos companheiros e perto da mãe, Reinaldo era outra pessoa.

O acidente serviu igualmente como séria advertência, ou seja, de que sempre que se faz o mal, corre-se o risco de enfrentar surpresas desagradáveis e até desastrosas, às quais poderão levar o infractor a conhecer inclusive os tormentos do cárcere.

Os males produzidos em detrimento do nosso próximo, assemelham-se a semeaduras que irão produzir frutos a breve ou longo prazo. A Lei de Causa e Efeito ou

acção e reacção, preside todas as acções. Cada um de nós responde pelo que realiza; ninguém pode fugir dessa lei de sabedoria e equidade inigualáveis.

Impossibilitado de agir livremente, cativo do leito, curtindo enfermidades, o ser humano afeiçoa-se com mais facilidade à verdade e ao amor, originários de Deus. Nessas ocasiões de recolhimento íntimo e reflexões, nas reavaliações de sucessos e fracassos, acabamos descobrindo os legítimos caminhos da Vida Eterna, que não são, evidentemente, aqueles apontados pelo mundo.

Jesus deixou bem claro que há uma porta larga e outra estreita (Mateus 7:13 e 14). A primeira é a das facilidades de todos os matizes; por ela podemos atravessar tranqüilamente com o fardo das nossas inutilidades e fantasias, mazelas e imperfeições morais. A segunda exige a renovação interior da criatura humana. A enorme bagagem de fraquezas morais, vaidade e ambições, que costumeiramente levamos, de modo algum poderá ultrapassá-la. Precisamos, pois, erradicar dos nossos corações todos esses empecilhos, a fim de podermos lograr êxitos evolutivos.

A dor e a lágrima são fatores de progresso; pedem participação ativa e íntima do ser a caminho de uma vida melhor, mais condizente com os ditames das Leis Divinas, eternas e imutáveis.

Todavia, como a entorse somente reteve Reinaldo na cama durante dez dias, tão logo ficou bom, voltou à sua atividade rotineira, olvidando os diálogos com a genitora, plenos de entendimento e compreensão. Matilde continuava vigilante às reais necessidades do filho, no que tange ao seu comportamento irresponsável e altamente perigoso.

O inimigo do passado, arditamente, assediava a sua vítima, mais na rua, em companhia dos "amiguinhos" e menos em casa, até porque o sentimento e pensamento de Matilde, impregnados de bondade e paciência, estabeleciam, até certo ponto, uma barreira contrária às maquiavélicas pretensões do adversário invisível. Matilde obteve essa conquista, graças igualmente às suas orações, não só destinadas ao seu filho, como também a todas as pessoas sofredoras e, mais particularmente, aos jovens imaturos do grupo ao qual Rei pertencia.

O obsessor sabia que a mãe de Reinaldo, era a grande causadora das dificuldades que vinha encontrando na realização dos seus nefastos objetivos; intimamente até admirava os seus exemplos de amor e desprendimento dos bens materiais, muitas vezes direcionados às pessoas mais carentes, apesar de enfrentar sérias limitações no que concerne aos recursos financeiros. A sua palavra acolhedora, os seus gestos amoráveis, sempre faziam um bem indescritível aos corações amargurados e aflitos que a buscavam como uma tábua de salvação. Jamais deixou de atender quem quer que fosse; cumpria, assim, a sua parte na assistência aos necessitados de toda sorte, com muito amor.

As grandes almas são distinguidas mais pelos seus atos voltados a favor dos infelizes, do que pelo conhecimento das lições evangélicas; daí o acerto das sábias palavras de Emmanuel: "Aquele que realiza, caminha à frente daquele que sabe".

Capítulo 17 - OVELHA PERDIDA.

Abrindo este capítulo, queremos ressaltar que espíritos de carácter deformado têm regressado com frequência à veste física, nas mais diversificadas posições sociais, em busca de reabilitação moral, favorecidos pelo acréscimo de Misericórdia da Providência Divina.

Entretanto, o cenário preferido para resgates dessa natureza, tem sido a periferia das grandes cidades, onde estão localizadas as famílias de baixa renda, que não dispõem, muitas vezes, até do indispensável à própria subsistência. Os rudes sacrifícios dessa ordem, quando não suportados com equilíbrio e confiança em Deus, podem criar indivíduos revoltados e propensos ao crime.

A excessiva liberdade que os descendentes de tais famílias desfrutam, em virtude dos pais terem que trabalhar fora, pelo sustento do lar, igualmente constitui fator negativo. As crianças vivem mais na rua em companhias inconvenientes, do que dentro de casa, sob a vigilância materna.

Os garotos que vivem ao léu, sem disciplina e responsabilidade, somente assimilam exemplos nocivos e vícios de toda sorte, o que representa, sem dúvida alguma, um pesado ônus, que tende a norteá-los, quase sempre pelos atalhos sombrios da marginalidade.

Por outro lado, cumpre-nos assinalar a responsabilidade dos pais diante das Leis Divinas, pela omissão aos sagrados deveres assumidos na espiritualidade, antes mesmo que as paredes do lar estivessem em pé, ou seja, antecedendo a reencarnação dos dois, para as indispensáveis repetições de ações fracassadas.

Os cônjuges aceitaram o encargo de se unirem para receber, às mais das vezes, adversários de outras vidas. Seres que voltaram ao corpo físico, mercê da Misericórdia Divina, no sentido de libertarem-se das algemas de ódio que tanto retardam os seres na jornada de redenção.

Assim, o grupo familiar, quase sempre, se compõe de indivíduos já conhecidos, ligados desde o pretérito e que almejam redimir-se aos olhos de Deus. O estudo aliado ao trabalho, dignos, são indiscutivelmente o caminho da ascensão espiritual.

O abandono a que os pais relegam seus descendentes, por força da necessidade, desde a mais tenra idade, só produzem malefícios de difícil reparação. Nesses casos os pais também são responsáveis pelas faltas e delitos que os seus filhos vierem a praticar, causados pela falta de orientação adequada que deixaram de receber na ocasião oportuna. "Há necessidade de se educar a criança, hoje, para não termos que castigar o adulto, amanhã".

Sábias palavras de Emmanuel, guia espiritual do médium Chico Xavier.

Convém ressaltar, outrossim, o dano que causa a Essa geração florescente, a falta de vagas nas escolas, ou então, carência de recursos para que possam funcionar regularmente. Quantos menores, com mais de sete anos de idade, moram nas zonas mais pobres da população, que não dispõem de condições para escolarizarem-se.

Ficam, portanto, privados de estudar, deixando de preparar-se convenientemente para enfrentar as vicissitudes da vida, que não são poucas, nem fáceis de serem superadas.

Hoje em dia, é muito difícil conquistar um bom emprego, que dê para se obter os rendimentos indispensáveis para sobreviver-se dignamente. O que acontecerá às pessoas que não têm as qualificações exigidas à admissão em bons empregos?

Pobreza familiar, falta de vagas nas escolas, excessiva liberdade, são fatores adversos que podem gerar delinquentes, criaturas destinadas a superlotar presídios, obsediadas por entidades espirituais infelizes e ignorantes, que se identificam com o modo de ser e de agir de suas vítimas.

Na vivência das virtudes atrairemos Benfeitores espirituais que nos apoiarão sempre; por outro lado, nutrindo pensamentos e sentimentos malévolos, somente atraímos para junto de nós espíritos inferiores, que se comprazem em nos infelicitar cada vez mais. Cada um de nós escolhe a companhia que deseja. Sejamos, pois, inteligentes. Somente o

bem redime a criatura. O bem é doação de amor, e o amor é a maior força que existe no Universo.

A preocupação maior de Matilde era dar atenção e afeto ao seu filho Reinaldo. Aliás, isso era perfeitamente compreensível. Jesus, ao narrar a parábola da ovelha perdida, esclareceu que o pastor deixara noventa e nove ovelhas em local seguro e partira decidido à procura daquela que se desgarrara do rebanho, até encontrá-la. Foi tanta a sua alegria pelo êxito, que vinha apregoando pelos caminhos, aos parentes e amigos, para que se regozijassem com ele, pois havia encontrado a ovelha perdida (Mateus: 18:12 e 13).

Com esse ensinamento de luz, o Cristo deixou bem claro o cuidado que todos os filhos merecem por parte de Deus. Incontáveis pessoas ainda não estão conscientes do caminho a percorrer, do dever a cumprir com relação aos labores espirituais que lhes cabe exercer. Citados labores representam, indiscutivelmente, ensejos renovados de redenção na esteira infinita do tempo. Cada indivíduo está exatamente no degrau evolutivo adequado ao seu merecimento, até atingir estágios superiores de sabedoria e amor.

Matilde excedia-se em cuidados e atenções para com seu filho, o que, nas circunstâncias vividas, como já dissemos, era perfeitamente louvável. Rei não gostava do trabalho, tutor de progresso. O trabalho material afasta de nós a ociosidade e a miséria, proporcionando-nos condições de vida, conforto, bem-estar, saúde física. O trabalho espiritual proporciona ao nosso espírito ávido de evolução, condições íntimas ideais à nossa ascensão espiritual. Faz com que nos tornemos receptivos às energias positivas, portadoras de saúde e paz, indispensáveis ao nosso perfeito equilíbrio interior.

Reinaldo era uma ovelha perdida, desgarrada do rebanho, merecendo, portanto, cuidados especiais, a fim de não comprometer-se ainda mais diante das leis Eternas.

À medida que os anos iam fluindo no relógio do tempo mais ele afastava-se da disciplina materna, acatando, como válidas, as sugestões dos companheiros de experiências danosas. O caminho que se desenhava à sua frente estava juncado de espinhos que somente ele não sabia ver. Sucessos dolorosos o aguardavam se não recuasse a tempo. Seu inimigo do passado, agindo persistentemente, ia, aos poucos, atingindo os seus planos de vingança: levá-lo à prisão, afastando-o da sociedade.

Os obsessores encontram campo favorável para realizar seus nefastos intentos, quando as vítimas os acolhem intimamente, afinando-se com os seus sentimentos inferiores. Rei acatava plenamente os alvitreos condenáveis do adversário invisível, que eram ratificados pelos companheiros imaturos e invigilantes, que viam no crime caminho florido, fascinados que estavam pelas facilidades do mundo.

Quando a criatura vive afastada de Deus, pelo comportamento errado que adota, fica mais propensa ao assédio de entidades infelizes. Assim, pelos pensamentos, palavras e ações, podemos perfeitamente nos ligar a espíritos malévolos ou benévolos, portadores de amargas decepções ou de sadias alegrias.

Nós é que escolhemos as nossas companhias!

Capítulo 18 - CURIOSO CONTRASTE.

O Circo "Tricolor" estava habituado a dar espetáculos em um grupinho de cidades, próximas umas das outras, jamais aventurando-se à grandes viagens, para não correr o sério risco de um fracasso financeiro. As suas arrecadações eram pequenas, face às suas

apresentações um tanto modestas, onde sobressaía o excelente trabalho do palhaço Bombom, sempre aplaudido com entusiasmo por parte do público.

A contratação do palhaço constituiu medida das mais acertadas, tendo em vista os resultados financeiros auferidos. A sua presença marcante no picadeiro fazia Arquimedes esquecer o trabalho exaustivo com as providências junto às prefeituras, a fim de regularizar a situação do Circo; olvidava, igualmente, o labor cansativo das montagens do mesmo, indispensáveis aos espetáculos nas cidades porventura visitadas, para temporadas circenses.

O resultado era realmente compensador.

As montagens do Circo sempre foram executadas por homens habilitados nesse tipo de serviço, pertencentes ao quadro de funcionários, bem como com outros previamente contratados para ajudá-los. Assim que o Circo esteja em pé, isto é, em condições de funcionamento, o pessoal extra é dispensado, pois a sua manutenção acarretaria despesas insuperáveis.

O espetáculo do Circo se compõe de duas partes distintas. A primeira de variedades: com a apresentação de equilibristas, mágicos, contorcionistas, malabaristas, números no trapézio, agora comprometidos com a ausência de Arine, jovem lindíssima, que se apresentava com invulgar perfeição e coragem nas acrobacias aéreas do trapézio.

Entretanto, o ponto alto do espetáculo era, sem dúvida, a apresentação ímpar do palhaço Bombom, com números intercalados, dentro da programação de variedades, entradas e saídas rápidas, dando cambalhotas, contando piadinhas, fazendo perguntas inesperadas e, às vezes, até absurdas, mas sempre engraçadas, provocando o riso da platéia. Um homem triste fazendo o povo sorrir!

Segunda parte: apresentação de uma comédia em um ato, com a participação dos artistas do Circo. Ao lado da porta que permitia o acesso dos artistas ao picadeiro, há espaço para uma bandinha, composta por alguns músicos, cujo repertório de músicas carnavalescas, emprestam ao ambiente uma alegria contagiante. Os músicos só paravam de tocar, por ocasião das apresentações das comédias.

Bombom era recebido com inexcedível carinho. Figura das mais simpáticas, sabia como ninguém conquistar aplausos. Nas suas apresentações, tão ao agrado do público, vivia situações inusitadas arrancando palmas merecidas de todos os presentes, notadamente das crianças para as quais dava o melhor de si mesmo, no sentido de vê-las contentes e felizes. A gurizada não poupava aplausos nem elogios. Tratava-se, pois, de um inigualável artista. Os frequentadores não regateavam demonstrações de carinho ao excelente profissional do picadeiro. Bombom vivia um drama dos mais dolorosos; contudo, sabia apresentar-se de modo a fazer rir, tanto aos garotos quanto aos adultos.

A apresentação de Bombom era sempre festejada, principalmente pelo público mirim que, costumeiramente, lotava as dependências do Circo; um dos poucos entretenimentos da região; além do único cinema da cidade, obviamente.

Nesta altura, Bombom entra em cena, para mais uma apresentação, pulando e dando cambalhotas; os garotos divertem-se à beça. Em dado momento, passa a aplicar violenta surra, com a bengala, no coitado do Xereta, ninguém sabia a razão de tanta fúria; após extravasar os seus sentimentos de revolta contra o pobre animal de pano, encarando a platéia, diz, colocando suas mãos ao lado da boca, em forma de concha:

- Vocês sabem o motivo da surra que acabo de dar neste pulgento?

- Não! . . . Não! . . .

- Hoje, pela manhã, ele confundiu a minha perna com um poste. É mole ou querem mais?

Foi uma gargalhada só! Era assim Bombom. Fazia o povo rir das suas piadinhas inocentes, contadas com tanta graça.

- Vocês sabem por que, certo dia, o Xereta entrou na igreja?
- Não! . . . Não sabemos! . . .
- Porque encontrou a porta aberta.
- E por que ele saiu?
- Porque encontrou a porta aberta.
- Não! . . . Porque havia entrado.

Enquanto o público, na sua maioria crianças, dava boas gargalhadas, Bombom saía correndo em zigue-zagues, dando piruetas engraçadas e cambalhotas inesperadas, colorindo a sua apresentação. Era realmente uma festa!

Outras vezes, fazia apostas descabidas com os companheiros de Circo, ao final saía sempre ganhando; em tais números, tão apreciados pela gurizada, subtraía pequenos objetos dos amigos, escondendo-os no picadeiro ou então nas suas próprias roupas, tão folgadas que se prestavam a essas atitudes. Quando eles davam pela falta dos pertences, com a cara mais deslavada do mundo, dizia:

Eu? . . . nem conheço tal coisa! . . . Para que serve . . . Nunca vi nada igual! . . . Será que tudo que acontece de errado, é de minha autoria, sou o grande responsável?! . . . - correndo para junto do público, pedia: Não digam nada, vamos fazê-lo de bobo, certo?

- Certo! . . . - respondiam em coro.

Outras vezes, dava um jeito de tirar a cadeira do lugar, onde o amigo ia sentar-se, provocando tombos espetaculares. Após a gargalhada geral, perguntava:

- Vocês sabem de que lado fica a asa da xícara?
- Do lado direito! . . . do esquerdo! . . . - gritavam.
- Não, não . . . Do lado de fora! . . .

Assim era Bombom: o ídolo da criançada e dos adultos, também. Entremeando os números programados, ele sempre apresentava-se, enchendo o coração dos espectadores de sadias alegrias.

Entretanto, Bombom vivia um curioso contraste. Seu coração ulcerado, tinha necessidade de chorar... chorar muito.

Quantas vezes durante o espetáculo, ele, olhando as garotinhas presentes, tinha a impressão de estar diante da sua querida Cristina; nessas ocasiões esforçava-se ao máximo para vencer os ímpetus que o assaltavam, de sair correndo e não parar enquanto suas forças permitissem correr; depois deixar-se cair e ficar no chão para sempre, imóvel, sem querer nada... sem exigir nada...

A dor que se alojara nos escaninhos mais íntimos de sua alma sensível, descontrolava os seus sentimentos, levando-o quase à loucura.

A ausência de sua querida filha era o motivo de tanto sofrimento, fazendo com que o seu coração chorasse todas as lágrimas do mundo. Ele que precisava fazer o povo rir, de modo algum partilhava dessa alegria que despontava naqueles rostos tão amigos, que se habituaram a vê-lo e aplaudi-lo com espontaneidade.

Contrastes! . . . Coisas da vida! . . .

Capítulo 19 - AGORA SOU FELIZ!

A pessoa mais importante para Bombom, era, incontestavelmente, Matilde. Fora o indispensável suporte nas suas horas mais difíceis, após o pavoroso incêndio que lhe causara tanto dano, deixando, inclusive, a casa de Jurandir reduzida a um montão de escombros. A sua existência, agora, igualmente, assemelhava-se a ruínas, sem esperança e perspectiva de felicidade futura. Perdera todos os seus bens, sobretudo o maior deles: sua filha.

As amarguras que nos ferem intimamente, fazendo-nos sofrer e chorar, tornam-se, um dia, em motivos de alentadoras alegrias. Por quê? Basta considerarmos que os tropeços de hoje, caso não sejam reflexos de comportamentos danosos cometidos nesta jornada, representam, sem dúvida, resgates de delitos de existências pretéritas.

Não existe corrigenda que não tenha uma razão de ser.

Não podemos olvidar que as leis Divinas estão embasadas em Misericórdia, Sabedoria e Justiça irrepreensíveis.

O sofrimento aprimora as almas calcetas de um passado tenebroso. Se por um lado o espírito logra o indispensável burilamento moral; por outro, conquista experiências valiosíssimas, que o tornam forte contra as vicissitudes e tentações. O êxito nas reparações dolorosas torna-se valor espiritual indestrutível, fortificando-o contra os reiterados desvios praticados em épocas pretéritas.

As sábias e justas ponderações de Matilde, plenas de bondade e compreensão, agiam sobre o seu coração ulcerado, como um Lenitivo Divino, minimizando as amargas dores, muito mais doridas que as queimaduras do corpo.

O que dizer, então, dos ensinamentos de luz, ministrados pela grande amiga, fundamentados na essência do Evangelho do Cristo?

Essa terapia espiritual, dispensada com tanta dedicação e amor, transformara sua vida. Agora já não encarava as coisas somente pelo prisma material; sua visão tomara uma dinamização bastante diferente, sabia que os males que infelicitam as pessoas, têm um objetivo sublime, torná-las puras, capazes de cometimentos elevados, em nome Daquele que nos criou simples e ignorantes, destinados à perfeição: Deus.

O Evangelho do Cristo à luz do Espiritismo (o Consolador prometido - Mateus 14:26), havia sido o responsável pela renovação íntima que alterara profundamente a sua visão e conduta, diante dos acontecimentos comuns à vida. Sabia que o corpo, como instrumento físico, quando bem utilizado, tem valor inestimável no refinamento do espírito, ávido de evolução moral. Sabia que o espírito, ser imortal, precisa merecer cuidados e atenções, por constituir-se personalidade indestrutível. A veste fisiológica, embora imprescindível nos testemunhos individuais necessários ao progresso do ser, desaparece na voragem do tempo; ao contrário do espírito que é imortal, e susceptível de caminhar pela esteira infinita de conquistas enobrecidas, com vistas à luz Eterna.

Certa tarde, Bombom estava a esquentar-se ao sol, pois fazia frio, quando uma senhora o procurou para um desabafo. As pessoas sofridas, de modo geral, confiavam no palhaço. O seu comportamento reservado, fora do picadeiro, revelava o seu íntimo de sofrimentos e amarguras, contrastando com as suas funções no Circo: fazer rir os assistentes.

- Gostaria de conversar um pouco com alguém.

Estou precisando de conselhos e o amigo parece que é, no momento, a pessoa mais indicada.

- Não sei, não. Eu também guardo comigo, no fundo de minha alma, feridas profundas que tanto me fazem sofrer. Como é o seu nome?

- Zuleica.

- Vejamos; qual o seu problema?

- Sou viúva há quase dois meses. Américo, meu finado marido, sempre foi para mim o melhor homem do mundo. Vivi dias felizes ao seu lado, apesar de não termos filhos. Deus não quis. Agora que ele morreu, eu o sinto ao meu lado a todo instante, tenho certeza que Américo jamais afastou-se do nosso lar - informou Zuleica, um tanto chorosa.

- Certo! Os espíritos, conforme ensina o Espiritismo, não se isolam de nós para sempre. A vida continua, a natureza não dá saltos, daí a razão porque os que já partiram, continuam mais vivos do que antes, desfrutando das conquistas íntimas realizadas quando estiveram aqui na Terra. Jesus afirmou: "Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração" (Mateus 6:21).

- Então o amigo confirma a presença dele ao meu lado? - inquiriu Zuleica, curiosa.

- Tendo em vista o que a irmã disse, parece que seu ex-marido ainda está vinculado, por sentimentos, ao seu lar. Trata-se de fenômeno comum; ninguém pode violentar o seu modo de ser, de um momento para outro, sobretudo quando não examinou refletidamente e aceitou com equilíbrio o fenômeno da morte, enquanto esteve preso à veste física - aduziu Bombom.

- Como, então, resolver esse problema? Não que ele me perturbe, isso não. Contudo, agora sei que para ele não é o melhor ficar ligado ao lar, na situação de desencarnado; entendi que ele precisa colher novas experiências em atividades espirituais, estou certa?

- Perfeitamente. Oremos em favor dele, rogando a Jesus esclarecê-lo; depois, conscientizado do verdadeiro sentido da vida, partirá feliz - acrescentou Bombom.

- Américo sempre foi excelente marido; porém, após a sua morte, eu fiquei sabendo que ele me traía com uma vizinha, minha melhor amiga. Quantas vezes eu lhe confidenciei meus problemas íntimos! Hoje, a infeliz está internada em um hospital de cancerosos, desenganada pela medicina oficial. O que devo fazer diante de tal situação?

- A irmã quer saber mesmo a minha opinião?

- É o que mais desejo neste momento de decepções e amarguras. Agora eu sei por que muitas pessoas o procuram para um aconselhamento. Agora eu sei . . .

- Não exagere - interrompeu-a Bombom, sorrindo. - O povo, de modo geral, me vê com lentes de aumento.

- Pode dizer com franqueza o que pensa do assunto; pretendo seguir à risca o que o amigo aconselhar.

- Então vá, sem mais demora, ao hospital fazer uma visita à sua vizinha. Ela precisa do seu apoio, está sofrendo demais. Nessas oportunidades remissoras, grandes conquistas poderão ser efetuadas, com a destruição de mazelas seculares. Não faça, sequer alusão, a fatos ocorridos no passado; pelo contrário, fale com veemência da grandeza de Deus, que jamais esquece dos seus filhos. Leve-lhe uma mensagem de otimismo e esperança.

- Eu irei, sem dúvida. Se a minha presença ao seu lado for benéfica, eu ficarei imensamente feliz, apesar da traição. Graças a Deus que tal revelação não chegou aos meus ouvidos, na época, do contrário seria um sofrimento insuportável, podendo até gerar fatos incompatíveis com a Vontade Divina. Caso isso ocorresse, talvez eu não tivesse forças para perdoar, agora. O seu estado de saúde é dos mais precários. Que Deus a ajude!

Zuleica, agradecida, despediu-se, compenetrada da visita a realizar. Após decorridos dez dias, encontrando-se novamente com Bombom, nas proximidades do Circo, falou, sorridente:

- Já não tenho mais problemas. Agora sou feliz!

Que Jesus o abençoe sempre!

Capítulo 20 - PRISÃO E FUGA.

"Filhos criados, trabalhos dobrados", diz com acerto o adágio popular. Matilde tem vivido constantes situações aflitivas, criadas por Reinaldo, que teima em levar avante a sua vida de irresponsabilidades, caminho que escolhera, pleno de experiências amargas e dolorosas. A infelicidade humana é fruto do comportamento irregular e irrefletido do próprio homem que comete, a todo instante, transgressões aos ditames Sábios da Lei Divina, jamais uma imposição de Deus, como castigo. Não podemos sequer admitir que o Pai Amantíssimo seja verdugo dos seus próprios filhos.

Apesar de Rei já ter completado a maioridade, era imaturo não levava nada a sério; passava o tempo na companhia de amigos que, lamentavelmente, compraziam-se na marginalidade. O grupo só pensava em conquistar fortuna de uma "tacada só", como diziam, sem condições de avaliar o sofrimento que o crime impõe, como tributo, a todos que se deixam enredar nas malhas de compromissos dolorosos no presente e amargos resgates em outras vidas. A reencarnação faz parte da Lei Divina, cobrando dos culpados, no momento exato, os débitos assumidos em existências vencidas, que se perderam na voragem dos séculos.

Rei e os amigos planejaram roubar um supermercado da cidade. Os detalhes foram devidamente acertados e revistos; não haveria possibilidade para o menor erro.

O "trabalho" seria relativamente fácil. Para tanto, contavam com o fator surpresa. Escolheram o melhor horário: fim do expediente, quando há poucas pessoas dentro do supermercado e muito dinheiro nos caixas. Além do mais, as sombras da noite seriam favoráveis à fuga. Os prováveis obstáculos foram detidamente examinados com vistas ao sucesso do plano. A expectativa do golpe era excitante e otimista.

As armas e um carro roubado, utilizáveis no assalto, já estavam em poder dos quadrilheiros. Escolhido dia, foram ao supermercado para concretizar o crime. Um dos companheiros permaneceu no automóvel, garantindo a fuga; três deles entraram e posicionaram-se em pontos estratégicos. O líder do grupo anunciou:

- É um assalto. Todos deitados; não pretendemos machucar ninguém. Obedeçam!

Os poucos fregueses e os funcionários, temendo o pior, obedeceram incontinenti, face às atitudes determinadas dos assaltantes, que revelavam coragem e frieza nas ações.

Ocorre que alguém percebeu o comportamento um tanto suspeito dos jovens à entrada do estabelecimento comercial, tomando a iniciativa de chamar a polícia de um orelhão próximo, antes mesmo que o roubo fosse consumado. Os policiais agiram com presteza e eficiência. O rapaz do automóvel, notando a ação frustrada, fugiu amedrontado.

Os companheiros de Rei resistiram à prisão, trocando tiros com os policiais; foram feridos e presos. Rei, porém, entregou-se, sendo igualmente algemado e recolhido com os demais à cadeia pública local.

Assim começava a peregrinação de Reinaldo pelos presídios, conhecendo de perto as agruras da falta de liberdade, passando dias dos mais angustiantes. A imagem dos companheiros feridos, que tanto o impressionaram na ocasião, já não mais povoavam a sua mente. Sua mãe, a mártir de sempre, contratou advogado, assumindo pesadas dívidas para poder libertá-lo da prisão. Todo crime tem um preço; quanto maior o desrespeito à Lei

Divina, maior também, na mesma proporção, a reparação do delito. O tempo e a dor cobrarão dos faltosos o pagamento das dívidas contraídas, encaminhando as almas para as leiras do bem e da verdade, libertando-as das sombras do passado e oferecendo-lhes a perspectiva de um porvir ditoso.

Rei havia sido apanhado em flagrante; assim, apesar de ser primário e de o assalto ter fracassado, não pode se safar de uma condenação. Após seis meses foi julgado e condenado a cumprir quatro anos de reclusão.

Quem já teve oportunidade de visitar cadeias e presídios, sabe perfeitamente a vida que levam os habitantes desses locais de reabilitação moral. Reabilitação?!

Jamais! Quantos jovens, presos por terem cometido pequenas faltas, no convívio com os companheiros de cativeiro aprimoram-se no crime, orientados pelos amigos de infortúnio. O fato que mais causa revolta à população carcerária é tomar conhecimento de que os maiores criminosos, os de colarinho branco permanecem impunes, enquanto os pés de chinelo acabam recolhidos e isolados da sociedade por tempo considerável.

As celas estão sempre superlotadas, onde cabem apenas dez reclusos, chega a abrigar, em inúmeros casos mais de vinte detentos. A comida oferecida é passável; o tratamento médico e dentário, quando não é precário, inexistente. Os ambientes são fétidos, em razão da superpopulação e, às mais das vezes, pela falta de água. Outro fator adverso à reabilitação moral dos presos é a ociosidade que desfrutam. O Estado deveria criar meios de estudo e trabalho aos presidiários. A preguiça é péssima conselheira, já disse alguém com sabedoria.

Assim cada presídio ganharia condições de auto-suficiência, deixando de onerar o Estado. Cabendo às prefeituras, igualmente, criar verbas destinadas à prevenção contra o crime, construindo oficinas das mais diversificadas modalidades para atendimento dos garotos que não dispõem de condições para lograr um bom emprego. A falta de recursos financeiros tem gerado revoltas e crimes em todas as épocas da nossa civilização; para comprovação desta afirmativa, basta consultarmos os apontamentos da história da Humanidade, através dos tempos.

Reinaldo conhecia, há mais de seis meses, as limitações e amarguras do cárcere; assim, inconformado pela deprimente situação que vivenciava, resolveu fugir. Afinal, não seria tão difícil, precisava apenas ser esperto e aguardar pacientemente uma oportunidade propícia. No sentido de ser bem sucedido na façanha, necessitava contar com a cumplicidade de alguém que tivesse, inclusive, habilidade para confeccionar uma "tereza", corda feita de lençóis, expediente muito usado pelos fugitivos inconformados com a prisão.

Víctor, companheiro de infortúnio, tão logo foi inteirado das intenções de Rei, mostrou-se vivamente interessado em participar da proeza. Tudo foi bem pensado e melhor executado. Certa manhã, em que os presos tomavam banho de sol no pátio Rei e Víctor rápidos, atiraram a corda de pano sobre o alto muro do presídio, enroscando-a nos ferros de proteção e com determinação ímpar conseguiram lograr sucesso, alcançando a rua e, conseqüentemente, a liberdade ansiosamente sonhada. Em virtude da rapidez da ação, os policiais nada puderam fazer no sentido de frustrar a fuga.

- Rei, conseguimos, que alegria! - falou o companheiro, que não cabia em si de contente.

- Eu sabia que daria certo - aduziu Reinaldo.

- Viver preso como um passarinho? Jamais! "

- Agora precisamos ter cuidados redobrados, para não voltarmos a conviver com aquela sujeira. Aquilo não é vida! Merecemos um hotel cinco estrelas. Estou certo? Questionou Víctor, sorrindo ironicamente.

- Nada de preocupações descabidas. Somos jovens e o futuro sorri à nossa frente.

- É isso aí, amigão! Você vai pertencer ao meu grupo. Gente fina! O nosso esconderijo fica em local dos mais seguros.

Rei não sabia que Víctor era elemento de alta perigosidade e com ele, fez uma aliança. Cada criatura humana escolhe o seu próprio caminho, feito de flores ou de espinhos.

Capítulo 21 - A VISITA DE CRISTINA.

Após o adequado tratamento espiritual e o aprendizado imprescindível dispensados a Cristina, esta já se apresentava perfeitamente capacitada para cumprir as suas nobres tarefas junto a Murilo, seu genitor. Os Benfeitores espirituais sabiam que o mister não era fácil, porém quando citados labores são aceitos com otimismo e realizados com determinação, os naturais óbices são removidos e os valores individuais enriquecidos, para júbilo das almas que buscam avidamente a própria redenção, depois de reiteradas frustrações, sofridas na seqüência de incontáveis vidas sucessivas.

Certa manhã, em que os raios solares fizeram-se mais intensos, vivificando seres e coisas, Cristina foi levada à presença de seu pai. A emoção que dominou o seu coração sensível não foi pequena, diante daquele que sempre fora importante na sua vida. Cristina o encontrou triste, e, no momento, era nela, exatamente, que se fixava seu pensamento, como que adivinhando a visita de sua querida filha.

Papai, quanta saudade! Vejo-o triste, um tanto fragilizado com as amarguras da jornada. Coragem! Seremos vencedores; confiemos em Jesus - os olhos de Cristina estavam marejados de lágrimas.

Murilo acordara naquela manhã, sentindo um peso enorme no coração, angustiado pelo sofrimento. Sentia uma necessidade incontrolável de chorar... chorar muito...

Assim que a filha aproximou-se dele, o dique que represava suas lágrimas, ruiu. As lágrimas afloraram aos seus olhos, copiosamente; todo o seu rosto ficou molhado de pranto. Nunca havia pensado tanto na sua querida filha que partira, a seu ver, prematuramente, motivando todas as desditas que caíram de chofre em seu coração ulcerado e frágil.

Cristina aproximou-se mais de Murilo, acariciando-lhe os cabelos que já começavam a embranquecer precocemente, face ao sofrimento superlativo que se instalara nos escaninhos mais profundos de sua alma infeliz. A esta altura, Murilo pressentiu que algo diferente estava acontecendo, parou de chorar, seus olhos secaram, sentiu-se de um momento para outro, mais forte e até otimista. O quê teria ocorrido? Acordara tão deprimido e agora sentia-se confiante!

- Jesus ouviu as minhas preces! – monologou, baixinho, quase sorrindo.

Aquele dia foi dos mais tranquilos em sua vida, não obstante os revezes comuns à sua vida. A sua participação nos espetáculos do Circo foi um sucesso absoluto!

Bombom estava revitalizado, até parecia que tinha alma nova, plena de vigor. Assim que o tempo permitiu, foi à casa de Matilde, cientificando-a dos motivos que o levaram lá. Esta, após ouvi-lo, disse:

- Murilo, "depois da tempestade vem a bonança" esclarece a sabedoria do povo. Melhor assim. Agradeça a Deus pelas dádivas que você tem recebido, sobretudo as de hoje - finalizou a amiga, colocando fraternalmente uma das mãos no ombro do palhaço, que sorriu, exibindo dentes alvos.

À noite, terminado o espetáculo, Bombom retirou a maquilagem do rosto, higienizou-se com um banho reconfortante, alimentou-se um pouco, comendo um sanduíche reforçado e tomando um copo duplo de suco de frutas.

Em seguida, recolheu-se ao seu leito, adormecendo tranqüilamente.

Após breve instante, viu-se sentado na cama, notando que não estava só. Ao seu lado havia uma jovem, sorrindo; olhando-a fixamente pôde, sem dúvida, identificar sua amada filha.

- Cristina! . . . Cristina! . . . querida filha, como você está diferente! Agora você está moça e mais bonita, não é mais aquela menina que iluminou o nosso lar, com a sua vivacidade e inteligência ímpares.

- Papai, eu sou a mesma, apenas cresci, não podia permanecer como criança. Aqui onde eu me encontro as coisas acontecem assim: as crianças crescem fluidicamente, a não ser quando está iminente um novo regresso à veste física, para continuação de jornadas de reparações difíceis e burlamento espiritual..

- Depois nós conversaremos a esse respeito - interrompeu-a Murilo, ansiando por notícias gratificantes, que pudessem minimizar seu coração ferido.

- Está bem . . . está bem . . . Antes do nosso retorno ao corpo físico, do qual você, papai, ainda está preso, foi programado na espiritualidade, que enfrentáramos juntos as adversidades que passamos e outras que estão por vir..

- Agora, com a sua presença, minha filha, tudo será mais fácil - interrompeu-a novamente Murilo, tomado de justificável euforia.

- Querido papai, conforme permissão Divina, eu procurarei ajudá-lo, a partir deste momento inolvidável. As lutas não serão pequenas, porque as dívidas a solver são grandes. Com o auxílio dos Benfeitores espirituais que trabalham em nome de Jesus, tenho a certeza que sairemos vencedores. Contudo, a fé nos Desígnios Divinos precisa palpitar viva nos nossos corações, para tanto, devemos igualmente buscar sempre o conhecimento da verdade que liberta e a prática da lei do amor que enobrece. O amor é caridade, a caridade é amor. E o amor no conceito de João evangelista (1.a epístola 4:7 e 8), é Deus presente em nossas vidas - adiantou Cristina, sorrindo.

Murilo fitou a filha por algum tempo, fascinado pela beleza de Cristina. Como Deus manifestava-se Misericordioso, presenteando-o com a visita da criatura mais querida de sua vida. Depois, retornando ao diálogo, disse:

- Apesar do meu sofrimento ser intenso, pelas razões que você conhece, eu tenho, às vezes, momentos de felicidade; isso porque eu conheci uma irmã, que desde a tragédia que nos vitimou, tem se mostrado fraterna e generosa comigo. Uma alma verdadeiramente cristã! Não fosse o amparo que ela me dedicou nas horas mais amargas e eu, na certa, teria sucumbido. A dor tem sido a minha maior mestra, revelando aspectos excelentes da vida, isto é: da verdadeira vida. O Evangelho do Cristo, tanto esclarece as nossas almas com relação aos problemas humanos, quanto minimiza as dores causadas pelas profundas feridas íntimas, promovendo a cura definitiva. Ah! Se os homens conhecessem essa fonte bendita de dádivas celestiais e a procurassem com sinceridade e pureza de sentimentos, teriam todos os seus problemas solucionados a contento.

- Papai, eu o vejo diferente, graças a Deus para melhor, muito melhor mesmo! Isso me deixa feliz e otimista quanto ao futuro. Venceremos as duras lutas com o auxílio de Jesus - finalizou Cristina, confiante.

Ambos abraçaram-se, como há muito não faziam, permanecendo assim por largo tempo, como que matando velhas saudades. A seguir, Cristina foi afastando-se, devagarinho, até desaparecer na distância, deixando ainda por uns instantes a luminosidade da sua presença.

Nessa noite, Bombom repousou como não fazia há muito tempo. Acordou, pela manhã, descansado e feliz.

Não tinha lembrança do que havia acontecido, porém tinha certeza de que algo muito bom tinha ocorrido naquela noite maravilhosa.

- Até parece que Cristina veio ao meu encontro esta noite. Alegrias como as que eu sinto, no momento, somente foram desfrutadas por mim quando Cristina estava viva - monologou, otimista quanto às reparações futuras.

Capítulo 22 - LÁGRIMAS AMARGAS.

Quando a felicidade faz moradia nos corações humanos, as tristezas e frustrações batem em retirada. O indivíduo passa a observar os fatos com otimismo. O encantamento emoldura o cenário, o perfume da vida torna-se mais sutil e agradável, convidando-nos a reflexões elevadas, plenas de viço e vigor. Por outro lado, quando a tristeza domina os nossos sentimentos, tirando o brilho do nosso viver, todas as realizações e ideais tornam-se inatingidos; o desânimo aloja-se no nosso íntimo, impedindo a conquista de cometimentos nobres e edificantes.

Algo de bom havia acontecido a Murilo, seu coração estava sereno, seu olhar tranquilo. O peso, que até então oprimia seu peito, havia desaparecido, como por encanto. A saudade de sua querida filha era suave e gostosa, ensejando meditações sadias. Nesta altura, Bombom monologou:

- Coitado daqueles que não têm saudades de ninguém . . . não vivem; estão morrendo aos poucos sem saber. Não obstante a distância entre mim e a Cristina ser enorme, eu sempre a tive presente na minha lembrança.

Hoje, mais do que nunca, eu a tenho presente no meu coração. Graças a Deus! Ela tem sido o meu lenitivo, dando-me forças para prosseguir lutando em busca de um porvir melhor. Confio plenamente na Providência Divina.

As apresentações de Bombom no picadeiro, nesse dia, foram mais festejadas e aplaudidas pelo público. O palhaço não saberia dizer o porquê, mas sentia-se mais leve, seus pensamentos mais soltos e livres, sua mente mais desanuviada das costumeiras tristezas e amarguras, suas companheiras habituais nas horas de solidão no vazio das noites sem fim.

O motivo é insofismável: a visita de Cristina, que assistira, inclusive, à sua apresentação no Circo, naquela tarde, ao lado das crianças que se divertiram à beça.

O mister que Cristina havia recebido da espiritualidade, de amparar e orientar Murilo, não era fácil, não.

Bombom levava vida solitária, memorizando com freqüência os fatos que destruíram a sua família, culminando com a morte de sua filha. Entregava-se, com relativa

facilidade, a constantes depressões. Murilo era de natureza emotiva. Assim, tais episódios estavam cristalizados na sua mente. A cicatrização das feridas do seu coração, somente o tempo poderia curar.

Cristina sabia disso e, a partir do primeiro encontro, jamais deixou de visitar seu pai, o que fazia amiúde, confortando-o nos momentos mais angustiosos. À noite, visitava-o, para orientá-lo melhor, levantando-lhe as forças combalidas; incentivando-o aos labores ásperos e necessários à sua reabilitação moral. A dor e o tempo sempre foram os grandes remédios da Humanidade ao longo dos milênios sucessivos.

O Circo "Tricolor", de quando em quando, transferia-se de localidade, buscando novo público. Tratava-se de um Circo pequeno, sem grandes recursos, daí a razão porque não aventurava-se a visitar cidades distantes, mais promissoras. As despesas com o transporte era o empecilho maior. Caso não fosse bem sucedido, e como os minguados recursos disponíveis seriam gastos com a viagem, o Circo ficaria impossibilitado de retornar, enfrentando, portanto, futuro incerto.

Por outro lado, a região em que estava instalado, propiciava um bom número de freqüentadores, que se divertiam e incentivavam a repetição dos espetáculos tão a gosto da gurizada, principalmente. Nesse Particular, Bombom tinha um lugar destacado: era, sem dúvida, a figura central. As suas piadinhas inocentes e as suas inesperadas piruetas e cambalhotas faziam a alegria dos garotos.

Além do mais, a presença do cãozinho de pano, sempre castigado pelo palhaço, dava aos seus números um colorido ímpar. Outras vezes, brincava com algum companheiro do Circo, levando sempre a melhor com suas artimanhas, o que divertia demais os espectadores. Bombom sabia, como ninguém, cativar as crianças.

- Vocês sabem quantas voltas o cachorro dá antes de deitar-se? - perguntava com ares enigmáticos.

- Não . . . Não . . . - gritavam a uma voz.

Quantas ele quiser - respondia, sorrindo.

O povo divertia-se para valer, sobretudo as crianças, porque tudo que o palhaço dizia, tinha algo de diferente, de encantamento. E as quedas? Por menores que fossem os obstáculos, os tombos eram espetaculares, provocando gargalhadas do público. Às vezes, até colocava um dos pés adiante do outro, tropeçando e caindo espalhafatosamente. Ao levantar-se, atribuía a responsabilidade da queda ao pobre do Xereta, aplicando-lhe, então, severo castigo com a bengala. Logo em seguida, perguntava:

- Vocês conhecem a piada do pinto?

- Não conhecemos - respondiam.

- Piu. .. Piu. . . - dizia, com a cara mais deslavada do mundo.

Esse era o ambiente do Circo, muito riso acompanhado de pipoca e amendoim. Tudo era festa! É bem verdade que os demais artistas igualmente eram festejados, aplaudidos. Equilibristas que andavam no arame; malabaristas; contorcionistas; mágicos utilizando cartolas, fazendo pombos e coelhos surgirem miraculosamente; os dois cãeszinhos amestrados, com suas apresentações ímpares.

Todavia, quem centralizava as atenções era, sem dúvida Bombom. As suas participações entremeavam os números de variedades, dando um colorido especial ao espetáculo.

Após cumprida a parte de variedades, havia um pequeno intervalo, seguindo-se a encenação de uma comédia de quarenta minutos, aproximadamente. Tomavam parte na comédia quase sempre, todos os artistas do circo. Bombom, porém, não participava das

peças teatrais, a não ser, quando era absolutamente necessário, na hipótese, por exemplo: do papel Exigir a sua presença, ou então, quando ocorria a ausência de algum integrante do grupo.

Apesar do palhaço viver intensas amarguras, ele sempre se apresentava diante do público de maneira elogiosa, arrancando merecidos aplausos; ninguém sequer suspeitava do seu drama íntimo. Seu coração ulcerado era um repositório de lágrimas candentes, contrastando com o seu comportamento no picadeiro, pois a sua participação, marcada de otimismo e de alegria, dava a entender que ali diante do povo, fazendo graça, estava uma criatura imensamente feliz.

Terminada a primeira parte dos espetáculos, Bombom recolhia-se ao seu cubículo, dando vazão aos seus verdadeiros sentimentos. Quantas vezes ele chorara lágrimas amargas, após a apresentação dos seus números hilariantes! Após chorar abundantemente, sentia-se mais aliviado, as dores morais tornavam-se menores, menos pungentes, e o seu carma mais leve e suportável.

Nos momentos de duras reflexões e sofrimentos, podia melhor entender o drama de sua vida e o seu destino inglório. Em seguida, entregava-se a sinceras preces, expondo aos Benfeitores amigos os motivos do seu viver aflito e desesperado, como se eles não soubessem de suas expiações dolorosas. Finalizava rogando a proteção de Jesus, pois reconhecia tratar-se de pessoa frágil e imperfeita, altamente necessitada de amparo espiritual.

Após as rotineiras orações, sentia-se bem melhor e suas forças robustecidas pelas bênçãos espirituais, desfrutadas nesses momentos de recolhimento íntimo.

Aliás, todas as criaturas que confiam na Providência Divina e que têm o louvável hábito de orar, sincera e espontaneamente, sempre são favorecidas pelas dádivas celestiais, portadoras de saúde física e energias espirituais, que as tornam fortes contra as lutas e tentações próprias da vida humana.

Capítulo 23 - CAPTURADO NOVAMENTE.

Aqueles que se deixam envolver pelas malhas da marginalidade, encontram sérias dificuldades para se libertarem delas de vez. Torna-se necessário bastante força de vontade, apoio da família e da sociedade. Rei, infelizmente, desconhecia tais valores, pois ainda via no destino que escolhera, o caminho florido da felicidade, sem qualquer compromisso e submissão.

Assim que lograram a liberdade, Víctor levou Rei a uma casa fora da cidade, esconderijo dos companheiros de delinquência e crimes. Esse local era desconhecido das autoridades policiais e onde, de quando em quando, os quadrilheiros se reuniam para tomar certas providências, com vistas a assaltos em perspectiva.

Chegaram exatamente no momento em que os companheiros examinavam a viabilidade de um novo golpe. O grupo formado por homens bastante conhecidos da polícia, planejavam um grande assalto, cujo produto possibilitaria afastarem-se da cidade em demanda de outra localidade distante, adotando novas identidades.

- Afinal - disse o líder, um rapaz loiro, truculento - é hora de parar e parar bem!

Rei entrou nessa sem pestanejar. Como era um tanto desconhecido da polícia, teria condições mais favoráveis de efetuar os primeiros contactos com o Banco a ser roubado, fazendo o reconhecimento do local, levantando a viabilidade de sucesso no crime. As

condições foram checadas com atenção: horário mais propício e os pormenores da fuga, que não poderia fracassar.

Rei, sob disfarce para não ser reconhecido, esteve várias vezes nas proximidades do banco, examinando, inclusive, a situação do trânsito, tendo entrado algumas vezes no estabelecimento bancário para certificar-se de tudo. Afinal, o assalto teria que dar certo; para tanto, teriam muita cautela e perspicácia. Definiram o dia e horário mais favoráveis: quando os valores monetários disponíveis, movimentados com os clientes, seriam maiores.

O grupo seria composto por quatro quadrilheiros bem armados. Rei fora escolhido de comum acordo para executar a tarefa de vanguardeiro; teria que entrar primeiro, seguindo-se dois companheiros munidos de grandes sacolas, camufladas embaixo das malhas, destinadas a recolher todo dinheiro dos caixas. O quarto assaltante ficaria no carro, cujo motor estaria em constante funcionamento.

Não é necessário que se diga que o veículo havia sido roubado na véspera em cidade próxima e substituída a sua chapa por uma "fria".

No dia e hora aprazados, o esquema foi colocado em prática. Todavia, o gerente do Banco, homem experiente e perspicaz, notando a atitude suspeita dos rapazes, colocou-se rápido em um ponto estratégico próximo ao alarme. Assim que o assalto foi anunciado, o gerente fez funcionar o sistema de alarme do Banco. Em poucos minutos a entrada do estabelecimento estava completamente bloqueada por policiais. Os três assaltantes que agiam no interior do Banco, renderam-se, incontinenti, ao verificarem o fracasso da operação. O quarto elemento apenas aguardou um momento; notando o insucesso dos comparsas, nada podendo fazer, fugiu apavorado.

Assim, Reinaldo e Víctor, acompanhados de Gatão, o terceiro elemento, foram algemados e retornaram ao presídio, para aguardar novo julgamento, o que se verificou depois de decorridos oito meses. Reinaldo foi condenado a mais oito anos de prisão, tendo em vista agora ser reincidente.

Víctor e Gatão, após a condenação que receberam em virtude dos muitos anos de reclusão que pesavam sobre ambos, foram removidos para uma Penitenciária do Estado, onde estão até hoje. Rei, agora, teria que cumprir não só os quatro anos da primeira pena, mas sim doze, que é, indiscutivelmente, um período muito grande para quem tem a cabeça cheia de sonhos e esperanças.

O cárcere que recebera Reinaldo de volta, com acomodações precárias para dez presidiários, hospedava, na ocasião, um número bem maior, que disputava suas acomodações. Os cárceres enfileirados davam para duas alas laterais de um pátio, local onde os reeducandos tomavam sol diariamente e jogavam futebol, realizando campeonatos internos, procurando, assim, fugir de algum modo à monotonia de suas vidas cativas.

As duas fileiras de xadrezes que ladeavam o pátio, têm como cobertura grossas Lages de cimento armado, isso a uma altura de aproximadamente seis metros. Sobre as Lages estão edificadas quatro guaritas, cujas sentinelas, fortemente armadas, davam cobertura ao presídio vinte e quatro horas por dia, em sistema de rodízio.

São testemunhas de tudo quanto ocorre sob as suas vistas. Olhos vigilantes da lei humana, no cumprimento da ordem e da disciplina exigidas na prisão.

A alimentação é apenas razoável. Afinal, não poderia ser melhor, em virtude da elevação constante dos preços dos gêneros alimentícios e tendo em vista ainda os custos elevados do sistema penitenciário. É bem provável que se gaste mais, hoje em dia, com os presidiários do que com os menores abandonados. Aliás, deveria ser o contrário, considerando-se que é exatamente no aprimoramento intelectual e moral do menor, que

estão fundamentados os valores do progresso de um povo. Disse alguém sabiamente: "Eduquem as crianças para não ser necessário castigar os homens".

Os reeducandos, na sua maioria, representam as camadas mais pobres da população, portadoras de diversificadas carências. A tristeza e a solidão fazem moradia em suas almas que, de quando em quando, são tomadas pela revolta e descrença na Providência Divina.

Cada caso é um caso. Contudo, depois de algum tempo de reclusão, tais criaturas assemelham-se no comportamento e tendências. Citado fenômeno é fácil de ser explicado, pois as experiências vividas e permutadas nas horas vazias vão, a pouco e pouco, moldando seus caracteres, daí a origem da afirmativa popular de que o indivíduo, no presídio, acaba ficando pior do que quando ali entrou.

Raros permanecem imunes a esse tipo de contaminação moral.

Não devemos, pois, desrespeitar as leis humanas, a fim de não perdermos a liberdade, dádiva concedida por Deus a todos os seus filhos. A liberdade, quando bem desfrutada, proporciona à criatura enriquecimento espiritual e júbilos celestiais.

Jesus tornou bem clara a questão quando afirmou: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus (Mateus 22:21)". Assim, tanto a lei dos homens quanto a Lei Divina precisam ser respeitadas. A primeira, susceptível de progresso à medida que o tempo passa; a segunda, eterna e imutável, pois está embasada na infinita Perfeição de Deus, nosso Criador.

Deus outorgou a todos os seus filhos a liberdade de agir, destinando-os à conquista da verdade e à prática do bem. Todavia, os homens ignorantes e imaturos, através dos milênios, deram vazão aos instintos grosseiros, cometendo todo tipo de delitos, comprometendo-se a passar por ásperos resgates em vidas sucessivas, a fim de lograrem o refinamento espiritual indispensável.

Capítulo 24 - DIÁLOGO PROVEITOSO.

Cinco anos já se passaram na ampulheta do tempo.

As reiteradas visitas de Cristina ao seu pai, sobretudo à noite, por ocasião do sono físico, constituíam um refrigério para sua alma lancetada pela dor. Não fosse isso e ele, por certo, não suportaria tanta amargura. Sabia da existência da esposa e não podia aproximar-se dela, gritar bem alto que ele vivia e desejava retornar ao lar, onde outrora fora tão feliz.

Sempre que era tomado de assalto por esse tipo de reflexão, a floravam à sua mente as duras palavras de Valéria, que agora tinham mais vigor do que na época em que foram proferidas:

- "Eu gosto de você, porque é bonito. . . "

- Se ela me visse agora - monologava Bombom - naturalmente não me aceitaria mais como marido; sou exatamente o oposto dos seus românticos ideais.

O palhaço precisava esquecê-la, olvidar seu lar; conscientizar-se de que tinha necessidade de viver uma etapa nova de vida. Apesar dos anos decorridos, ele ainda não aceitava plenamente a sua real situação. Cristina, incansavelmente, minimizava as dores produzidas pelas feridas abertas em seu coração, com palavras de bondade e energias espirituais condizentes.

Certa vez, aproveitando-se da oportunidade que o sono físico de seu pai propiciava, procurou-o para mais um diálogo. Nesse ensejo ele manifestava a vontade de rever a esposa

para um entendimento e, quem sabe, chegarem à conclusão de edificarem novamente o lar desfeito.

- Papai, não faça isso! Mamãe já refez a sua vida, casou-se e tem, inclusive, um filhinho, a quem adora.

- Isso é irregular, e como fico eu nessa história? Não é possível!

- Mamãe ignora que o senhor esteja vivo. A polícia concluiu pela sua morte. Ela aguardou algum tempo, depois resolveu refazer a sua vida. A sua reaproximação seria um desastre. Não faça isso! - aconselhou a filha, abraçando-o.

- Você sabe onde ela mora?

- Sei. Tenho me aproximado dela e da sua nova família, algumas vezes. Não vamos ser pedra de tropeço na vida deles. Aceitemos com resignação a parte de sofrimento que nos cabe; é consequência do nosso passado pontilhado de ações contrárias à lei do amor.

- Só eu sei o que é sofrimento. ...

- Não se deixe envolver por sentimentos enfermicos, eles acabam com a nossa resistência íntima, colocando-nos em condições favoráveis à interferência de entidades das sombras na nossa vida, causando sérios descontroles. São seres inferiores que só almejam a infelicidade alheia. Eles estão por toda parte na atmosfera terrestre, estão vinculados ao mundo em que habitamos. O senhor já sabe disso; logo, não há motivos para lamúrias, sejamos fortes. Deus conhece a nossa dor e no dia certo, no momento exato, nos concederá a solução salvadora, se fizermos por merecê-la. Deus jamais esquece dos seus filhos.

Bombom ouvia com atenção as sábias ponderações de Cristina, que, após pequena pausa, continuou:

- O importante, papai, é fazer com que as feridas profundas do seu coração, cicatrizem-se, e jamais magoar ou ferir alguém, sob pretexto algum, seja lá quem for. A sua reaproximação de mamãe seria um autêntico desastre na vida de vocês dois. Tal comportamento trará imprevistas e graves consequências, das quais o senhor, papai, será o maior responsável. O mais acertado é deixar tudo como está, confiando na Misericórdia Divina, que prevê e provê todas as nossas necessidades, conforme o nosso merecimento - aduziu Cristina, que se apresentava iluminada.

- Aguardar . . . aguardar . . .

- Paciência, papai, esse é o remédio. Contudo não devemos permanecer inativos, torna-se necessário trabalhar, fazer algo em favor dos que sofrem . . .

- Precisa trabalhar? - interrompeu-a Bombom.

- Perfeitamente. Enquanto aguardamos solução ditosa, que ponha em festa o nosso coração, procuremos conhecer as mazelas íntimas que ainda habitam o nosso coração, procurando, com empenho e boa vontade, vencê-las uma a uma. Paralelamente, utilizemos o tempo para igualmente fazer o bem, até porque o bem cobre uma multidão de pecados, conforme apontamento do apóstolo Pedro (3.a epístola 4:8).

- Conheço essa passagem evangélica.

- Então? Vamos exemplificá-la na nossa vivência.

- Eu já tenho feito alguma coisa nesse sentido.

Sempre que alguém me procura, eu o atendo com todo amor, reconhecendo-o sofredor como eu . . .

- Quando eles o procuram?! É necessário procurá-los, papai, interessar-se por eles, conhecer-lhes os problemas aflitivos. São muitos e estão presentes em toda parte. Hoje, em dia, o povo sofre mil e uma vicissitudes não podemos olvidar que o mundo ainda é planeta

de provas e de expiações, e que ninguém, ninguém mesmo, está isento dessa programação de resgates e burilamentos individuais e coletivos.

- Cristina, minha filha, eu tenho feito alguma coisa no sentido de ajudar o nosso próximo...

- Alguma coisa é muito pouco. É preciso fazer muito mais - esclareceu Cristina, falando com ênfase.

Você está certa. A esse respeito eu tenho conversado bastante com a irmã Matilde, e ela sempre bate na mesma tecla. Insistindo na prática da caridade como solução adequada aos nossos problemas. Ela diz mais, que devemos seguir as pegadas do Cristo, isto é, exemplificar as suas lições de luz, só assim baniremos do nosso íntimo o orgulho e o egoísmo, as maiores mazelas morais que tanto têm infelicitado a Humanidade, desde os seus primórdios.

- Muito bem! . . . É isso mesmo, sem tirar nem pôr - ratificou Cristina, tomada de justificado júbilo, pelas acertadas ponderações do pai.

- Cristina, vou lhe confidenciar uma coisa: quando rememoro o passado, desde a fase em que fomos felizes até a catástrofe que se abateu sobre a nossa família, todos os lances dramáticos voltam à minha mente, vivos como se estivessem ocorrendo agora; todo sofrimento ressurge, intenso, dominando as minhas forças, fazendo as feridas do meu peito sangrarem novamente; depois, intensa revolta toma conta de todo o meu ser. Querida filha, a nossa família foi destruída, nós éramos tão felizes!

- Papai, não se torture tanto . . . Por que lembrar-se das dores lancinantes do passado, se podemos perfeitamente seguir um caminho novo que nos leve a conhecer e realizar tarefas enobrecidas? Para sermos realmente felizes, há necessidade de fazermos a felicidade alheia.

Jamais esquecer que somos filhos de Deus. A máxima maior deixada pelo Divino Amigo, é: "Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos (Mateus 22:37 a 39).

Bombom e Cristina silenciaram, olhando-se nos olhos, como que ratificando todos os argumentos permutados naquele instante inolvidável.

Capítulo 25 - CRISTINA, É VOCÊ?

Valéria procurava dar um novo sentido à sua vida, fugindo das lembranças amargas do passado, que abalaram sensivelmente a sua personalidade forte e otimista.

Havia casado pela segunda vez e tinha um filho. Seu esposo, próspero industrial, proporcionava-lhe uma vida sem preocupações. Artur, o seu nome, adorava a esposa e o filho: Jorge, de três anos de idade, de boa índole, inteligente e dócil às orientações dos pais.

Apesar da harmonia reinante no lar de Valéria, de quando em quando o passado voltava com recordações tristes, que ela procurava esquecer imediatamente, interessando-se mais pelos afazeres domésticos. De um tempo a esta data, Valéria tem, às vezes, a impressão de não estar sozinha, apesar de, como católica, não aceitar a interferência de espíritos na vida dos vivos.

Certa madrugada, Valéria teve um sonho revelador, que determinou uma mudança radical em sua existência.

O quarto foi invadido por uma claridade diferente da produzida por luz elétrica, ela não saberia definir, mas era sem dúvida diferente. A seguir, aos poucos, ela pôde perceber que não estava só; prestando mais atenção ao fenômeno, ela viu claramente uma moça ao lado da cama, cuja fisionomia ela reconheceu, de pronto:

- Cristina, é você, minha filha?!
- Sim, sou eu, mamãe. Eu preciso falar com a senhora.
- Como eu estou contente em poder revê-la!

Eu também. Já estive aqui, várias vezes, inteirando-me da sua nova vida. A senhora casou novamente, tem um filho. Isso mesmo, mamãe, não devemos ficar cativos do passado, principalmente quando foi feito de dores e lágrimas - esclareceu Cristina carinhosamente.

- Você está diferente não é mais aquela criança; agora é moça e bonita!
- Aqui onde eu me encontro a gente cresce também; não seria bom para mim permanecer criança para sempre. Agora, mamãe eu trabalho juntamente com amigos espirituais, procurando realizar tarefas que sejam do agrado de Jesus - informou a filha.
- Eu estou notando; a sua aparência é das melhores. A sua visita está me fazendo um bem extraordinário. Creia.

Eu necessito falar com a senhora.

- Notícias do papai?
- Não. Trata-se de outro assunto.
- Você tem estado com o Murilo, minha filha?
- Sim, quase que diariamente.
- Por que você não o trouxe à minha presença? Gostaria de revê-lo, conversar com ele.
- Os Benfeitores espirituais ainda não permitiram.

O certo é que ele está muito bem. Isso é o que importa, não é, mamãe?

- Exato, minha filha. Quantas vezes sinto uma saudade, quase incontida, daqueles tempos felizes em que estivemos juntos; momentos inesquecíveis, aqueles. Em seguida, procuro olvidá-los, porque igualmente trariam de volta amarguras superadas, abrindo velhas feridas íntimas, que tanto nos fizeram sofrer e chorar - desabafou Valéria, bastante emocionada.

- Como eu lhe disse, mamãe, tenho estado aqui, ao seu lado, algumas vezes.
- Eu tenho pressentido a presença de alguém junto a mim. Agora sei que era você, isso me deixa contente e despreocupada. Não sabia que os espíritos dos nossos familiares tivessem condições de nos visitar.

- Mamãe, você precisa aprender muitas coisas importantes enquanto estiver encarnada. Não se apegue, em demasia aos valores materiais, eles prejudicam a ascensão dos espíritos. Jesus, a esse respeito, nos legou precioso ensinamento: Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração(Mateus 6:21). Hoje, a senhora sabe que há uma vida melhor, mais dinâmica, a do plano espiritual, onde eu me encontro feliz.

- Como foi bom ouvi-la, minha querida filha; vou pensar no que você me disse.
- Que Jesus a abençoe, mamãe. Você precisa aprender muitas coisas importantes enquanto estiver na Terra . . . Pense nisso . . . pense nisso . . . - repetiu Cristina, afastando-se.

Após uma hora, Valéria acordou, consultando o relógio, eram sete horas. O dia principiava.

Artur estava no banheiro, barbeando-se. A seguir, veio à presença da esposa, que arrumava a cama.

- Bom dia, meu bem.

- Bom dia. Agora de manhã eu tive um sonho bastante interessante - disse Valéria, inteirando o esposo dos detalhes do sonho que tanto a impressionara.

- É, dá para pensar; mais tarde conversaremos novamente a respeito. Querida, estou atrasado - justificou, saindo do dormitório em direção à copa, para o habitual café da manhã.

Valéria rememorou o sonho o dia todo; precisava, sim, pensar e muito. Se não foi uma alucinação dos sentidos, então a realidade da vida futura era bem outra!

Entardecia, quando Valéria resolveu procurar uma amiga espírita, para conversarem sobre o assunto e eliminar as dúvidas pendentes.

- Como vai, Clarice. Há tanto tempo que nós não nos vemos! - adiantou Valéria.

- Estou bem. Sempre me esquivei de procurá-la por sabê-la católica praticante e sempre revelar aversão pelo Espiritismo - acrescentou Clarice.

- Eu vim disposta a conversar bastante com você. Inicialmente eu quero lhe contar um sonho que me deixou singularmente impressionada.

- Não diga?

- Já disse - brincou Valéria, colocando Clarice, a seguir, a par do sonho e das suas dúvidas a respeito.

- Valéria, os sonhos retratam a nossa vivência espiritual, durante o sono fisiológico. Sonhos atribulados e confusos, nos dão conta de que estivemos em má companhia, isto é, com espíritos sofredores ignorantes, e até maldosos. Sonhos felizes na convivência de amigos e parentes, como no seu caso, com sua filha, comprovam o interesse deles em nos orientar, podendo até, dependendo das circunstâncias, servirem de advertência com relação a atos incorretos que porventura tenhamos praticado, ensejando-nos oportunidades para corrigi-los enquanto é tempo.

Valéria limitava-se a ouvir, sumamente interessada nos esclarecimentos. Ao sair, despediu-se agradecida, levando consigo vários livros espíritas, tomados emprestados, prometendo lê-los, um um, com o maior interesse e atenção.

O sonho com a filha mudou completamente a rotina da vida de Valéria: deixou de ir à Igreja e começou a freqüentar o Centro Espírita, em companhia de Clarice.

Tornaram-se amigas inseparáveis.

Os Benfeitores amigos, amiúde, nos dão notícias da vida espiritual, sobretudo através dos sonhos. O importante é analisá-los corretamente, colocando em prática os conselhos e aceitando as advertências, para nossa própria felicidade.

Capítulo 26 - INÍCIO DE REDENÇÃO.

Reinaldo está preso há mais de seis anos, cumprindo a pena que lhe foi imposta pela Justiça. Nesse longo lapso de tempo, o seu espírito ávido de liberdade, havia feito proveitosas avaliações. Aquilo ali não era vida! Só o caminho do bem pode proporcionar felicidade, de nada adianta querer ficar rico na Terra, quando se tem o espírito vazio dos legítimos valores espirituais, isto é, das virtudes.

Agora, sim, as palavras da sua mãe ganharam um sentido real na sua mente. Rei, mais maduro, com as experiências vividas, acabara entendendo o objetivo elevado das argumentações maternas; não era mais aquele jovem de cabeça vazia, atrás de facilidades perigosas. Como perdera tempo, deixando de lado os sábios conceitos expendidos pela sua genitora, ao longo dos anos em que vivera em sua benfazeja companhia.

A vivência desfrutada no lar, era, sem dúvida, valiosa oportunidade de aprimoramento interior. Quantas vezes sua mãe lhe dirigia a palavra, com paciência e carinho, chamando-o à realidade da vida e ele, imaturo, dera de ombros, saindo irônico, na certeza de que ele, somente ele, dispunha do caminho mais acertado e promissor, para os seus dias. Que caminho?! Viver entre grades, como um animal raivoso, segregado da coletividade, limitado nos seus passos, nos seus anseios?

Jamais os conselhos de sua querida mãe, soaram tão fortemente em seu cérebro. Ela, que sempre fora boa para com ele; e ele, de que modo retribuía esse amor?

Só com sofrimentos, sacrifícios, amarguras. Até quando seus destinos estariam sujeitos a tantas vicissitudes?

Matilde visitava o filho todas as semanas. Submetia-se a rigorosa vistoria íntima, por parte da polícia feminina, a fim de poder entrar no presídio, ela que era tão recatada, sentia-se, nessas ocasiões, humilhada. Humilhada, sim, pois sua vida fora um exemplo de dignidade, de correção, ninguém poderia apontar, sequer um fato menos nobre ao longo de sua jornada terrena.

Naquele dia, ao se encontrarem no pátio, para a costumeira visita, Rei veio ao encontro da mãe, com uma expressão fisionômica diferente, inclusive nas suas palavras havia uma entonação que fugia do seu habitual modo de falar. O que teria acontecido?

- Mamãe! ...

- Meu filho!...

Os dois vencidos pela emoção, entregaram-se às lágrimas. Nenhum dos dois conseguiu falar, de pronto, a voz não saía de suas gargantas. Aquele curto diálogo de apenas três palavras dizia tudo! Permaneceram longamente abraçados, chorando copiosamente.

Curiosamente, durante o tempo em que a mãe e o filho estiveram abraçados, irmanados na mesma dor lancinante que retalhava fundo seus corações sensíveis, na tela mental de Reinaldo, sucediam-se, numa velocidade incrível, os acontecimentos que marcaram profundamente sua vida na meninice e na juventude e, principalmente, ressurgiam vivas as palavras de bondade e ternura, entendimento e compreensão, de sua genitora, não o condenando jamais; pelo contrário, mostrando-lhe o verdadeiro caminho da redenção com Jesus, feito de renúncia e abnegação, fraternidade e amor.

" Esse momento foi marcado por poucas palavras e inusitadas emoções, assinalando sua vida com o fogo do arrependimento, limiar de uma nova existência. As velhas concepções do passado, de assalto e vida fácil, ruíram por terra de vez. Agora, sim, teria condições de entender e aceitar os padrões de virtude que enobrecem os seres, incentivando-os a labores dignos em favor de si mesmo e dos desprotegidos da Terra, na edificação de um mundo novo, onde a palavra amor, na sua legítima acepção, não seja uma utopia e sim uma realidade indestrutível.

Ainda ecoavam, no seu íntimo, nos escaninhos mais profundos de sua alma, aquelas três palavras de vida, proferidas com tanta emoção, que abriram os diques de suas almas sensíveis e sinceras, fazendo-as chorar convulsivamente:

- "Mamãe!..."

- "Meu filho!..."

Não era preciso dizer mais nada; já haviam falado tudo! Há sentimentos represados na alma, que as palavras são pequenas e pobres, desprovidas de sentido, incapazes de bem retratá-los, defini-los. Nessas oportunidades decisivas, as atitudes sinceras e espontâneas, nascidas do coração aflito, falam muito mais alto que incontáveis palavras. Passados os primeiros instantes, Matilde foi quem rompeu o silêncio:

- Rei, nesta madrugada, eu tive um sonho com você, meu filho, bastante significativo...

- Conte, mamãe! Como foi?

- Uma entidade de luz, aproximou-se de minha cama e disse: "O amor salvará seu filho. Saiba esperar. Confie em Jesus." Depois afastou-se, desaparecendo.

Só isso. Não sei o que aquele Benfeitor amigo quis me dizer. Suas palavras, repassadas de amor, me fizeram um bem indescritível.

- Esquisito, não, mamãe? "Só o amor..."

- O amor é tudo, meu filho. O amor é Deus, segundo nos asseverou o apóstolo João, em sua epístola.

As reflexões de Reinaldo, aliadas ao sonho de Matilde, alteraram profundamente os conceitos de vida do jovem assemelhando-se a violento terremoto que põe a descoberto regiões férteis, sepultando de vez as ruínas do egoísmo e do orgulho milenares. Terremoto que não deixa "pedra sobre pedra", mas não destrói os verdadeiros ideais humanos na edificação de um mundo melhor, a fim de que os princípios sublimes de vida se perpetuem para todo o sempre, através do comportamento da Humanidade, que, quando voltado à verdade e ao amor, concretizam a Vontade de Deus.

Rei, mentalmente, considerava: - Como a família é importante na vida dos seres humanos, sobretudo quando se é apoiado por uma mãe extremamente abnegada e amorosa como a minha, plena de entendimento e compreensão, sem esmorecimento ou cansaço, sempre preocupada com a minha reabilitação moral. Como fui ingrato e rebelde às suas palavras de amor!

Os longos anos de reclusão, período inútil da sua vida, materialmente falando, foram de uma importância ímpar no seu progresso moral. O ambiente do cárcere, tão triste e desolador, onde a revolta mais e mais se acentua no íntimo dos reeducandos. Reeducandos? Não! Ali ninguém aprende nada de bom, só exemplos maléficos, pois as criaturas vivem sem orientação, entregues a per turbacões mentais, matrizes de sofrimentos de variada natureza. O tempo é ocupado com pequenos trabalhos manuais que não despertam interesse em ninguém. Não têm comércio!

As proveitosas provações de Rei, acompanhadas de amadurecidas meditações, levaram-no a concluir, sabiamente, que a vida na marginalidade só avilta o ser, embrutecendo-o. Compreendeu, também, que os transgressores da lei, quase sempre, não superam a faixa etária dos vinte e cinco anos. O indivíduo ou morre em entreveros com a polícia, ou é assassinado pelos próprios companheiros de crimes.

O caminho do crime está jucado de espinhos!

Capítulo 27 - O SONHO REVELADOR.

Na noite desse dia inolvidável, Rei teve um sonho significativo, dos mais esclarecedores. Sentiu-se fora do cárcere, isolado numa planície, nem casas nem árvores à vista, nada!... Havia uma brisa fresca e agradável que acariciava sua pele. Nesse instante, surgiu no horizonte um homem que veio ao seu encontro, aproximando-se aos poucos. Seu aspecto esquisito... sua feição dura... um tanto triste...

- Rei, eu o conheço de outras vidas, cometemos juntos muitos delitos -- começou a falar o estranho personagem - no momento, talvez você não se recorde de mim. O que eu tenho a lhe dizer é muito importante para nós dois. São revelações de um passado remoto, de outras experiências na carne.

Reinaldo vivia indefiníveis emoções, tinha plena certeza do valor daquele contacto inamistoso, porém não saberia como defini-lo, explicá-lo.

Eu sou um dos seus inimigos do passado - continuou a falar, imperturbável, a esquisita criatura, - o velho médium me viu muitas vezes, fazendo referências, inclusive, aos meus propósitos inconfessáveis. Você jamais submeteu-se à vontade de sua mãe, procurando ser independente para fazer o que bem entendesse; todavia, nunca fugiu à minha influência negativa, sempre fez o que eu quis. Hoje, você está preso porque foi esse o meu desejo, precisava vingar-me do que você me fez; exigir pagamento na mesma moeda.

O espírito obsessor parou de falar, por alguns minutos, como que colocando seus pensamentos em ordem para depois dar continuidade à revelação com mais clareza.

Nesse pequeno lapso de tempo, também Rei deu asas aos seus pensamentos: - Que situação estranha estava vivendo! Jamais poderia sequer pensar que um dia defrontar-se-ia com aquele personagem singular, surgido das cinzas do passado, na figura de credor de atos que fizera contra ele em circunstâncias, no momento, ignoradas!

- Após o silêncio verificado, de parte a parte, o obsessor prosseguiu no seu relato:

- Realizado o meu desejo, despeço-me agora de você. Não estou contente com o que fiz. Afinal, o ódio e a vingança deixam sempre um saldo de amargura, frustração e arrependimento, que marcam profundamente a nossa alma. Algo grita dentro de mim que eu sou o grande perdedor da porfia que mantivemos, consequência de faltas graves que cometemos em vidas pregressas.

- Não estou entendendo! Fale mais claro! - essas foram as primeiras palavras pronunciadas por Rei, diante daquele ser que provava conhecê-lo tão bem.

- Acompanhe atentamente o meu raciocínio, é muito importante. Você atualmente está resgatando um débito contraído em outra vida, da qual não se recorda; eu, porém, tenho vivos na lembrança todos os lances dessa jornada passada. Hoje, eu sei que o sofrimento que me foi imposto no pretérito, já representava pagamento de dívidas anteriormente contraídas por mim. Logo, a execução da vingança contra você, constitui novos débitos; que terão de ser saldados por mim no futuro.

- Curioso o seu comportamento de agora, apesar de dizer-se meu inimigo, mostra-se compreensivo e, até, arrependido pelo que me fez - argumentou, Reinaldo.

- Com relação às profundas modificações íntimas operadas em mim, eu as devo, principalmente, à sua abnegada genitora. As suas reiteradas orações em nosso favor agiam sobre mim como um lenitivo, como um bálsamo minimizando os meus sofrimentos, desanuviando a minha mente em constante conflito, fazendo-me entender o sublime sentido da vida. Sua mãe é uma alma boa e generosa, que semeia incansavelmente o bem.

- A partir de quando você atua sobre mim?

- Desde o seu nascimento. Nós estávamos juntos na espiritualidade, daí você resolveu voltar à esfera física para tanto obteve permissão dos Benfeitores amigos. A minha atuação sobre você sempre foi imperceptível e continuada, a fim de não levantar suspeitas e poder aos poucos, fazer com que os seus condenáveis hábitos do passado pudessem aflorar, produzindo situações danosas em seu prejuízo. O que facilitou a minha empreitada foi você não aceitar os sábios conselhos de sua mãe. Assim, identificou-se mais comigo, abrindo brechas às minhas influências negativas e, ao mesmo tempo, rechaçando as palavras bondosas de sua genitora, seus ensinamentos de luz.

O desconhecido fez longa pausa, possibilitando a Rei meditar rapidamente sobre as argumentações apresentadas; depois, retomando a palavra, considerou:

- Rei, a sua vida está um tanto complicada. Longe da minha presença, você vai poder avaliar melhor a sua real situação. Nisso constituirá o seu resgate. Em outra época, talvez eu me sentisse plenamente realizado; hoje, não! Graças à sua mãe que, em pensamento, também me acolhia como filho. A pequena semente da regeneração está principiando a germinar no duro solo do meu coração.

- Então, você me perdoa?

- Sem dúvida... sem dúvida. Tudo que aconteceu entre nós dois, foi somente fruto da ignorância e da ociosidade que dominavam nossas personalidades. Buscar soluções mais fáceis para poder fruir de gozos puramente materiais, que não levam a nada, somente a decepções e sofrimentos, é a pior decisão que se pode tomar - acrescentou o espírito, finalizando: - Até um dia, se Deus permitir.

Em seguida a estranha criatura desapareceu na distância, de onde veio, para ignotas plagas.

Os sonhos são vivências dos espíritos no espaço.

Por ocasião do sono, o corpo físico repousa; o espírito, não. Enquanto a veste carnal se refaz das energias gastas durante o dia, os espíritos semilibertos (a liberdade total significa a morte) gozam de relativa liberdade, convivendo por algum tempo com aqueles que lhe são afins. Assim, dependendo das nossas atividades durante o dia, teremos as companhias durante o sono fisiológico.

ações nobres em favor do próximo, estudo e trabalho dignos fazem com que a nossa permanência no espaço durante a noite, seja feliz e proveitosa, na breve convivência com aqueles que nos querem bem, que se rejubilam com o nosso progresso.

Comportamentos mesquinhos embasados no orgulho e no egoísmo, direcionados aos nossos irmãos de jornada terrena, acarretam noites de pesadelos na companhia de entidades infelizes e ignorantes que ainda não se desapegaram de imperfeições morais seculares. Tais espíritos alegram-se em nos infelicitar e destruir. Assim, cada um de nós escolhe a companhia que deseja e merece. Essa a grande verdade!

Os Benfeitores espirituais nos ajudam de mil e uma formas; através de sonhos, como ficou bem claro pelo relato acima, pois não fosse a permissão deles e a ajuda dedicada ao espírito vingador, e o desfecho não teria tal epílogo; através de um diálogo com um amigo ou parente, os Mentores fazem com que a conversa siga um determinado sentido, para poderem, intuitivamente, manifestarem-se oferecendo-nos preciosas lições; através da leitura de um livro, principalmente se for espírita, quais fontes de luz, luarizando o nosso interior, fazendo com que as sombras da ignorância ali existentes batam em retirada.

A luz da sabedoria espiritual espanca as trevas da ignorância secular, que tanto têm dificultado a marcha da Humanidade nas vias do progresso moral.

Capítulo 28 - DIQUE, O COMPANHEIRO.

Apesar de estar preso, isolado da sociedade, Rei, naquele dia amanhecera quase feliz. Sabia que havia acontecido algo que iria mudar sensivelmente a sua vida, não obstante reconhecesse que teria que permanecer ali longos anos naquela experiência de frustrações inquietantes.

Ele sentia-se no início de uma nova etapa e suficientemente forte para enfrentar e vencer os obstáculos da exaustiva caminhada.

- Como a vida, às vezes, torna-se engraçada! - pensou. - Agora que eu não tenho liberdade, posso enfim valorizá-la como Dádiva Divina das mais preciosas e ansiá-la com todas as minhas energias, mais que nunca!

Como mamãe tinha razão! Quantas palavras repassadas de bondade e de lições sublimes eu ouvi de sua boca santa! E eu o que fiz? Pensando saber tudo não aceitei as suas valiosas ponderações sobre a vida, entregando-me às conversas fúteis e danosas dos meus pobres companheiros, que terão, como eu, que aprender pelo sofrimento a verdadeira realidade. Agora eu sou outra pessoa.

Hei de vencer! ...

Os seus companheiros de infortúnios, criaturas cheias de problemas íntimos e conflitos desesperadores, não saberiam compreendê-lo. Rei vivia agora em um mundo à parte, apesar de conviver com eles a mesma experiência. Contudo, em toda e qualquer situação, notadamente nas mais desditosas, sempre aparece um "ombro amigo".

Para Rei esse apoio era Ricardo, o Dique, também oriundo de família pobre. Conhecera carências de todas as naturezas, daí a sua resolução em roubar e, para não fugir à regra, dera-se mal, acabando nas limitações de um cárcere.

Havia entre Rei e Dique muitos pontos em comum, afora aqueles que os levaram a vivenciar a mesma experiência dolorosa no presídio. Dizem que o destino costuma pregar peças. O que ocorre, porém, é que as coisas seguem o ciclo normal, sempre conforme a necessidade e merecimento de cada indivíduo. Ali estavam dois jovens saldando dívidas com a sociedade. Agora, já um tanto compenetrados pelas amarguras, almejavam vidas novas, corretas e dignas. Queriam ardentemente seguir pela estrada reta da virtude e do dever, não mais pelos atalhos sombrios e enganosos do crime, que só criam decepções e sofrimentos.

Jesus, ao longo de sua vida missionária, sempre deixou claro que devemos ocupar as nossas horas, no cumprimento do nosso dever, amando-nos uns aos outros.

Na realização desse sublime ideal, lograremos combater tenazmente, com sucesso, as imperfeições morais que ainda moram nas fibras mais profundas do nosso coração.

Somente a partir daí é que teremos reais condições de poder viver intensamente as verdades da Boa Nova do Cristo. Todavia, enquanto não atingirmos o citado nível de evolução, cabe-nos intensificar os nossos esforços nesse sentido, sem o que, nada irá ocorrer de bom no transcurso da nossa jornada terrena.

Os dois amigos já sentiam no íntimo essa necessidade maior de afeiçoarem-se à verdade e ao bem, como soluções definitivas aos males da vida. Somente a sabedoria e o amor exercidos de conformidade com os preceitos evangélicos, têm a propriedade de cobrir uma multidão de pecados (I Pedro 4:8).

O princípio da renovação já era uma realidade no coração dos dois jovens, tornava-se agora necessário perseverar nesse elevado ideal de libertação. Quem sabe até poderia acontecer um fato novo, inusitado, dando rumos diferentes àquelas duas vidas, trazendo para a percepção de ambos uma perspectiva promissora. Cada criatura humana edifica o seu destino, conforme a sua vontade e a natureza das suas ações. Não podemos ignorar que, quem semear espinhos, jamais colherá flores!

A propriedade do amor é sensibilizar as almas profundamente, motivando-as a despertar de vez do torpor anestésico em que ainda teimam em permanecer, indiferentes e amolentadas, sem ideais que provem a grandeza de suas vidas.

O amor é sopro Divino que penetra os recessos mais sensíveis das almas, tornando-as mais felizes, até nos momentos adversos, incentivando-as a conquistas enobrecedoras. Todos que amam, verdadeiramente, procuram levantar os caídos nas estradas da vida, solucionando-lhes os problemas angustiantes adequadamente; sentem-se ditos com a felicidade alheia e trabalham persistentemente nesse labor elevado, buscando construir um novo mundo, com a predominância da fraternidade entre os homens.

O presídio era visitado todos os sábados à tarde, por um grupo de religiosos, ecumênico, que tinham em mente evangelizar os reeducandos. Além dessa fraterna atividade, os componentes do grupo, distribuíam pequenos objetos tão necessários aos reclusos, tais como: sabonetes, creme dental, lâminas de barbear, lápis, envelopes, selos postais, etc.

Luizão, companheiro de cela de Rei, certa vez manteve um diálogo bastante interessante, com o padrinho Fernando, que merece ser aqui lembrado. Tanto Rei quanto Dique acompanharam a conversa, obtendo precioso ensinamento.

- Padrinho Fernando, vocês procuram, com as suas ponderações evangélicas, nos tirar do caminho da marginalidade. Tudo bem! Eu concordo em parte com isso - disse Luizão.

- Só em parte, por quê? - interrogou-o Fernando.

- Depois que eu sair daqui, preciso fazer um "servicinho" rendoso, que me dê possibilidades de parar e viver tranqüilamente. A partir daí eu até posso me tornar um religioso.

- Luizão, você acredita em Deus?

- Naturalmente que sim.

- Aceita a reencarnação, isto é, a volta dos espíritos à vida física, tantas vezes quantas forem necessárias?

- Apesar de não ser espírita, aceito a reencarnação, pois do contrário Deus não seria Sábio, Misericordioso e Justo.

- Muito bem! Acompanhe agora o meu raciocínio.

Você é posto em liberdade, comete um assalto a um Banco, que lhe rende uma importância considerável. Com uma parte desse valor você compra uma bela residência em bairro nobre da cidade; a outra parte, você aplica na poupança, passando a viver folgadoamente com tais rendimentos.

- O padrinho entendeu bem o meu projeto. É isso mesmo! Afinal, estou no prejuízo, preciso recuperar.

- Admitamos a hipótese de você cometer um assalto perfeito, que a polícia não consiga esclarecê-lo. Que o amigo esteja em segurança.

- exatamente! É isso mesmo que vai acontecer.

- Vamos considerar que tudo dê realmente certo.

Todavia, através da reencarnação, você vai retornar ainda outras vezes à paisagem terrestre, tendo que saldar esse crime. Todos os bens conseguidos por nós de maneira indevida, terão de ser devolvidos à sociedade, quase sempre nas mesmas condições. Isso quer dizer que em encarnação futura o amigo terá de sofrer uma perda igual àquela que lhe proporcionou os recursos desfrutados de modo ilegal. Se numa vida você apropriou-se de bens que não lhe pertenciam, em outra vida terá de restituí-los à comunidade, em idênticas condições. A Lei Divina tem a propriedade de registrar todos os acontecimentos de nossa existência. A dívida acompanha o devedor em todas as circunstâncias de sua peregrinação terrena. Luizão, cada um de nós escolhe o seu próprio destino!

- Padrinho. . . Você me apertou sem me abraçar! - respondeu, de pronto, Luizão. Demonstrando ter entendido, a argumentação de Fernando.

Capítulo 29 - TRATAMENTOS ESPECÍFICOS.

O amor é a terapêutica ideal no tratamento das enfermidades e mazelas morais humanas. Constitui a presença Divina em todo o Universo. É vida palpitante em todas as coisas. Nessa sublime energia estamos mergulhados.

O amor está, inclusive, dentro de nós, dinamizando a nossa vida, elevando-a acima dos interesses e conveniências puramente materiais.

É bem verdade que, em muitas pessoas, o amor é apenas uma chamazinha inexpressiva ou, então, ainda encontra-se em estado latente. Uma coisa, porém, é certa: o amor irá redimir um dia toda a Humanidade, isso quando os homens estiverem cansados de sofrer, desiludidos da luta inglória encetada na conquista das ilusões e fantasias que só premiam os sentidos físicos.

Rei, no último encontro com a genitora, sentira uma sensível modificação íntima. Quantos ideais, até então nutridos com tanto carinho, ruíram, deixando em seu lugar escombros de inutilidades que não levaram a nada, somente à dor e à lágrima! Era preciso construir intimamente um mundo novo, onde a esperança pontilhasse como a primeira conquista indestrutível. À noite, o sonho completara a grande metamorfose preparando o solo do seu coração para sementeiras promissoras. O adversário de outras vidas partira, deixando-o livre para proveitosas reflexões. Quanto tempo havia perdido, Jamais dera ouvidos às sábias e bondosas palavras de sua abnegada mãe. Anjo tutelar de sua vida!

Certa vez, conversando com Dique, Reinaldo argumentou:

- Quanta tristeza e revolta ao nosso redor, Companheiros que, como nós, alimentavam desejos de vida fácil, sem responsabilidades, partilham, agora, das nossas infelizes experiências. Acomodações precárias e insuficientes, alimentação apenas razoável, pouco agasalho, ausência de médicos e dentistas, nenhuma orientação.

Essa é a realidade da vida nos presídios! Ah! Que mundo pequeno é o do cárcere, pequeno em todos os sentidos que se possa imaginar, sobretudo para aqueles que procuram dar asas aos seus pensamentos e sentimentos. Estes sentem a dureza da realidade que os rodeia!

- O amigo está revelando-se excelente filósofo - aduziu Dique, sorrindo.

- Somente agora, após longos anos de detenção, e com base nas experiências vividas é que tenho condições de avaliar e entender as edificantes palavras de minha querida mãezinha.

- A sua mãe é uma pessoa especial. As suas palavras nunca recriminam; pelo contrário, estão sempre impregnadas de compreensão e fraternidade – adiantou Dique.

- Observe, Dique, que ambiente de sofrimento e solidão. Aqui nas limitações do presídio, tudo é rotina. As mesmas atividades diárias, os diálogos são fúteis, abordam constantemente os mesmos assuntos marcados por frustrações, muitos têm vontade de sair daqui e trabalhar honestamente, enquanto a maioria, que se julgam em prejuízo prometem reincidir no crime, porém de maneira perfeita, não deixando pistas, a fim de não mais serem apanhados e recambiados ao presídio. Há os delinquentes primários e os contumazes.

- Estou gostando das suas ponderações. Muito bem!

- Os longos anos de permanência neste local de ásperas decepções, trouxeram-me valiosas experiências.

Hoje, eu sei que a Justiça humana deveria fazer distinção, aplicar tratamentos específicos, compatíveis com a situação de cada indivíduo. Conforme bem esclareceu minha genitora, não existem duas pessoas absolutamente iguais; semelhantes, sim. Logo, as punições e os tratamentos deveriam variar sempre, de acordo com os delitos praticados e a situação moral de cada indivíduo, levando-se em conta, inclusive, a vida familiar progressa.

- O que você sugere, caro professor? - inquiriu-o Dique, sorrindo ironicamente.

- Dique, eu tenho meditado atentamente no assunto e pensado também nos conselhos de minha querida mãe. Assim, eu acho que aos delinquentes primários deveria ser dispensado todo apoio possível, inclusive escolar e profissional, no sentido de reabilitá-los e capacitá-los a reintegrarem-se à sociedade. A eles deveria igualmente ser ministradas aulas de evangelização. A minha mãe é bondosa e compreensiva porque vive as lições do Evangelho do Cristo. São exemplos que eu não posso ignorar!

- E aos reincidentes, prezado mestre, qual deveria ser o tratamento dispensado? - voltou a perguntar Dique, sorrindo.

- Os reincidentes ficariam em colônias penais agrícolas, trabalhando pelo próprio sustento, recebendo igualmente tratamentos adequados, a fim de se regenerarem, porém jamais convivendo com infratores primários, considerando que estes são mais facilmente recuperáveis.

- Sinceramente, eu gostei da sua argumentação. Muito boa; boa mesmo! - finalizou Dique, colocando as mãos nos ombros do amigo.

- Hoje, eu entendo que somente a terapia do amor terá condições de recuperá-los, até porque o amor é Deus presente no Universo. O amor mudará os sentimentos de cada um deles, ensinando-lhes comportamentos novos, de hábitos renovadores, onde o estudo e o trabalho dignos sejam uma constante, aliados ao respeito e à fraternidade mútuos, como fatores decisivos na redenção individual e coletiva do ser humano - tornou Reinaldo.

Só agora florescia e frutificava o trabalho consciente de Matilde junto ao filho. A sua preocupação maior sempre fora Reinaldo, pois desde criança ela percebera o interesse do menor pelas coisas alheias. Orientações adequadas nos momentos propícios, jamais faltara! Ela o acompanhava "passo a passo" examinando cuidadosamente os seus hábitos. À noite orava fervorosamente, rogando a Jesus forças e discernimento para poder bem realizar o seu mister junto ao filho. A ele jamais faltaram conselhos de sabedoria e amor.

Rei, quando garoto, era alvo das atenções do adversário do pretérito, que a todo custo desejava vingar-se de episódios ocorridos em outras vidas, a seu dano. O que propiciou facilidade ao inimigo invisível, foi exatamente a conduta do menor, rebelde aos conselhos maternos e acessível às influências prejudiciais do desafeto de outras

existências. O bem sempre encontra dificuldades para se fixar no coração humano, por se tratar de costume ainda não vivido; por outro lado, o mal é facilmente assimilado e posto em prática, porque já se encontra radicado no interior das pessoas, bastando, apenas, recordá-lo e colocá-lo em evidência nos atos diários.

A seqüência dos anos de prisão, os hábitos virtuosos de Matilde, acrescidos das observações que Rei vinha fazendo reiteradamente, deram-lhe uma visão completamente diferente dos conceitos que nutria a respeito da vida. Quantos casos tristes ele presenciara, frutos da ignorância e da preguiça! Quantos dramas pungentes, marcando almas com o fogo do arrependimento, que poderiam facilmente ser evitados, se houvesse um pouco de amor nos corações humanos! Quantas criaturas entregaram-se, invigilantes, a sentimentos destruidores, buscando fazer justiça com as próprias mãos, ocorrendo, inclusive, em muitos casos, que o ofendido é que foi morto nas pugnas de sangue!

Quando o legítimo amor palpitar em todos os corações humanos, não haverá mais necessidade de presídios!

Capítulo 30 - SOFRIMENTO SUPERLATIVO.

Já fazia uma semana que Bombom não visitava Matilde, a grande amiga que tanto ânimo lhe dava ao coração, em razão das suas palavras generosas, impregnadas de compreensão e fraternidade. Como havia acordado, naquela manhã, angustiado em demasia, inconformado, fora à casa da amiga, a fim de fugir um pouco do seu pungente drama.

Matilde o recebeu na sua modesta casa, com a sua habitual bondade, fazendo-o entrar.

- Como é, amigo, as coisas não vão bem para o seu lado? - perguntou Matilde, com doçura.

- Esta noite não dormi nada bem, parecia que grandes tenazes me comprimiam o peito, fazendo-me sofrer como nunca. Não sei até quando suportarei esse suplício - desabafou Bombom, quase chorando.

- Caro amigo, se olharmos para trás, vamos encontrar pessoas muito mais sofredoras do que nós; precisamos confiar em Deus. Você sabe que o meu sofrimento também não é pequeno, mas o que posso fazer, se ainda não ressarci os meus débitos? Assim, procuro fazer a minha parte, com fé na Bondade Divina.

- Eu também tenho agido assim, porém, às vezes, a dor parece maior do que o meu peito, asfixiando-me.

Quando sonho com a Cristina, acordo melhor. Ela é o anjo tutelar que guia os meus passos, balsamizando-me o coração ferido. São sonhos maravilhosos que me fazem tão bem; no entanto, nem sempre os sonhos acontecem, o que me deixa deprimido.

- Ela tem outras ocupações. Além do mais, você precisa viver a sua própria experiência, para que o mérito do êxito seja seu e não dela.

- Você pensa assim? - perguntou o palhaço.

- Naturalmente. Os espíritos que já dispõem de certo grau de evolução, têm labores a realizar. Não se entende criaturas capacitadas ao trabalho, permanecerem de braços cruzados, ociosamente, quando há mil e um necessitados por toda parte. Não podemos

olvidar que o estudo e o trabalho são fatores decisivos de progresso, tanto aqui na Terra quanto no plano espiritual.

- A irmã realmente tem razão. Reconheço que estou fragilizado demais; não disponho de forças para prosseguir na luta.

- Não repita isso! Tudo tem uma razão de ser. Confie na Providência Divina. O irmão sabe que de segunda a sexta feiras eu faço faxinas. Aos sábados, aconselhada pelo bondoso Matias, eu visito algumas famílias muito mais sofredoras do que nós. Se você concordar podemos ir juntos à casa da Alzira, pobre mulher que cuida de duas filhas excepcionais. Gostaria de ir?

- Irei, sim. Preciso fugir do meu martírio, esquecê-lo. Estou à sua disposição.

- Então vamos. Eu estava de saída, quando o amigo chegou - aduziu Matilde, fechando a porta de sua casa.

Os dois caminharam em direção a zona mais pobre da cidade, após vencerem regular distância, entraram num declive.

- Alzira mora naquele barraco que você vê lá em baixo. Tudo aqui é desolação e tristeza!

Assim que chegaram, Matilde bateu palmas, alertando a moradora da sua presença.

- Pode entrar Matilde; a porta está apenas encostada - a dona da casa já sabia da visita da amiga, que ocorria todos os sábados, exatamente naquele horário.

O barraco era dos mais pobres daquela região, apenas um cômodo; mais próximo à janela, estava o fogão, na outra extremidade uma cama de casal, onde Alzira dormia com as duas filhas gêmeas, que contavam cinco anos.

No centro do barraco, uma mesa com duas cadeiras, encostado a uma das laterais, um armário improvisado feito de caixotes, destinado aos poucos pertences e aos alimentos; escassos, por sinal.

Assim que as meninas nasceram, o pai, quando percebeu que eram excepcionais, abandonara a família deixando-a entregue à própria sorte. Alzira, infelizmente não podia trabalhar fora de casa, pois não havia ninguém que se propusesse cuidar das menores. Esse era o seu drama, dos mais pungentes. Vivia da caridade alheia, almas bondosas levavam, de quando em quando, alimentos para as três infelizes criaturas, ignoradas pela maioria das pessoas, interessadas em atender apenas os cinco sentidos físicos, com esquecimento absoluto que são almas imortais.

- Não repare na casa, ainda está em desordem - falou Alzira aos visitantes, com a sua costumeira simplicidade.

- Bom dia! Hoje eu trouxe um amigo, interessado em conhecer a sua família - esclareceu Matilde, carinhosamente.

- Satisfação em conhecê-la; sou o palhaço Bombom, do Circo "Tricolor"! Sou amigo de Matilde, como ela vinha para cá, eu aproveitei para acompanhá-la. A vida pelo visto, não tem sido nada boa para vocês.

- Não fosse a bondade de algumas pessoas caridosas e não teríamos recursos de sobrevivência. Minhas filhas são por demais dependentes de mim, não disponho, portanto, de condições para me afastar, sequer por breve tempo. Quem sabe se com o passar dos anos as coisas mudam. Confio em Deus; afinal somos seus filhos. Tenho certeza que Ele conhece bem a minha aflição e nos ajudará no momento certo. Deus é Pai e não padraсто!

Matilde leu uma página evangélica, de Emmanuel, guia espiritual do médium Francisco Cândido Xavier, comentando-a; depois oraram em favor do grupo; a seguir, aplicou passes magnéticos de reconforto e coragem nas três: mãe e filhas.

À saída prometeram retornar, ainda naquele dia com uma sacolada de víveres, inclusive, leite e pão para as desditosas meninas, que cumpriam um carma dos mais dolorosos.

- Matilde, como você analisa o drama dessa família? - perguntou o palhaço, buscando novos esclarecimentos.

- Você já sabe que cada caso é um caso. Não há dois iguais, de vez que as criaturas implicadas também são ímpares. Logo, não posso adiantar com certeza o que teria ocorrido às três, motivando essas vidas sofridas que o amigo acaba de conhecer. Contudo, posso afirmar que o sofrimento de hoje, retrata delitos praticados por Alzira em outras vidas, como responsável, com a cumplicidade atida das atuais filhas. Agora, ela que complicou a existência desses dois espíritos, tem a seu cargo a tarefa sublime de reabilitá-los, sofrendo, inclusive, as situações criadas a dano do próximo, como resgate purificador.

Bombom acompanhava com interesse, palavra por palavra, as ponderações de Matilde, sobre o tema enfocado. Após pequena pausa, ela continuou:

- Pode dar-se também o caso de que Alzira, levando vidas fáceis, no pretérito, não conseguira desvencilhar-se de imperfeições morais, daí ter escolhido uma existência difícil para poder, em uma vida só, lograr a conquista tão almejada: libertar-se de vez de mazelas que a prendem à retaguarda de compromissos dolorosos. Assim, se por um lado ela promove a própria redenção moral, por outro lado, dois seres estão igualmente sendo ajudados por ela com o aval da espiritualidade, confiados à sua tutela materna - finalizou a companheira.

Face às ponderações ouvidas, Bombom pensou: - Como Deus é justo e Misericordioso!

Capítulo 31 - EXPIAÇÃO REPARADORA.

Após uma semana dos últimos acontecimentos narrados, Matilde levou Murilo à casa do irmão Matias, a fim de conhecê-lo pessoalmente. Murilo já conhecia o médium, através das informações dadas pela amiga; ocorrendo o mesmo fato com Matias, que já ouvira falar do artista, muitas vezes. A visita foi das mais proveitosas, pois a conversa versou sobre a Doutrina Espírita. Os visitantes ouviam os ensinamentos evangélico-doutrinários com avidez, pois tinham necessidade premente desse tipo de esclarecimento, com vistas aos problemas angustiantes que enfrentavam. A certa altura da conversa, Murilo perguntou:

- Então, o irmão confirma que os fatos que marcam a nossa vida têm uma conotação com o nosso passado?

- Perfeitamente! Nada escapa à Sábia e Justa Lei Divina. Tudo tem uma razão de ser, do contrário como explicar racionalmente as diferenças facilmente observadas entre as pessoas? O sofrimento que se abateu sobre a sua vida é consequência natural de atos condenáveis praticados pelo amigo em outras vidas a dano do seu semelhante. Não podemos pensar de outra forma, até porque a Providência Divina fundamenta-se em perfeição absoluta. Deus quer o progresso de todos os seus filhos, criou-nos para vivência no bem que enobrece, e para o conhecimento da verdade que liberta o ser a caminho da luz.

O sofrimento que se abate, implacável, sobre as vidas humanas, corresponde exatamente à quitação de dívidas outrora contraídas.

- Irmão Matias, recapitulando o que foi dito, não há inocentes sofrendo sobre a Terra, nem privilegiados desfrutando de bens imerecidos? - Perguntou Murilo, interessado em ratificar conhecimento.

- Não, não há. A Lei de Deus abrange a todo o Universo, está presente na vida de todas as criaturas, até na dos seres infinitamente pequenos. Nada escapa à Sábia e Justa Vontade Divina - acrescentou Matias, convictamente.

- Eu tenho lido O Evangelho Segundo o Espiritismo, que trata detalhadamente desse assunto; todavia, ainda não disponho de recursos para entender todos os assuntos que o livro contém. Assim, às vezes creio e às vezes descreio, vencido pela dor. Vacilo demais! É bem verdade que as lições tomadas em sentido diverso, deixam de atender as nossas necessidades imortais e nos tornariam meros joguetes do destino.

- exato. Enquanto não se tem uma boa base de conhecimentos, as lições ficam difíceis de serem assimiladas; no entanto, podemos adiantar, sem medo de errar, que as verdades espirituais são simples, racionais, convincentes. Não há religião ou filosofia capaz de destruir os princípios espiritistas, porque estão sedimentados no Evangelho do Cristo. O Espiritismo é o Consolador prometido pelo Divino Messias (João 14:26).

- As suas palavras caem no meu coração como um refrigerio, balsamizando as feridas; além de alargar a minha mente, criando uma expectativa feliz para o futuro.

- Agradeça a Jesus, de coração, tudo que o irmão está recebendo neste instante. Ao seu lado está uma jovem que diz chamar-se Cristina, foi sua filha nesta encarnação. Ela diz, igualmente, que também é responsável por muita coisa de ruim que acontece na sua vida e na dela, razão porque está seriamente empenhada em ajudá-lo. Diz mais, para que o amigo, em tempo algum, se entregue ao desânimo e à revolta.

- Sim... sim, é minha filha. Coitada! Como sofreu!

Eu a sinto a meu lado nos momentos mais agudos e difíceis do meu viver. Não fosse ela e eu não teria forças para suportar o meu destino.

- Tenha confiança na Misericórdia Divina, que jamais falha. Cristina está pedindo para que eu também lhe diga que por mais áspero que seja o seu caminho, não se esqueça de orar. A oração é ponte que faculta à criatura chegar até o Criador, possibilitando-lhe receber incontáveis dádivas espirituais, condizentes com a necessidade e merecimento de cada ser.

- Querida filha, que Jesus a abençoe. Não se afaste de mim; não sei se estou pedindo muito, é que às vezes me sinto tão fraco e indeciso que temo fracassar aduziu o artista, baixando a cabeça, humildemente.

- Não se martirize à toa - interveio Matilde, quantas vezes eu causei sérias preocupações ao nosso generoso irmão Matias. Só ele sabe quantas!

- Deixe disso; sinceramente não me lembro de nenhuma. Apenas cumpri, imperfeitamente, com o meu dever. Além do mais, "inútil é o ombro do pai que não conhece as lágrimas da filha". - acrescentou Matias, sorrindo.

- Aproveitando a oportunidade, queremos lhe dizer que fomos visitar a irmã Alzira - informou Matilde.

- Coitada! Está passando por uma fase das mais difíceis de sua peregrinação terrena. Pretendemos, inclusive, voltar lá, amiúde, para ajudá-la.

- Eu conheço bem o problema dela. Infelizmente não disponho de condições físicas para ir até a sua casa.

Contudo, aqui distante tenho rogado o acréscimo de misericórdia de Jesus, para ela e suas desditosas meninas.

Deus sabe o que faz! - comentou Matias.

- São vidas feitas de sacrifícios, que proporcionam largas experiências de valor incalculável, promovendo a redenção de seres seriamente comprometidos com a Lei Maior. Afinal, depois de tantos ensinamentos, já estou entendendo um pouco do assunto, não fosse assim e eu seria catalogada como péssima aluna, não é? - inquiriu Matilde.

Matias sorriu, concordando. Tratava-se de um homem bastante cansado, envelhecido. O tempo deixara marcas da sua passagem por todo o seu corpo. Seus olhos, porém, vivos e penetrantes, buscavam o âmago das pessoas para conhecê-las melhor. Ele sabia não estar muito distante a sua alforria desta vida. Aguardava com serenidade o momento decisivo: a grande metamorfose, que cedo ou tarde sempre chega, promovendo a indispensável libertação dos legítimos seareiros do bem comum.

Até aqueles que sofrem nas vias públicas, ostentando corpos disformes, incapacitados de raciocinar com clareza, só podem agradecer ao Pai Amantíssimo a experiência dolorosa que vivem, porque ao final, quando desencarnarem, é que terão condições de bem avaliar as dívidas ressarcidas e o triunfo logrado. A morte física só leva ao desespero e a decepções, aqueles que perderam o tempo entregando-se ao mal, esses terão que passar por duros resgates nas leiras da dor.

- Sei que tenho de abandonar este corpo físico, um dia, o que não está longe de acontecer. Assim, gostaria que vocês dois estivessem bem preparados para assumir as tarefas assistenciais nesta região. Não podemos olvidar que Deus ajuda o homem através do homem; sejamos, pois, emissários da Bondade Divina.

- Eu, particularmente, conheço as minhas limitações. Sinto-me ainda bastante frágil incapacitada de poder assumir um mister dessa envergadura – respondeu Matilde, humildemente.

- O seu rude resgate terá um fim - tornou profeticamente Matias. - O sofrimento burila o nosso espírito, dando-nos condições para realizar cometimentos elevados em nome de Jesus. Muitas coisas boas ainda vão acontecer na vida de vocês dois, tenham a certeza disso.

Mais tarde, a irmã, com o coração serenado, sentirá necessidade de amparar os mais fracos, em vivências de amor cristão.

A conversa com o bondoso Matias fez brotar em seus corações expectativas otimistas. Assim, tanto Matilde quanto Murilo, saíram de lá revigorados, quase felizes.

Capítulo 32 - A MORTE É VIDA!

Durante um largo lapso de tempo, os acontecimentos não apresentaram nenhuma novidade que mereça ser registrada. Os problemas vividos pelos personagens desta história não se modificaram sensivelmente, só amarguras e sacrifícios faziam-se presentes, como tônica persistente, corrigindo erros e redimindo-os de mazelas morais decorrentes de vidas anteriores. Os seres somente deixam de sofrer no momento em que se libertam dos débitos cometidos no passado, ou seja, em outras vidas. A Terra ainda é planeta de provas e de expiações, daí a razão porque a dor e a lágrima tem sido companheiras assíduas da Humanidade.

Matias pediu a Matilde e Murilo para que fizessem uma visita de atendimento espiritual a um doente. O casal Olegário e Iolanda, freqüentador de sua casa, vivia aflitivo

drama. Olegário estava seriamente enfermo e desenganado pelos médicos. Ele contava com oitenta janeiros e ela setenta e oito. Criaturas sofridas, somente nos últimos anos é que se aproximaram das verdades espiritistas, conduzidas pela dor, como ocorre com a grande maioria das pessoas, poucas são aquelas que buscam conhecer os princípios básicos do Espiritismo, levadas pelo amor.

O convite feito à Matilde e ao Murilo ensinava dinamizar mais o atendimento cristão aos necessitados daquela região, preparando, inclusive, seareiros para os labores futuros. Por outro lado, o médium Matias, tendo em vista a idade um tanto avançada, precisava preparar alguém que pudesse substituí-lo no mister fraterno que exercia junto ao povo sofrido daquela cidade.

Assim, de posse do endereço, os dois dirigiram-se à casa do casal indicado. Eles residiam na última casa da rua sem saída, como era denominada; situada não muito distante do domicílio de Matias. Não foi difícil localizar a moradia. Atendidos por Iolanda, que mostrava-se bastante preocupada com a sorte do marido.

- Agradeço a vocês pela presença fraterna; meu marido tem câncer e foi desenganado pelos médicos. O seu estado é dos mais graves, e o pior, não conforma-se com a sua situação de enfermo terminal. Não quer de modo algum morrer - confidenciou Iolanda, encaminhando-os ao quarto onde o marido encontrava-se recolhido ao leito.

- Bom dia! - cumprimentou-o Matilde. – Viemos visitá-lo. Soubemos, através do irmão Matias, que o senhor está doente.

- Bom dia! Estou contente com a visita de vocês - respondeu Olegário, com voz apagada.

- Confie em Jesus! Ele é o médico dos médicos conhece todos os nossos problemas e na hora certa, naturalmente, o atenderá com o seu acréscimo de misericórdia. . .

- Eu sei . . . Eu sei . . . Porém não quero morrer e sei que é chegada a minha hora de partir.

- Ninguém sabe qual é o seu dia. Só Deus tem conhecimento do instante do nosso desencarne – falou Murilo, aproximando-se mais do leito.

- Admitindo-se que o seu momento de partir esteja prestes a acontecer; o irmão já sabe que a vida continua - tornou Matilde.

- Sei, sim, que somos imortais; mas como ficará Iolanda sem mim?

Curiosa a colocação do enfermo. A esposa cuidava dele há dezenas de meses. No princípio, nem tanto, mas agora, no final, o seu trabalho junto ao marido não era nada pequeno. Contudo, a sua preocupação era de como ficaria Iolanda, após a sua morte!

- Não se preocupe com isso. Deus está em toda parte, ninguém portanto está sozinho, todos nós estamos na companhia de Deus, nosso Pai celestial - aduziu Matilde.

- Nós temos conversado muito sobre esse assunto; porém, Olegário não aceita certas verdades - esclareceu a esposa, acariciando os cabelos do marido.

- Todos dizem que a morte é libertação, mas eu não quero morrer, tenho ainda muitas dúvidas. O bondoso Matias disse que o Espiritismo nos esclarece a esse respeito, conscientizando-nos para o verdadeiro sentido da vida - falava o enfermo, com dificuldade.

- Nós éramos católicos, até bem pouco tempo, agora, com os problemas de saúde dele, temos procurado freqüentemente o irmão Matias, que sempre se mostrou fraterno conosco, inclusive ensinando-nos algumas verdades, daí a razão porque ainda não estamos bem inteirados dos conceitos espíritas. A nossa mente está cheia de dúvidas - ponderou Iolanda, emocionada.

- A morte não é o fim; assim como o nascimento não é o princípio da vida. O espírito já existia antes do seu retorno ao vaso físico, da mesma maneira continuará existindo após a morte da veste carnal - esclareceu Matilde.

- O bom Matias certa vez falou isso mesmo! Concordou Iolanda, que acompanhava a argumentação de Matilde, com interesse incomum.

- Cada um de nós - tornou Matilde - já viveu incontáveis vidas, agora estamos recapitulando experiências fracassadas e nos preparando igualmente para o porvir. Assim, não só temos que quitar certos débitos assumidos no pretérito, quando desrespeitamos a lei do amor, como também evoluir intelectual, moral e espiritualmente. A Terra assemelha-se a uma grande escola; logo, somente depois de dominarmos todas as disciplinas escolares, ganharemos condições íntimas para galgar degraus superiores na escada da perfeição infinita. Deus criou leis perfeitíssimas de amor e justiça. Os transgressores de tais leis sofrerão o choque de retorno; isto é, terão a infalível visita da dor, nas variações condizentes a cada caso.

- Como tudo isso é difícil de entender! A nossa cabeça não assimila essas lições, daí a nossa dúvida - desabafou Iolanda, ajeitando os lençóis sobre o enfermo.

- Não tenham receio algum. O irmão Olegário não tem motivos para ter medo. Sempre levou uma vida honrada, primando pela correção em tudo que fez: bom filho, bom esposo; zeloso e digno no seu trabalho. Logo, nada de temores, quem fez o melhor enquanto viveu, não deve ter medo da morte. Além do mais, a morte é vida! Por que é vida? Porque a vida prolonga-se infinitamente, o desencarne é apenas uma metamorfose indispensável à evolução dos indivíduos. Confiem em Deus, saibam acatar sem reservas a sua Soberana Vontade! Caso o irmão realmente desencarne vitimado por essa enfermidade que o atormenta, siga tranqüilo, esperançoso de um porvir melhor. O senhor estará apenas nos antecipando nessa grande viagem nada mais! - finalizou Matilde.

Olegário sorriu, naturalmente aceitando as considerações expendidas pela visitante, que se revelava bem inteirada do assunto, além de inspirada.

Em seguida, Matilde leu uma página de O Evangelho Segundo o Espiritismo, comentando-a; aplicou passes de reconforto espiritual no casal; fluidificou a água de uma jarra, esclarecendo que o enfermo deveria tomá-la como remédio: aos poucos, pela manhã, à tarde e à noite. Após o atendimento despediram-se, retornando às suas tarefas diárias. No dia imediato inteiraram o irmão Matias a respeito do mister executado. O velho médium ficou feliz, pois havia encontrado dois seareiros prestativos.

Ao final do terceiro dia, Olegário encerrou a sua romagem terrestre, seguindo tranqüilo e confiante na Bondade de Deus. Na hora extrema, sorriu à esposa e apertou as suas mãos, como a despedir-se dela, deixando uma mensagem inarticulada: -- Até breve!

Capítulo 33 - O EVANGELHO NO LAR.

Os Centros Espíritas, atualmente, têm sido procurados por um número considerável de pessoas; a grande maioria delas em busca de um lenitivo para os seus males e, quem sabe até, a cura definitiva de tais problemas, quase sempre de natureza espiritual. Aquelas que procuram as casas espíritas, levadas pelo interesse de conhecerem a verdade da terceira Revelação, constituem um número bastante reduzido.

O irmão Matias vinha observando esse fenômeno, apesar da casa dele não ser um Centro, era procurado por incontáveis pessoas da região, no sentido de serem atendidas espiritualmente, com orientação específica e aplicação de passes magnéticos.

Como o importante é ensiná-las a pescar e não simplesmente doar os peixes, Matias julgou de bom alvitre conversar com os interessados no sentido de implantarem o Evangelho no Lar, pois via nessa prática uma terapêutica adequada à maioria dos problemas que possuíam. Assim, julgou oportuno e conveniente convidar os freqüentadores de sua casa e os interessados a respeito, a ouvirem as suas explicações sobre a atividade enfocada.

No dia e na hora escolhidos, a sala da sua pequena moradia estava literalmente tomada por pessoas simples, interessadas na palavra do médium. Matilde e Murilo também estavam presentes, ansiosos pela orientação do bondoso seareiro. Matias, abrindo a reunião, fez uso da palavra, proferindo uma prece de agradecimento a Deus, pelo ensejo do evento, e rogando o apoio da espiritualidade no sentido de que o tema em pauta pudesse ser bem assimilado por todos os presentes. A seguir, abordou o assunto, deixando claro que todos poderiam fazer as perguntas que julgassem necessárias para o bom entendimento do grupo.

- Caros irmãos, inicialmente desejo-lhes muita paz espiritual. O motivo da reunião já é sobejamente conhecido. O tema que procuraremos desenvolver é dos mais relevantes, no que diz respeito ao bem-estar e harmonia que devem reinar no seio da família. O Evangelho no lar corresponde a uma visita semanal de Jesus em nossa casa, através dos seus ensinamentos de luz. – Matias fez uma pequena pausa, a fim de concatenar os próprios pensamentos, depois prosseguiu, sereno.

- A grande maioria dos problemas da Humanidade, atualmente, são de ordem espiritual. O Evangelho no Lar é o remédio adequado na solução de tais problemas. A primeira providência a tomar é marcar, com a família, um dia da semana e horário mais propício para as reuniões.

- Irmão Matias, por que marcar um dia, não pode ser em qualquer dia? - inquiriu um dos presentes.

- Precisa ser sempre no dia da semana previamente escolhido, e no mesmo horário também, porque os Benfeitores espirituais, sabedores do nosso interesse, designarão um Mentor para dirigir espiritualmente a reunião.

Fazendo-se o Evangelho semanalmente em qualquer dia com horários variáveis, os Benfeitores amigos não poderão nos orientar com eficiência, de vez que eles têm misteres a cumprir, não estão o tempo todo ao nosso dispor.

- Perfeitamente! Não pensei nisso! – respondeu o interlocutor.

- Designar, de comum acordo, quem deve dirigir a reunião; a escolha deve recair sobre o chefe da família ou, então, na pessoa que tiver mais conhecimentos doutrinários. Se puderem escolher um cômodo da casa para esse tipo de trabalho, é melhor. No entanto, caso não seja possível, realizá-lo de qualquer forma, pelos benefícios que trará, indiscutivelmente.

- Por que escolher um cômodo? - perguntou Matilde.

- Há cômodos da casa que servem de passagem para as demais dependências, ocorrendo daí, certos contratempos, caso as pessoas que não participarem da reunião estejam circulando de um lado para outro. Selecionar o livro a ser estudado. O mais indicado é O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, por tratar-se de obra adequada ao tipo de trabalho a ser realizado. Meia hora antes do início da reunião, desligar os aparelhos de comunicação: rádio, televisão. O importante é a preparação do ambiente,

podendo, inclusive, ser utilizada música suave em volume brando, para a harmonização dos pensamentos e sentimentos. Colocar um recipiente com água, no local da reunião, a fim de ser fluidificada e ao final possam todos utilizarem-se dela bebendo um pouco. - Após breve momento, Matias continuou, imperturbável.

- O roteiro da reunião deve ocorrer da seguinte maneira: prece inicial, simples, breve, espontânea; que seja uma retratação do nosso pensamento e sentimento voltados ao ideal de aprender e servir em nome de Jesus.

A seguir leitura de uma página do livro escolhido, de forma seqüente, com breve comentário sobre o assunto, não exceder a quinze minutos. Procurar a essência dos ensinamentos doutrinários, comparando-a com as necessidades humanas. Ressaltar, ainda, que os benefícios advirão da vivência de tais lições, quando devidamente aplicadas nas atividades do dia-a-dia.

- As crianças também podem participar desse estudo? - inquiriu Murilo.

- Desde que tenham idade suficiente, capaz de aproveitarem o aprendizado; em caso contrário, deverão permanecer em outro local, ou até dormindo se estiver na hora de recolherem-se para o repouso físico. As crianças muito pequenas são demasiadamente irrequietas, prejudicando, por isso, o andamento da reunião.

- Realmente! - concordou um dos participantes.

- Todos os presentes devem participar do trabalho, tanto na prece inicial, quanto nas leituras e comentários, em forma de rodízio. Após a leitura e o comentário fazer vibrações pela implantação e vivência das lições evangélicas em todos os lares; pela paz na Terra; em favor das criaturas necessitadas e aflitas presentes em toda parte; pelas pessoas com quem temos dificuldades em nos relacionar; pelo incentivo e proteção dos trabalhadores do bem e da verdade; pelo lar onde está sendo realizado o Evangelho, bem como em prol de todos os presentes - Matias fez uma pequena pausa, dando oportunidades para perguntarem a respeito, como ninguém se manifestou, prosseguiu:

- Logo após, encerrar com uma prece, também simples, breve e espontânea. Não fazer da ocasião um trabalho mediúnico, tarefa da competência somente de Centros Espíritas. Não permitir igualmente que a duração da reunião ultrapasse há trinta minutos, e não suspendê-la por motivos fúteis, perfeitamente adiáveis. Trata-se de trabalho importante, que diz respeito ao bem-estar da família no âmbito espiritual. Passes poderão ser aplicados pelas pessoas que tiverem conhecimento do assunto e só para atender eventualmente quem tenha problema de saúde e precise desse tipo de terapêutica.

- Há necessidade de cobrir a mesa com uma toalha branca? - perguntou uma das senhoras.

- Absolutamente! O importante no trabalho é termos pensamentos e sentimentos harmonizados com a verdade e o bem, com a finalidade de servir à causa de Jesus.

A seguir, Matias encerrou a reunião com uma oração, rogando as bênçãos do Cristo, em benefício de todos os presentes.

Não poderia ter havido acontecimento tão bom, cujo rendimento não só trouxe ensinamentos profundos da vida eterna mas também justificados júbilos, que puderam ser flagrados no rosto de todos.

Capítulo 34 - DIRIMINDO DÚVIDAS.

Terminada a reunião, por sinal bastante proveitosa, os presentes manifestaram-se interessados em formular algumas perguntas sobre vários assuntos, a fim de que as possíveis dúvidas fossem devidamente eliminadas. O irmão Matias concordou, feliz, considerando o desejo de todos em obter novos esclarecimentos a respeito dos princípios espiritistas. O primeiro a fazer uso da palavra foi um jovem.

- Gostaria de saber o que o Espiritismo ensina sobre o suicídio.

- O suicídio, caro irmão, é crime aos olhos de Deus, pois ninguém tem o direito de tirar a própria vida.

A existência Humana não termina no túmulo; pelo contrário, a vida após a morte física desdobra-se mais atuante e dinâmica, até porque a vida espiritual é a essencial. A vida na matéria é secundária. O corpo físico apenas enseja ao espírito oportunidades de resgatar débitos do passado, isto é, outras vidas, e aprimorar-se com vistas ao futuro. Logo, após o suicídio, o espírito se vê mais vivo que antes, com todos os problemas angustiantes que tinha, acrescidos das conseqüências dolorosas de haver tirado a própria vida física, em desrespeito à Sábia e Justa Lei Divina.

- É verdade que o espírito, em muitos casos, ainda preso ao corpo, sofre com o processo da decomposição do cadáver? - tornou o jovem, ávido de novos esclarecimentos sobre o assunto.

- Perfeitamente. Os efeitos danosos da rebeldia manifestada contra os sábios e justos desígnios das Leis Eternas, causar-lhe-ão sérias decepções e inesperados sofrimentos, até porque os laços que o prendem à matéria física, de modo algum, se desatam com facilidade, levando, às vezes, largo espaço de tempo. O sofrimento dos suicidas é deveras impressionante, causando-lhe marcas íntimas profundas, que somente séculos de rudes experiências, ou seja, expiações indispensáveis, determina o seu final.

- O que o senhor pode nos dizer sobre a pena de morte, ela é válida ou não? - inquiriu um dos participantes.

- A pena de morte é uma grave transgressão às Leis Divinas. Deus, que tudo sabe e tudo pode, cujas Leis estão embasadas em Sabedoria, Misericórdia e Justiça sem limites, não tira, por antecipação, a vida de nenhum dos seus filhos. Como é que nós queremos nos atribuir a competência de julgar e condenar à morte os nossos semelhantes? Todos os indivíduos que causam danos às pessoas e à sociedade, são doentes da alma que reclamam tratamento adequado; manifestam o que lhes vai no íntimo, às vezes fruto da própria marginalização da sociedade e do meio ambiente em que se criaram. É por isso que o Evangelho no Lar representa um freio a todas as manifestações de desamor. No dia em que os homens vivenciarem as lições evangélicas, diariamente, não teremos mais necessidade de presídios, porque cada integrante da Humanidade amarà a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. O egoísmo e o orgulho deixarão de existir. A criatura humana será verdadeiramente livre das ilusões terrenas e estará altamente interessada na conquista das virtudes, valores eternos.

- Estou satisfeito com o esclarecimento.

- Irmão Matias, a respeito da eutanásia, o que o amigo poderia dizer? - solicitou Matilde.

- A eutanásia, igualmente, representa uma agressão às Leis Eternas. Ninguém está autorizado a tirar a vida do seu semelhante, sob pretexto algum. Quem é que sabe exatamente o dia do desencarne do enfermo considerado terminal? Pode perfeitamente ocorrer a reabilitação física, há incontáveis casos registrados nos anais da medicina, de

enfermos terminais que recobriram a saúde e retornaram ao seio da própria família. Ademais, nós, espíritas, sabemos que o sofrimento é elemento depurador.

Na hipótese do espírito ser libertado antes do tempo previsto, regressará à espiritualidade levando em si mazelas que deveriam ser extirpadas do seu perispírito, através do sofrimento interrompido. Se Deus, usando de misericórdia, não interrompe a vida de seus filhos enfermos por que nós, que nada sabemos dos sublimes Desígnios

Divinos, iremos nos antecipar realizando esse ato condenável, contrário à Sua Sábia e Justa Vontade?

- O que o senhor teria a nos dizer sobre a cremação? Há muitas autoridades interessadas em adotar tal prática, tendo em vista a falta de espaços nos cemitérios - abordou Murilo.

- A cremação de cadáveres, igualmente, não deve ser procedida tão logo a morte clínica seja anunciada. Isso porque nem sempre o espírito dispõe de condições morais que facilitem a sua libertação do corpo, incontinenti. Caso a providência seja levada a efeito com o espírito ainda ligado às vestes fisiológicas, ele irá fatalmente sofrer com o fato. Não podemos olvidar que o espírito está vinculado ao corpo através do perispírito, molécula por molécula. Emmanuel, guia espiritual do médium Chico Xavier, aconselha termos piedade com os cadáveres, respeitando-se um prazo mínimo de 72 horas para destruição do corpo somático, considerando os fortes liames ainda existentes entre o espírito e a matéria, que dificultam a separação definitiva, face a transição imposta pela desencarnação.

- Estou satisfeito com a resposta. Agradecido.

- O Espiritismo resolve todas as dúvidas de maneira lógica, racional e convincente. Não dando margem a quaisquer dúvidas. Caso encontremos algum tema insolúvel isso só significa que ainda não assimilamos determinada questão, convincentemente. A codificação da Doutrina Espírita está contida em O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Os demais livros da codificação ampliam o que foi abordado de maneira resumida na obra em trato.

Os temas foram registrados de modo sucinto, porém claros e inteligíveis - ratificou Matias.

- Caro Matias, poderíamos saber o seu ponto de vista a respeito da mediunidade? Há pessoas que revelam inconformação porque são médiuns - perguntou uma senhora que acompanhava com atenção as valiosas ponderações do expositor.

- A mediunidade não é castigo nem tampouco privilégio. Trata-se de faculdade que, quando bem exercida em nome de Jesus, permite ao mediano acelerar o próprio progresso moral e espiritual. O dom mediúnico é concedido por Deus, para que o homem exerça mister dos mais sublimes, dando inclusive de graça o que de graça recebeu (Mateus 10:8). Os médiuns são os intermediários entre os dois planos de vida: espiritual e material. Graças ao trabalho desses laboriosos e incansáveis seareiros, estamos perfeitamente inteirados de que a vida continua; que os familiares que nos antecederam na grande viagem: a morte, nos aguardam a chegada; isso naturalmente se estivermos sintonizados com eles, pelo sentimento e pensamento, nutrindo os mesmos ideais.

- Outro dia, uma senhora me disse que não desejava ser médium, pois a faculdade não só absorvia o seu tempo como causava-lhe transtornos - voltou a ponderar a interlocutora.

- Todos nós somos co-participantes da obra de Deus. O exercício correto da mediunidade enseja realizações elevadas no campo do esclarecimento e bem-estar alheios. A tal senhora pensa mais em termos materiais e menos nas conquistas espirituais. Está presa às coisas da Terra e divorciada das coisas celestiais. Quando se pensa em valores

puramente materiais, os que transcendem a matéria densa não são levados em conta. Contudo, as experiências terrenas nos farão entender, um dia, a realidade da nossa passagem pela carne. O retorno ao vaso físico ocorre face à nossa premente necessidade de recapitular ações fracassadas. Somos filhos ingratos e recalcitrantes, que refutam, sem saber, as dádivas celestiais que lhe foram doadas pela Providência Divina, objetivando o progresso e a felicidade. No entanto, o tempo e a dor são os infalíveis instrumentos de que se serve o Pai Amantíssimo, no refinamento moral da Humanidade.

A seguir, Matias deu a reunião por encerrada. O júbilo era geral, motivado pelas edificantes lições recebidas.

Capítulo 35 - REINALDO E CÍNTIA.

Dia de Natal!... Época em que a Humanidade presta significativa homenagem a Jesus, pelo seu nascimento. Os homens confraternizam-se, deixando de lado mágoas e ressentimentos, entregando-se a sentimentos fraternos atendendo à sublime vontade do excelso missionário, lídimo representante de Deus entre as criaturas humanas: Jesus Cristo!

Jesus representou fielmente Deus, de tal forma, entre os homens, que Ele afirmou ser "um" com o Pai Celestial (João 10:30); assim como também poderemos ser "um" com o Cristo, se cumprirmos fielmente a sua vontade sublime, qual seja, a nossa própria evolução embasada na verdade e na prática da lei do amor (João 17:23).

A movimentação das visitas no presídio, nos dias de Natal, excedia ao normal. A direção do estabelecimento penal, com a participação das famílias dos reeducandos, realizava todos os anos, uma festa de confraternização entre todos, com farta distribuição de salgadinhos, bolos, balas, refrigerantes, etc. Não faltavam, igualmente, músicas alusivas à magna data.

Normalmente, somente as mães de Reinaldo e Ricardo é que compareciam para visitá-los. Aliás, as mães jamais esquecem de seus filhos, por piores que estes sejam. Nesta ocasião no entanto, a genitora de Ricardo fazia-se acompanhar de uma das suas filhas, irmã de Dique, portanto.

A moça contava vinte anos, presumivelmente. Estatura mediana, pele clara, cabelos castanhos, feições delicadas, expressivos olhos azuis e corpo bem moldado. Era realmente uma linda jovem, que impressionava a todos que tivessem o ensejo de vê-la. Cíntia, o seu nome.

Rei, ao vê-la, sentiu algo diferente que modificara intimamente o seu ser. Um sentimento novo, até então desconhecido, aflorara impetuosamente, misto de alegria e de tristeza. Alegria por ver ali, diante de si, a mulher dos seus ideais mais puros; tristeza em sentir que era um prisioneiro, sem direito à liberdade, sem condições, portanto, de lhe oferecer um nome digno e poder participar ativamente da sua vida.

Com relação a Cíntia, ocorreu fenômeno semelhante: ficara enamorada de Rei, à primeira vista. Sentimentos dos mais fortes e legítimos tomaram conta de todo o seu ser, ao ponto de torná-la, por um instante, confusa e perturbada, ela que normalmente tinha comportamento dos mais equilibrados, pensamentos dos mais lúcidos, que lhe conferiam capacidade invulgar de avaliar e discernir as situações por mais discrepantes e embaraçosas que estas pudessem ser.

Realmente ali estavam dois jovens nascidos um para o outro, com resgates cármicos e deveres comuns a cumprir; personagens vinculados desde outras vidas, que retornaram à paisagem terrestre para repetição de nova jornada redentora, desde que baseada nas virtudes cristãs. Ansiavam um futuro promissor, pleno de realizações nobres, onde o entendimento e a compreensão, o respeito e o amor, seriam fatores decisivos para uma vida feliz a dois.

Sem dúvida, nascera ali, naquele momento, em circunstâncias especialíssimas, um grande e verdadeiro amor. Ambos, até então, buscavam algo que não saberiam definir o que seria. Naquele momento inesquecível, das fibras mais íntimas de suas almas, aflorou o amor, sentimento sublime que renova e redime as criaturas humanas, capacitando-as a conquistas enobrecidas e a elevados eventos.

Reinaldo era alto, forte, saudável, pele morena, olhos bem pretos e penetrantes. Jovem simpático de atitudes bem definidas. Rei e Cíntia, inegavelmente, formavam um par perfeito. Matilde e Rosalina, mães do casal, assim que notaram a troca de olhares entre os dois moços, adivinharam o que se passava nos refolhos mais íntimos de suas almas enamoradas.

A partir desse encontro inolvidável, somente o tempo iria dizer a última palavra, aproximando-os para o sério compromisso do casamento e edificação do lar programado na espiritualidade, antes de retornarem à carne, onde o amor, na sua mais elevada expressão, teria todas as prioridades admissíveis.

A presença de Cíntia, mexendo com os sentimentos de Reinaldo, fizeram com que o jovem avaliasse com clareza a sua real situação de detento. Agora, encontrava-se completamente inconformado, precisava conquistar urgentemente a sua liberdade para poder unir-se a Cíntia pelos sagrados laços do casamento, para sempre. Chamando sua mãe à parte, confidenciou-lhe:

- Não sei o que a senhora poderá fazer por mim.

Conheço as suas limitações, sobretudo as financeiras; no entanto, eu lhe peço, do fundo do coração, faça até o impossível, mas tire-me daqui, pelo amor de Deus.

- Você sabe que não é fácil - respondeu a custo Matilde, com os olhos marejados de pranto. As palavras de Rei tocaram fundo os seus sentimentos maternos.

- Hoje, eu reconheço que a senhora, com as suas orientações, sempre quis o meu bem. Eu é que sempre fui um filho ingrato. Jamais quis dar ouvidos às suas palavras cheias de amor; todavia, dava todas as atenções imagináveis aos companheiros de cabeça vazia, imaturos e irresponsáveis. Como eu fui ignorante!

Matilde estava surpresa com a radical modificação de caráter de Reinaldo. O amor por Cíntia, aflorando no seu coração sensível, fizera com que o jovem entendesse ali, naquele momento, o verdadeiro sentido da vida. Agora, precisava da liberdade, mais que nunca!

- Vou ver o que posso fazer; precisamos encontrar uma solução. Eu tenho sofrido demais. Jesus ouvirá as minhas orações . . .

- Não só as orações, mamãe! - interrompeu-a

Rei. - É necessário fazer muito mais! Mamãe, eu preciso sair daqui; desejo, mais do que nunca, libertar-me!

- Certo, meu querido filho. Encontraremos um caminho - prometeu Matilde, chorando.

A partir desse dia, Cíntia passou a visitar Rei todas as semanas, às vezes acompanhada da mãe, outras vezes sozinha. Não deixou de ir uma semana, sequer. Entre os dois jovens nascera um forte e sincero amor, poder-se-ia dizer: inquebrantável.

Durante os encontros conversavam sobre os projetos futuros, trocando juras de amor; planejando, inclusive, como seria a vida dos dois, após o casamento, detalhe por detalhe.

Rei e Cíntia, antes de retornarem à Terra, haviam programado viver juntos a fim de solucionar pendências antigas, envolvendo ambos, bem como aos seus familiares. O casamento não é instituição que ocorre por acaso, fortuitamente. Aliás, todos os acontecimentos que realmente marcam as nossas vidas, têm conotações com o pretérito, são repetições de atos fracassados, que precisam ser revistos e corrigidos, para que se dê o aprimoramento moral e espiritual interior, sem o que jamais seremos autenticamente livres e felizes.

A reencarnação possibilita o reexame de tais comportamentos danosos, criando ensejos de reabilitação quando corrigidos. Assim, ganharemos capacidade e merecimento de poder, um dia, conviver com espíritos elevados, voltados ao amor, ou seja, seres redimidos. Vencedores de árduas porfias nas jornadas de refinamentos íntimos e trabalhos enobrecidos em favor do bem-estar do próximo.

Capítulo 36 - OPORTUNOS ESCLARECIMENTOS.

Tanto Matilde quanto Murilo adquiriram o hábito salutar de visitar, com relativa freqüência, o irmão Matias.

Eles sabiam que o bom médium sempre tinha algo para oferecer a todos que o buscavam ávidos de orientações e lenitivos para as suas dores. Assim, vamos encontrar os dois, neste instante, na casa do incansável seareiro do bem.

Após conversarem, por mais de hora e meia, sobre assuntos ligados à Doutrina Espírita, cada um expondo o seu ponto de vista a respeito, chegou alguém igualmente necessitado em dialogar com o médium, no sentido de obter elucidações doutrinárias. Tratava-se de um jovem freqüentador da casa. Chamava-se Arlindo. Entrou, cumprimentando a todos.

- Arlindo, faz tempo que você não aparece! O que o traz aqui? - perguntou Matias.

- Eu deixei de comparecer, por duas semanas, em virtude de ter que solucionar alguns problemas. Agora está tudo em ordem. Não sabia que o senhor estava com visitas. Eu voltarei mais tarde.

- Depende do motivo da sua visita.

- Eu tenho uma dúvida; gostaria de saber a sua opinião a respeito.

- Diga do que se trata - solicitou Matias.

- É o seguinte: um dos meus colegas afirmou que todas as religiões levam as criaturas a Deus. É verdade? - inquiriu Arlindo, interessado em dirimir a dúvida.

- Nós estávamos exatamente trocando pontos de vista sobre temas doutrinários. Assim, o seu desejo vem a propósito. Vamos examiná-lo, nós quatro, a fim de obtermos a elucidação almejada - acrescentou o médium, sorrindo.

- Ótimo! Sou todo ouvidos.

- Caro Arlindo, nós sabemos que Deus é espírito; logo, só deve ser entendido e procurado dessa maneira (João 4:24), conforme deixou bem claro o Divino Mestre.

- Boa argumentação - adiantou Murilo, que acompanhava vivamente as ponderações do bondoso Matias.

- Vejamos como procedem os católicos nas suas atividades religiosas. Usam velas, incenso, terços, santinhos, altares, imagens, paramentos, etc. Tais práticas exteriores jamais foram adotadas pelo Cristo. Administração de sacramentos, realização de batismos e casamentos, concessão de indulgências. Atos que não encontram igualmente respaldo nas orientações dadas por Jesus.

- Realmente - comentou Matilde. - Não dá para entender como citadas normas foram introduzidas nessas práticas religiosas classificadas como cristãs!

- Analisemos, agora, o protestantismo, englobando todas as ramificações ditas evangélicas. Os adeptos consideram-se filhos de Deus, aqueles que não professam tais ideologias não passam de criaturas, apenas. Estudam a Bíblia, de capa a capa, com base na letra que mata, e não pelo espírito da letra que vivifica, conforme bem acentuou o apóstolo Paulo (II aos Coríntios 3:6). Os protestantes julgam-se salvos, os demais irmãos de outras religiões, coitados! Estão destinados ao inferno eterno.

- Existem conceitos comuns entre as duas correntes religiosas citadas e o Espiritismo? - inquiriu Arlindo.

- A existência de Deus e a imortalidade da alma.

O catolicismo prega que o espírito nasce juntamente com o corpo e, por ocasião da morte, se durante a vida cometeu pecados capitais, irá fatalmente para o inferno. Caso não tenha se comprometido tanto, não chegando a ser bom estagiará por algum tempo no purgatório, podendo ainda um dia ser promovido ao céu. Aqueles que cumpriram fielmente os sacramentos da igreja, irão sem dúvida para o céu. São princípios básicos da igreja.

- Eu conheço bem essas coisas. Antes de ser espírita, era católica - argumentou Matilde.

- Os protestantes também aceitam a existência de Deus e a imortalidade da alma. Para eles a alma é criada no ato do nascimento da criança. Após a morte, a criatura passa a dormir até o dia do juízo final. Aquelas que tiveram fé no sangue de Cristo, serão levadas para o céu; aquelas que, infelizmente, não acreditaram, terão o destino do inferno. A fé para os protestantes é o fiel da balança. Ignoram o que o apóstolo Tiago anotou na sua carta: "A fé sem obras é morta" (2:2). Afirmando que no dia do juízo final, haverá "a separação dos bodes das ovelhas" (Mateus 25:32 a 46). Matias fez breve pausa. depois continuou:

O Espiritismo ensina que todos nós fomos criados simples e ignorantes, dispondo dos recursos necessários à nossa evolução, que se dará através das incontáveis reencarnações, tantas vezes quantas forem necessárias. Além das vidas sucessivas, iremos também, pelo progresso conquistado, ingressar em outros mundos, ou seja, outras moradas da casa do Pai (João 14:2), mais adiantadas que a Terra, até atingirmos a perfeição, embora esta seja sempre relativa, jamais absoluta. Infinito só Deus, nós seremos sempre finitos. Através das reencarnações nós enfrentaremos exatamente as situações criadas por nós mesmos no pretérito, corrigindo o que fizemos de errado, resgatando delitos cometidos a dano do nosso semelhante; além de desfrutar de ensejos de aprimoramento espiritual nos campos: intelectual, moral e espiritual.

- A Doutrina Espírita tem como base fundamental os ensinamentos de luz do Cristianismo. Aliás é o Consolador prometido por Jesus (João 14:26) - argumentou Matilde, que não perdia uma só das palavras do expositor, que se revelava inspirado.

- Exatamente! O fogo eterno citado na bíblia, corresponde à dor, que é eterna, sim, como fator de reabilitação, considerando que sempre existirão espíritos necessitados desse tipo de terapia redentora. Contudo, assim que os débitos forem sendo saldados, a criatura deixará de sofrer e passará a desfrutar da felicidade. Não podemos olvidar que Deus é

justiça, porém igualmente Misericórdia. Todos os seres por mais culpados e comprometidos com as Leis Divinas, serão um dia livres e felizes.

Se Jesus pregou o perdão (Mateus 18:22), como entender que Deus, sendo amor, permita que os seus filhos sejam condenados eternamente ao inferno? Jamais! Trata-se de absurdo dos absurdos!

- As suas afirmativas são bastante claras e expressam a verdade. Não podemos aceitar tal realidade de outra forma, sem colidirmos com os sábios Desígnios Divinos - aduziu Murilo.

- É fácil, queridos irmãos, distinguir a verdade da impostura. Tudo que se choca com a Sabedoria, Misericórdia e Justiça de Deus, precisa ser descartado como inútil e prejudicial. Não importa quem esteja afirmando; as lições do Evangelho não se contradizem, basta compararmos versículo com versículo, ensinamento com ensinamento. Dessa avaliação nascerá a luz, não a dos homens, evidentemente, mas a de Deus.

- Muito bem! . . . Muito bem! . . . - o grupo fez coro.

- O que nos leva a Deus não é esta ou aquela religião, mas a espontânea e genuína vivência do Amor e da Bondade para com todos sem querer receber recompensas ou gratidão. Todavia, podemos afirmar, sem laborar em erro, que a Revelação Espírita, fundamentada na verdade sem interpolações e artifícios, oferece melhores esclarecimentos espirituais à conquista da nossa redenção.

Capítulo 37 - SERVIDOR DO CRISTO!

Em uma manhã de sol, na estação mais bela do ano: a primavera, quando o cenário terrestre veste-se de flores, balsamizando a atmosfera de delicados e sutis perfumes, levados ao sabor da brisa acariciante, o velho Matias deixou o vaso físico, vitimado por um enfarto do miocárdio.

Como não poderia deixar de ser, todos prantearam a sua partida. Abriu-se uma lacuna difícil de ser preenchida, tendo em vista a natureza do seu elevado labor junto àquela comunidade das mais humildes e carentes.

Matilde, mais do que ninguém, sentiu a partida do grande benfeitor. Sabia da perda irreparável, sobretudo naquela altura da sua vida de sofrimentos.

Quantas pessoas, vencidas por dores superlativas encontraram lenitivo, conforto e, às vezes, até a cura dos seus males no atendimento amoroso do prestativo médium. Após ter bem cumprido a sua nobre missão, por certo estaria agora recebendo os louvores de sua vitória sobre as coisas transitórias, perecíveis e enganosas do mundo.

Convém lembrar que esse incansável benfeitor dos oprimidos e necessitados, era viúvo e não tinha filhos todavia, cuidava como ninguém dos filhos alheios, mister dos mais enobrecedores aos olhos de Deus. Criar e educar os próprios filhos é dever intransferível que compete aos pais realizar com muita dedicação e amor, abnegação e renúncia.

Cuidar dos filhos alheios, proporcionando-lhes recursos para crescerem dignos, principalmente transmitindo-lhes lições e exemplos saudáveis, é, sem dúvida, tarefa das mais meritórias. Ao longo da sua preciosa vida, quantas criaturinhas receberam de suas mãos abençoadas: agasalho, alimento, remédio, ou então, de seus lábios, palavras de entendimento e amor.

Bom velhinho! Que Jesus, o amigo incondicional de nossas almas, o ampare e ilumine sempre, norteando seus passos na vida espiritual! Sabemos que o seu mister de auxiliar o próximo continuará, agora, mais intenso, tendo em vista o sofrimento que se abate sobre a Humanidade enferma, esquecida de que o único caminho que nos leva à redenção definitiva é, inegavelmente, o conhecimento e a vivência das lições de vida Eterna do Evangelho do Cristo.

Nas camadas mais pobres e sofridas da população, com muita frequência, surgem autênticos seareiros do bem. Suas tarefas consistem em esclarecer e orientar, apoiar e amar os seus semelhantes nas lutas ásperas da existência terrena, sempre pródiga em expiações dolorosas, difíceis de serem suportadas, sobretudo por indivíduos que não estão amadurecidos e preparados para tal fim. Contudo, as experiências da vida vão, a pouco e pouco, aprimorando o ser humano, indicando-lhe, inclusive, o melhor caminho a ser palmilhado na aquisição da felicidade almejada.

Citados apóstolos do bem representam a Misericórdia Divina junto ao povo amargurado e infeliz, que segue desfalecente sem rumo, desorientado e aflito em busca de algo que possa ajudá-lo de alguma forma a entender e aceitar os sacrifícios e os obstáculos da jornada.

Os ensinamentos sublimes da Boa Nova do Cristo são, indiscutivelmente, a solução indicada para os problemas angustiantes da alma humana. É bem verdade que tais lições precisam ser testemunhadas por nós, ou seja, exemplificadas nas atividades do dia-a-dia, comprovando a nossa convicção nas Verdades Eternas. O Evangelho ensina amor, deve-se, pois, amar a todos os nossos semelhantes indistintamente, inclusive aos nossos inimigos (Mateus 5:44), até porque se amarmos somente aos nossos amigos, nada de especial estaremos fazendo aos olhos de Deus. O Evangelho ensina perdão, devemos, portanto, perdoar sem reservas a todas as pessoas, com esquecimento completo de todos os agravos recebidos.

Quanto maior a agressão e o prejuízo sofridos, maior o perdão e, conseqüentemente, maior o mérito conquistado diante da Providência Divina. Sobre o assunto, Jesus manteve breve diálogo com o apóstolo Pedro, quando este lhe perguntou:

- "Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?"

- "Não te digo que até sete, mas, até setenta vezes sete". - Respondeu-lhe o Divino mestre (Mateus 18:21 e 22).

Matematicamente o resultado do cálculo acima nos oferece o seguinte número: 490. Atingindo esse número devemos parar de perdoar? Absolutamente! Precisamos perdoar 490 vezes por minuto, por hora, por dia, ou seja, perdoar sempre.

Matias conhecia e exemplificava tais ensinamentos de Jesus, favorecendo com o seu apoio aos mais carentes. Assim, o povo daquela região pobre, compareceu, em massa, ao sepultamento do legítimo seareiro do Cristo, retribuindo a atenção fraterna que sempre recebera, ratificando o amor que lhe dedicava. Havia tristeza nos corações e lágrimas nos olhos. Aquele espírito abnegado que partiu a do cenário terreno bem que merecia a libertação, depois de vencer tantas porfias ásperas e difíceis que tivera pela frente, logrando a palma da vitória com louvor!

No plano espiritual havia intensa atividade, bem antes do epílogo de sua vida terrena. Os Benfeitores amigos, sabedores do desencarne, por antecipação, apresentaram-se solícitos e operosos, recebendo nos braços amáveis aquele que havia sido o sustentáculo dos seus semelhantes, atingidos pela dor, amparando-os cristãmente.

Os Mentores colocaram carinhosamente Matias em uma maca e levaram-no a um hospital de atendimento espiritual. A morte sempre causa alguma perturbação na hora extrema, salvo raras exceções. O Livro dos Espíritos, na questão de n. 164, esclarece:

- "A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os espíritos?"

- Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado, se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.

O estado espiritual dos seres após a morte fisiológica, varia de zero ao infinito. Não há dois casos absolutamente iguais. Cada um de nós é um indivíduo ímpar.

Feliz daquele que cumprir com zelo e dedicação o seu dever na Terra, realizando o programa adrede preparado pelos Benfeitores amigos, antes do seu regresso à veste física.

No plano espiritual, o que valem são as obras dignas realizadas em prol da necessidade alheia, com desapegado amor, objetivando sempre a vontade de servir. O Espiritismo ajuda bastante o indivíduo na hora extrema; todavia, não é o suficiente, falam mais alto os atos de amor, marcados pela renúncia e concretizados em nome de Jesus, ou seja, sintonizados com as normas estabelecidas pelo Evangelho do Cristo.

Cada uma daquelas criaturas que acompanharam o féretro, no retorno aos seus lares, levava consigo sentimentos de carinho e gratidão para com aquele que se fora, deixando na sua passagem pela Terra um rastro de luz e o perfume da caridade, em testemunhos de amor aos pequeninos que seguem aflitos e desorientados, necessitados de amparo e orientação.

Matias jamais disse não, a quem quer que fosse.

Atendia a todos, sorrindo, proferindo palavras de conforto e confiança nos Desígnios Divinos.

Foi, sem dúvida, um autêntico apóstolo do bem, servidor do Cristo!

Capítulo 38 - A LIBERDADE, ENFIM.

Matilde envelhecera demais durante a permanência de Reinaldo no presídio. Sua fisionomia apresentava evidentes sinais de velhice precoce, motivada pela longa preocupação com o filho. Os seus recursos financeiros eram minguados, não havendo, portanto, possibilidades de se contratar um bom advogado, no sentido de avaliar corretamente a situação de Rei e tomar as providências cabíveis sobre o assunto.

Diante de tal obstáculo, resolveu trabalhar mais, conquanto já se sentisse bastante cansada pelas constantes faxinas que executava semanalmente. Uma das suas amigas lhe dissera que a dona Eunice, esposa do Dr. Diógenes, precisava de uma faxineira. Assim, naquela manhã, Matilde dirigiu-se à residência indicada.

Atendida pela interessada, aceitara, de pronto, o serviço em sua residência, uma vez por semana. Agora, teria que trabalhar a semana inteira, exceto aos domingos. O seu objetivo era economizar o suficiente, para poder contratar um advogado capaz de defender os direitos do seu filho, colocando-o em liberdade.

Eunice ficara maravilhada com a nova serviçal, sabia executar o serviço de limpeza com rapidez e perfeição. Até então, jamais havia encontrado pessoa mais capacitada nesse mister. Sempre silenciosa e interessada nas tarefas, deixando tudo limpo a contento. Eunice notara que Matilde tinha problemas, sua fisionomia revelava-se um tanto triste, porém não quis fazer perguntas nesse sentido, a fim de não tornar-se inconveniente. Ao final do dia, quando o esposo regressou ao lar, inteirou-o do sucedido:

- A nova faxineira, meu bem, é excelente profissional, esperta e limpa, sabe trabalhar como ninguém.

Contudo, tenho certeza de que ela tem sérios problemas, pode-se facilmente concluir pela tristeza que seu rosto revela, mais particularmente seus olhos - informou Eunice.

- Eu já a conhecia. Ela freqüentava a casa do bondoso velho Matias . . .

- Então ela é espírita? - interrompeu-o Eunice.

- Parece que sim. Converse com ela na próxima semana, quem sabe se até poderemos auxiliá-la a solucionar os seus angustiantes problemas.

- Perfeitamente! Preciso saber o que se passa com ela. Talvez até possamos ajudá-la, o que seria muito bom.

Na semana seguinte, Matilde, pontualmente, compareceu ao serviço, com a mesma disposição e boa vontade. Eunice observou-a mais atentamente, chegando à conclusão de que a serviçal realmente vivia situações aflitivas. Assim, procurou conversar com ela, na intenção de conhecê-la melhor; por outro lado, Matilde igualmente, precisava se desabafar, liberar o seu peito da mágoa represada ali há tantos anos. Como confiava na discrição da patroa, resolveu confidenciar-lhe todo o seu pungente drama.

Eunice ficou admirada com a força interior daquela mulher, que fazia da abnegação e da renúncia, os apoios mais decisivos da sua preciosa vida.

- Matilde, posso contar ao Dr. Diógenes o seu caso? Você ainda não sabe, mas ele é advogado, e dos bons.

- Dona Eunice, se ele puder me ajudar eu ficarei imensamente grata e pagarei com o meu trabalho o que ele pedir - respondeu Matilde, com os olhos marejados de lágrimas.

- Confiemos na Providência Divina - tornou Eunice.

Ao final do dia, o Dr. Diógenes foi inteirado pela esposa dos acontecimentos tristes que marcavam a alma sensível de Matilde, esclarecendo-o ainda tratar-se de excelente pessoa, merecedora do seu apoio profissional. De posse do nome do rapaz, fornecido pela mãe, o advogado foi ao Fórum e retirou o processo para estudá-lo, conhecendo, então, os pormenores do caso. Reinaldo cumpria pena há mais de sete anos.

Após essa verificação, foi ao presídio, a fim de saber dos hábitos do rapaz, junto ao diretor do estabelecimento penal, sendo inteirado do seu bom comportamento; pediu, inclusive, uma declaração daquela autoridade, nesse sentido.

Em seguida, procurou conhecer Ricardo, que ratificou, detalhe por detalhe, tudo que ele já sabia. Tratava-se, realmente, de um bom moço, que almejava reabilitar-se e não mais reincidir nos crimes praticados. Os longos e penosos anos de prisão modificaram radicalmente o seu caráter. Agora, o jovem via a vida como verdadeiramente ela é, não mais com as tintas da ilusão e da fantasia. Ele pretendia voltar a estudar e trabalhar, ser útil à sociedade.

Assim, o Dr. Diógenes, com base no processo e nas informações recebidas, encaminhou ao Juiz da comarca um pedido de soltura, a fim de colocar o seu tutelado em liberdade condicional. Decorridos alguns dias, o Dr. Diógenes recebe a resposta ao seu

pedido: concedido. Uma cópia do expediente foi encaminhada ao diretor do presídio, para os devidos fins.

Entretanto, havia ainda uma pendência a solucionar: era preciso arranjar uma carta de emprego a Reinaldo, sem a qual não seria possível libertá-lo. O Dr. Diógenes prontificou-se a contratá-lo para preencher a vaga deixada por uma funcionária que pedira demissão por ter-se casado.

Assim, os obstáculos foram removidos e, na tarde do dia seguinte, Rei foi colocado em liberdade, estando, porém obrigado a comparecer regularmente ao presídio, a fim de cumprir exigências da Lei.

No grande portão do estabelecimento penal, duas pessoas queridas ao seu coração o aguardavam: Matilde, sua abnegada mãe e Cíntia, sua namorada, que haviam sido informadas da sua saída. Os três abraçaram-se forte mente, chorando emocionados, pela vitória alcançada. Matilde foi quem quebrou o silêncio:

- Graças a Deus, meu filho. Foi Deus quem colocou o Dr. Diógenes no nosso caminho. A ele devemos tudo! Que pessoa maravilhosa!

- Mamãe, Cíntia . . . agora vou começar vida nova, hoje finalmente eu renasci, jamais pretendo pôr em perigo a minha liberdade. Quero seguir os seus passos, mamãe; quero ser estudioso e trabalhador; quero me casar com Cíntia, ter um lar e filhos. Ah! Como eu fui ignorante! Quantas coisas boas eu deixei de realizar durante os sete anos de prisão; reconheço que mereci o castigo.

Agora estou renovado! Mamãe! . . . Vida nova! . . .

Deus o ouça, meu filho. Faço gosto em vê-los casados - falou Matilde, abraçando carinhosamente os dois jovens.

- Amanhã, bem cedo, iremos ao escritório do Dr. Diógenes, precisamos conversar com ele, agradecendo, inclusive, pelo trabalho eficiente que efetuou a nosso favor. Necessitamos, igualmente, saber quanto lhe devemos pelos excelentes serviços que nos prestou - falou Cíntia.

- Cíntia, você sabia que eu vou trabalhar no escritório dele?

- Sabia, sim; sua mãe me contou. Estou imensamente feliz!

Assim, os três seguiram em direção à casa de Matilde, levando nos corações uma grandiosa esperança, que os fazia entrever um futuro pleno de felicidades.

Capítulo 39 - AO ENCONTRO DA VIDA!

Seis meses passaram-se, depois dos últimos acontecimentos narrados no capítulo anterior. Bombom acordara deprimido, até parecia que toda mágoa do mundo estava concentrada no seu peito. Havia um presságio de dores intensas ao redor de si; nem mesmo a visita que fizera a Matilde, naquele dia, dissipara a triste expectativa em que se via mergulhado. O dia todo transcorreu dessa forma: amargurado, inquieto; tinha a nítida impressão de que algo grave estava na iminência de acontecer.

Durante toda a sua apresentação no Circo, teve que superar-se, em muito, para levar o espetáculo até ao seu final. No último número, quando a dor fizera-se mais intensa, uma garota de oito anos, presumivelmente, veio ao seu encontro com os bracinhos estendidos, querendo abraçá-lo. Bombom teve a nítida impressão de que era a sua Cristina que ali estava diante de si. Suas pernas curvaram-se e ele, de joelhos, abraçado à menina, começou

a rir, enlouquecidamente, depois passou a chorar convulsivamente, ao entender que não era a sua filha e, sim, uma menina da platéia. A menor ficou assustada com o comportamento do palhaço; desvencilhando-se dos seus braços, correu para junto dos pais. O público, pensando tratar-se de um quadro adremente preparado, aplaudiu-os de pé.

Entretanto, ao notar que os companheiros do artista, correram para socorrê-lo, entenderam o drama vivido pelo palhaço. Bombom foi levado, às pressas, ao seu quarto humilde e acomodado no leito. Em seguida, disseram-lhe, com carinho:

- Fique tranqüilo, agora tudo está bem; depois voltaremos. Descanse. Foi um dia muito desgastante.

Anoitecia. Bombom não conseguia tranquilizar-se.

Levantou-se e saiu. As primeiras sombras da noite amortalhavam o dia. O palhaço tinha necessidade de andar, de fugir de tudo e de todos. O peito doía. A cabeça estava confusa. Precisava chorar... chorar muito. Após ter andado por mais de uma hora, chegou até a margem de um rio, ali já estivera anteriormente, várias vezes. Conhecia bem o local. Estava escuro como breu. Levantara um vento impetuoso, forte, que agitava com violência as árvores; relâmpagos cruzavam a atmosfera, de todos os lados.

Bombom julgou oportuno procurar um abrigo, pois a chuva não demoraria a desabar torrencialmente sobre aquela região. Nas imediações, havia uma velha casa em ruínas, toda destelhada, sem janelas nem portas, situada bem próximo à margem do rio. O palhaço, algumas vezes, refugiara-se no seu porão. Foi em direção à casa; o porão estava úmido e fétido. Entrou. Caminhou dois ou três passos, encontrando uma pedra. Sentou-se.

Naquele instante, inolvidável para ele, toda a sua vida foi lembrada, até parecia que os acontecimentos, felizes e infelizes, ganharam vida nova, tal a força com que a floravam à sua mente: a infância, a juventude, a maturidade. Que fenômeno maravilhoso! O que estaria acontecendo? Os episódios contrastantes pela sua natureza, apresentaram-se com o mesmo vigor da época! Passou, então, a fazer uma avaliação da sua vida. Afinal, conquanto as amarguras enfrentadas, havia ficado um saldo de conquistas e experiências valiosas que enriqueceram o seu espírito! Agora tinha convicção de que Deus é realmente Sabedoria, Misericórdia e Justiça sem limites. Que havia sofrido situações criadas por si mesmo em vidas pretéritas, que se perderam na voragem do tempo. Que, concluída a sua atual existência, continuaria a viver, pois era imortal, destinado a lograr a perfeição em todos os aspectos, apesar desta ser sempre relativa, jamais absoluta. A dor aprimorara o seu espírito, sentia isso no imo do seu ser. A vida de dores e sacrifícios não havia sido em vão, fora um bem e não um mal. Quantas lições magníficas havia recebido dos companheiros: Matilde e Matias! E a ajuda fraterna de Matilde, no momento decisivo de sua jornada terrena, após o incêndio, não significava a Misericórdia Divina, que jamais faltara nas horas mais difíceis do seu destino, de amarguras incontidas .

Nesta altura, o temporal desabara, incontrolável, torrencial. Bombom ouvia o estrondo provocado pela queda de algumas árvores, Pensou: - O céu está chorando por mim - O rio transbordou, as águas seguiam em todas as direções, ameaçadoras, avançaram contra a casa, derrubando, inclusive, várias paredes e enchendo o porão. Bombom, assim que pressentiu a tragédia prestes a acontecer, levantou-se e correu em direção à saída, mas já era tarde demais! Não teve forças! Jesus! .Querido Mestre! . . . Socorrei-me! .

Aquele grito proferido com tanta força e desespero, antecedeu o grande silêncio.

Tudo estava terminado. O corpo do artista foi encontrado dois dias depois, por garotos que colhiam frutos silvestres, naquelas imediações, e reconhecido imediatamente, pois ainda estava vestido de palhaço. No seu sepultamento, os companheiros do Circo,

acompanhados de uma pequena multidão lhe prestaram a última homenagem. Acompanharam-no até a derradeira morada, todos cabisbaixos, chorando todas as lágrimas do mundo.

Na hora do desencarne, assim que Bombom rogou Jesus socorrê-lo, sentiu que mãos carinhosas o ampararam com amor. O horror do episódio havia desaparecido por completo, dando lugar a gratificantes vibrações amoráveis que tomavam todo o seu ser. Em seguida, pôde ver ao seu lado alguém muito querido ao seu coração!

- Cristina! . . . Cristina! . . .

Papai! . . . Agora tudo passou; graças a Deus....temia por este momento. Uma grande dívida contraída pelo senhor em outra existência, foi devidamente quitada. Agora poderemos realmente ser felizes!

- Então, eu tirei a vida de alguém, por afogamento?

- Perfeitamente! O seu egoísmo falou mais alto, determinando uma torpe vingança. O senhor eliminou um seu desafeto dessa forma. Conseguiu fazer com que ele dormisse pesadamente, sob o efeito de tranqüilizantes, administrados na bebida, depois libertou-se dele precipitando-o nas águas revoltas de um rio.

- Preciso ajudar esse irmão! - falou Murilo com ênfase, revelando os seus renovados sentimentos.

- Com o tempo. Agora vamos providenciar o mais urgente - informou Cristina, acenando para que dois jovens se aproximassem, para o indispensável atendimento.

Eles estavam vestidos de branco e pertenciam a uma Instituição socorrista; fizeram com que Murilo deitasse em uma maca e carregaram-no: velozes, até a casa de recuperação, destinada a atender recém-desencarnados merecedores de ajuda espiritual. Durante trinta dias, Murilo esteve ali internado, recebendo tratamento específico ao seu caso; através de terapia adequada e passes magnéticos aplicados regularmente. As possíveis vibrações materiais que ainda persistiam em seu perispírito foram eliminadas. As suas forças foram levantadas, agora sentia-se possuído de vigor até então desconhecido; estava leve e forte, seus pensamentos fluíam equilibrados e saudáveis; a tristeza e o desespero não mais atormentavam o seu coração.

- Papai!... é chegada a hora de partir...

- Para onde, minha querida filha? - interrompeu-a Murilo, demonstrando toda a alegria de que estava possuído.

- Vamos trabalhar! Há muito que fazer em prol dos sofredores, presentes em grande número por toda parte, precisamos corresponder à ajuda de Jesus, que acabamos de receber. O acréscimo de misericórdia a nosso favor foi imensamente grande!

Assim, os dois, abraçados, afastaram-se da Instituição socorrista, em busca de tarefas enobrecidas.

Capítulo 40 - ALGEMAS ABERTAS.

Como a Terra ainda é planeta de provas e de expiações, a Humanidade enfrenta vicissitudes e sacrifícios de todos os matizes, notadamente neste fim de século, ocasião em que o sofrimento se fará presente, cada vez mais intenso, como elemento de depuração individual e coletiva dos seres humanos compromissados com o passado e pertencentes a esta habitação de progresso redentor.

Todos nós, de alguma forma, estamos ligados a esse processo evolutivo, como precursor de um tempo novo. Época em que reinará entre os habitantes desta moradia a verdadeira fraternidade, sedimentada na conscientização de valores espirituais logrados e a conseqüente prática da lei do amor na sua mais sublime expressão. Enquanto o advento dessa nova era não se instala na face deste planeta, seremos apenas criaturas algemadas .

Algemadas ao egoísmo, disputando ferozmente os bens materiais, perecíveis e transitórios, que sofrem a ação das traças e da ferrugem, além de despertar a cobiça dos ladrões (Mateus 6:19). A confirmação de tudo isso podemos facilmente encontrar nos jornais, rádios e tevês. Quem é rico materialmente quase sempre é pobre espiritualmente, ou vice-versa. Não podemos, ao mesmo tempo, servir a Deus e às riquezas do mundo (Mateus 6:24). O egoísmo é a antítese da caridade, a excelsa virtude.

Algemados ao orgulho, nutrindo pensamentos de que são seres privilegiados, de que tudo gira ao seu redor a fim de atender apenas às suas conveniências. O orgulho cega tais criaturas, fazendo-as sentirem-se maiores e melhores que todas as demais pessoas; julgando merecer a atenção e consideração de todos, em qualquer circunstância. Jesus afirmou: "Quem se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado" (Mateus 23:• 2).

O orgulho é o oposto da humildade, uma das maiores virtudes. Quem a considerar covardia, está totalmente equivocado!

Algemados a preconceitos religiosos, limitados no entendimento, arvorando-se em únicos donos da verdade, esquecidos de que "onde há o espírito do Senhor aí há liberdade", conforme deixou bem claro o apóstolo Paulo na sua segunda epístola aos Coríntios, · 3:17. A legítima religião é a do amor. O Evangelho do Cristo, em síntese, é amor sublimado, que não conhece fronteiras nem obstáculos de quaisquer naturezas, livre de preconceitos absurdos e tacanhos. Não existe senda libertadora fundamentada em outro princípio, que não seja o do amor cristão.

Algemados à incredulidade, desconhecendo ou então não aceitando a existência de Deus, nosso Pai Celestial. O perfume delicado da flor do campo. A brisa suave que beija a nossa face. A atividade disciplinada dos insetos. A vida dos animais, seres em progresso constante e ininterrupto. O sorriso ingênuo e confiante das crianças, que serão o futuro da Humanidade. A inteligência dos homens na busca permanente de novas conquistas no campo da tecnologia e, infelizmente, marcando passo no aspecto moral e espiritual. A harmonia reinante no Universo, Casa de Deus, onde tudo está subordinado a Leis Sábias e Perfeitas, que não comportam falhas nem omissões.

Tudo prova a existência de Deus, basta termos olhos de ver e ouvidos de ouvir (Marcos 8:18).

Algemados à ignorância, desconhecendo os mais mezinhos princípios da sabedoria, justiça e amor, flagráveis por toda parte, comprovando a maravilhosa e perfeita Obra Divina. Voltados unicamente para as coisas terra-terra, sem poder avaliar a grandeza espiritual retratada nas pequenas coisas e nas incomensuráveis, como o Universo, composto de milhões de milhões de galáxias, cada uma contendo centenas de milhares de planetas e de estrelas fosforescentes.

Algemados a sofrimentos depuradores que bem revelam os graves comprometimentos de cada criatura face às falhas e delitos cometidos em vidas pregressas.

Agora, a Lei de Causa e Efeito exige a indispensável reparação pelos crimes perpetrados, na forma de dores e lágrimas lancinantes. Somente depois de ressarcidos os débitos anteriormente contraídos, é que o espírito, ganhará condições para desfrutar de

posição melhor na escala evolutiva, podendo inclusive conviver com seres já redimidos e felizes.

Algemados... algemados... algemados...

Assim, os principais protagonistas deste romance, não fugiram à rotina, também estiveram algemados.

Matilde, a situações aflitivas com seu filho, empenhando-se em trazê-lo para o caminho do bem; além de conhecer a penúria em que vivia o seu lar. Fazia da paciência e da penúria as suas melhores companheiras, confiando sempre na Providência Divina.

Reinaldo, segregado da sociedade, pagando delitos cometidos e procurando conquistar novamente a liberdade para ter condições de realizar os seus ideais, casando-se com a mulher amada e construindo um lar feliz.

Cristina, presa a débito de vidas anteriores, enfim livre e capacitada a dedicar-se a eventos sublimes na seara do Divino Amigo, de quem se tornara serva incansável.

Matias, o grande benfeitor dos pobres e desventurados, após o término de sua jornada, conquistou merecidamente a tão almejada liberdade e condições favoráveis de prosseguir nas tarefas de amor, com vistas a reabilitação dos infortunados de toda sorte.

Murilo, todavia, foi o grande vitorioso; numa vida de sofrimentos intensos e pungentes, seu espírito logrou um triunfo dos maiores. A dor e o tempo produziram no seu íntimo uma marcante renovação, propiciando-lhe ensejos de poder viver feliz ao lado daquela que sempre foi o seu tesouro sublime. O êxito conquistado criara uma perspectiva de elevadas realizações de amor, nas leiras infinitas do tempo e do espaço.

Quando as criaturas humanas triunfarão de vez sobre as dependências constringedoras que ainda as algemam ao passado de sombras e delitos?

A vitória sobre os compromissos antigos somente acontecerá quando a Humanidade conhecer a verdade e viver espontaneamente a lei do amor na sua plenitude.

Nessa ocasião, os homens estarão libertos das algemas inoportunas que tanto limitam as atividades humanas. A Terra é escola bendita de instrução e trabalho e a dor é a mestra infalível e incansável.

Na seqüência de longos períodos de expiações e de provas correspondentes, através de incontáveis vidas sucessivas, os espíritos vão atingindo estágios indispensáveis de conscientização a respeito da verdadeira vida, quando estarão capacitados a realizarem ações compatíveis com a Sabedoria e Justiça Divinas.

Nesta altura, reinará sobre a Terra o advento de uma nova Era, de estudos e de trabalhos dignos, em prol de uma Humanidade livre das limitações impostas pelo passado e capacitada a realizações de amor sublimado, em nome daquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Que as vibrações amoráveis de Jesus sejam uma constante em nossas vidas.

FIM

* VOCÊ LEU E GOSTOU, POR CERTO, DE CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE O ESPIRITISMO, QUEREMOS QUE VOCÊ LEIA AGORA AS OBRAS BÁSICAS:

- O Livro dos Espíritos;

- O Livro dos Médiuns;
- O Evangelho Segundo o Espiritismo;
- O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo;
- A Gênese ou os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo.

Esses excelentes livros, codificados por Allan Kardec, podem ser encontrados em qualquer livraria ou banca de livros espíritas de sua cidade.